Vida

O VÉU RASGADO

Mulher muçulmana descobre o evangelho pela cura da sua paralisia, e sofre o desprezo da família e da sociedade.



Gulshan Esther
e
Thelma Sangster

Table of Contents

VIAGEM À MECA

A PEREGRINAÇÃO

A ÁGUA DA VIDA

AS NÚPCIAS

O AGUILHÃO DA MORTE

O AUTOMÓVEL

A FAMA

O LIVRO

O BATISMO

IRMÃS

PRESA

O TENTADOR

A VELA

TESTEMUNHA DE CRISTO

CONCLUSÃO

CREATED BY JUTOH - PLEASE REGISTER TO REMOVE THIS LINE

CAPÍTULO UM

VIAGEM À MECA

Eu não teria, no decorrer normal dos acontecimentos, desejado vir à Inglaterra naquela primavera de 1966. Eu, Gulshan Fátima, a caçula de uma família muçulmana Sayed, descendendo do profeta Maomé através daquela outra Fátima, sua filha, sempre levara uma vida serenamente retirada dentro de casa no Punjab, Paquistão. Isso ocorria não apenas por eu ter sido criada no *purdah* (véu usado para cobrir o rosto) desde os sete anos de idade, de acordo com o severo código islâmico ortodoxo dos xiitas, mas também por eu ser paralítica e impossibilitada de, sem ajuda, sair do quarto. Um véu ocultava meu rosto dos homens que não fossem os parentes permitidos, isto é, meu pai, dois irmãos mais velhos, e um tio. Na maior parte do tempo naqueles primeiros quatorze anos de minha frágil existência, minhas fronteiras eram os muros que cercavam nosso vasto jardim em Jhang, uma cidade que ficava a cerca de 400 quilômetros de Lahore.

Foi papai quem me trouxe à Inglaterra — ele, que menosprezava os ingleses por estes adorarem três deuses em vez do Deus Único. Ele nem mesmo me permitiu aprender a "língua infiel" nas aulas com Razia, minha professora, por medo que eu de alguma forma fosse contaminada pelo erro e me afastasse da nossa fé. Contudo, ele me trouxe, após ter gasto altas somas numa busca infrutífera de tratamento em nosso país, à procura do melhor conselho médico. Fê-lo por bondade e preocupação com minha felicidade futura, mas, ao pousarmos no aeroporto de Heathrow, naquele dia em princípios de abril, mal sabíamos quantas dificuldades e tristezas aguardavam nossa família logo adiante. O estranho foi que eu, a paralítica, a mais fraca dos cinco filhos, viesse a tornar-me, afinal, a mais forte de todos, a rocha que despedaçaria tudo o que lhes era caro.

Tudo que tenho a fazer é fechar os olhos, mesmo agora na idade adulta, e diante de mim ergue-se a figura de meu pai, o querido Aba-Jan, alto e

esbelto em seu bem talhado casaco preto de gola alta enfeitado com botões dourados, sobre as calças soltas, e em sua cabeça o turbante branco forrado de seda azul. Vejo-o, como o vi tantas vezes na infância, entrando em meu quarto a fim de ensinar-me minha religião.

Vejo-o em pé perto de minha cama, no lado oposto ao quadro da Casa de Deus em Meca, o lugar mais santo do Islã, a Caaba, erguida, segundo dizem, por Abraão, e restaurada por Maomé. Papai tira o Santo Alcorão da alta prateleira, o lugar mais alto do aposento, pois nada deve ser colocado sobre ou acima do Alcorão. Antes de tudo, ele beija a cobertura de seda verde e recita o *Bismillah i-Rahaman-ir-Raheem* (Começo isto em nome de Deus, o Compassivo, o Misericordioso.) Em seguida, ele desenrola a cobertura de seda verde — não antes de ter realizado cuidadosamente o Wudu (cerimônia de purificação com água), as abluções rituais necessárias antes de carregar ou tocar no santo livro. Ele repete o *Bismillah* e então coloca o Santo Alcorão num anteparo, um pedestal especial em forma de x, tocando o livro apenas com as pontas dos dedos. Ele se assenta para que eu, recostada numa cadeira, também possa ver. Eu também realizei o Wudu, com a ajuda das minhas empregadas.

Com o dedo, papai traça os escritos sagrados na decorativa grafia árabe, e eu, ansiosa por agradá-lo, repito após ele a Fatiha, a Abertura, palavras que entrelaçam todos os muçulmanos em toda a parte:

Louvado seja Alá, Senhor da Criação, O Compassivo, o Misericordioso,

Rei do Dia do Juízo!

Somente a Ti adoramos, e somente a Ti oramos por socorro.

Guia-nos ao caminho reto,

O caminho daqueles a quem favoreceste, Não o daqueles que incorreram na Tua ira, Nem o daqueles que se desviaram.

Hoje estamos lendo Os *Imrans*, no *Sura* (seção do Alcorão)

Alá! Não há Deus nenhum além dele, o Deus Vivo, eternamente existente.

Ele te revelou o Livro que contém a verdade, confirmando as escrituras que o precederam: pois Ele já revelou a Torá e o Evangelho para a orientação dos homens e a distinção entre o certo e o errado.

Estou fazendo o que toda criança muçulmana criada numa família ortodoxa faz desde a mais tenra infância — lendo o Santo Alcorão em árabe. Ele somente pode ser compreendido na língua árabe na qual foi escrito. Nós, muçulmanos, sabemos que ele não pode ser traduzido como se fosse um livro qualquer sem perder parte de seu significado, pois é sagrado.

Quando eu tiver terminado de lê-lo inteirinho pela primeira vez — em torno da idade de sete anos, que é considerada a idade da razão — haverá um banquete para celebrar — que chamamos de "dar o amém ao Santo Alcorão" — e membros da família, amigos e vizinhos serão convidados. No pátio central descoberto de nosso bangalô, onde os homens sentam-se separados das mulheres, o *mulá* (intérprete das leis e dogmas do Islã) recitará preces para marcar a minha chegada a esta nova e importante fase da vida, e as mulheres, sentadas em seu lado do pátio, silenciarão seus mexericos para ouvir.

Chegamos ao final do Sura. Agora vem o meu catecismo. Papai me olha com um sorriso a pairar nos lábios:

— Muito bem, filhinha (pequena Beiti) — diz ele. — Agora, responda-me estas perguntas: Onde está Alá?

Timidamente, repito a lição que conheço tão bem:

— Alá está em toda a parte.

— Alá conhece todas as ações que você comete na terra?

— Sim, Alá conhece todas as ações que cometo na terra, tanto as boas quanto as más. Conhece até mesmo meus pensamentos secretos.

— O que Alá fez por você?

Alá criou a mim e a todo o mundo. Ele me ama e se preocupa comigo. Ele me recompensará no céu por todas as ações boas, e castigará por todas as

minhas más ações.

— Como você pode ganhar o amor de Alá?

— Posso ganhar o amor de Alá mediante completa submissão à sua vontade e obediência aos seus mandamentos.

— Como pode conhecer a Vontade e os Mandamentos de Alá?

— Posso conhecer a Vontade e os Mandamentos de Alá através do Santo Alcorão e das Tradições de nosso Profeta Maomé (Que a paz e as bênçãos de Alá possam estar sobre ele).

— Muito bem — diz papai. — Agora, há alguma coisa que você deseje saber? Tem alguma pergunta?

— Sim, papai, por favor diga-me por que o islamismo é melhor do que as outras religiões? — Pergunto isto não por desejar conhecer algo acerca de outras religiões, mas porque desejo ouvi-lo explicar a nossa religião. A resposta de papai é clara e definitiva:

— Gulshan, quero que sempre se lembre disto. Nossa religião é maior do que qualquer outra porque, antes de tudo, a glória de Deus é Maomé. Houve muitos outros profetas, mas Maomé trouxe a mensagem final de Deus para a humanidade, e não há necessidade de nenhum outro profeta depois dele. Em segundo lugar, Maomé é Amigo de Deus. Ele destruiu todos os ídolos e converteu ao islamismo todo o povo que adorava ídolos. Em terceiro lugar, Deus deu o Alcorão a Maomé, depois de todos os outros livros sagrados. Ele é a palavra final de Deus e devemos obedecer a ele. Todos os outros escritos estão incompletos. Escuto. Suas palavras estão-se inscrevendo nas tábuas da minha mente e do meu coração. Sempre lhe peço que me fale novamente a respeito do quadro que existe em meu quarto. Como é empreender uma peregrinação à cidade santa de Meca, esse ímã na direção do qual todo muçulmano se volta para orar cinco vezes ao dia? Nós também, em nossa cidade, nos voltamos quando, do minarete da mesquita, o *muezzim* (indivíduo que convoca os arabeas à oração) toca o *azzam* (instrumento com o qual se convoca à oração). O som ricocheteia ao longo das avenidas, acima do ruído do trânsito e do mercado, e entra pela tela de

nossas janelas ao alvorecer, ao meio dia, ao cair da noite, e à noite, conclamando os fiéis à oração com a primeira declaração do islamismo:

La ilaha ill Allah,

Muhammad rasoolullah!

Ou seja: Não existe outro Deus além de Alá: E Maomé é o Profeta de Deus.

Papai me explica tudo isso. Ele já fez duas peregrinações — uma vez sozinho e uma vez com a esposa, minha mãe. É o dever de todo muçulmano ir à Meca pelo menos uma vez na vida — com maior frequência se for suficientemente abastado. Ir em peregrinação é o quinto dos Cinco Pilares básicos do islamismo, que une milhões de muçulmanos em muitos países diferentes e assegura a continuação de nossa fé.

— Irei a Meca, papai? — pergunto.

Ele ri e se abaixa para beijar-me a fronte.

— Irá, sim, pequena Gulshan. Quando for maior, e talvez... Ele não termina a sentença, mas sei o que quer dizer: Quando nossas preces por você forem atendidas.

Durante esses períodos de instrução aprendo a devoção a Deus, adquiro apego à minha religião e seus costumes, feroz orgulho em minha linhagem de ancestrais que descendem do Profeta Maomé, através de seu genro Ali, e uma compreensão da dignidade de meu pai, que não é apenas o chefe de nossa família, mas, como descendente do Profeta, é um Sayed e um Xá. Ele é também um *Pir* - um líder religioso, e um senhorio com grande propriedade no campo e um bangalô confortável cercado de jardins na orla de nossa cidade. Começo a compreender porque somos respeitados como família, até mesmo pelo *mulá*, ou *maulvi*, que vem fazer perguntas a meu pai, perguntas sobre religião, que ele mesmo não pode responder.

Olhando para trás agora, posso atribuir um propósito àqueles anos, quando a mente e o espírito desabrocharam como botões de rosa em nosso jardim bem regado, lavrado com tanto amor por nossos jardineiros. Meu nome,

Gulshan, significa em urdu "o lugar das flores, o jardim". Eu, uma planta doentia que trazia esse nome, fui lavrada da mesma maneira por meu pai. Ele nos amava a todos — seus dois filhos, o Xá Safdar e o Xá Alim, e as três filhas, Anis Bibi, Samina e eu. Embora eu o tivesse desapontado por ter nascido mulher, e depois, aos seis meses de idade, ter-me tornado uma frágil paralítica como resultado do tifo, papai me amava tanto quanto os outros, se não mais. Minha mãe, em seu leito de morte, não lhe dera a incumbência sagrada de cuidar de mim?

— Imploro-lhe, Shah-ji, que não se case novamente, por amor à pequenina Gulshan — havia dito ela em seu último fôlego. Ela queria proteger-me, visto que uma madrasta e seus filhos poderiam reduzir o patrimônio da filha da primeira esposa, e tratá-la mal se ela fosse doente e solteira. Meu pai prometera isto muitos anos atrás, e havia mantido a palavra num país onde o homem podia ter até quatro esposas, de acordo com o Alcorão, se fosse abastado o suficiente para tratar cada uma delas com igualdade e justiça.

Esse era o padrão sereno de minha vida, até aquela visita à Inglaterra quando eu estava com quatorze anos. Ela mudou tudo de maneira sutil, dando o impulso inicial a uma cadeia de consequências inesperadas. Eu não tinha o menor pressentimento do rumo que as coisas tomariam enquanto esperava num quarto de hotel em Londres no terceiro dia de nossa visita, com Salima e Sema, minhas empregadas. Aguardávamos o parecer do especialista inglês de quem meu pai ouvira falar enquanto buscava tratamento no Paquistão. Esse parecer decidiria, de uma vez por todas, meu futuro.

Se eu pudesse ser curada da enfermidade que me havia paralisado o lado esquerdo quando eu era bebê, estaria livre para casar-me com meu primo, a quem fora prometida quando tinha três meses, e que se encontrava agora em sua casa em Multã, no Punjab, aguardando notícias de minha cura. Caso contrário, meu noivado teria de ser desmanchado, e minha vergonha seria maior do que se eu me tivesse casado e depois meu esposo tivesse se divorciado de mim.

Ouvimos passos que se aproximavam. Salima e Sema ergueram-se de um salto e ajeitaram nervosamente as largas faixas de suas longas *dupattas*

(lenços ao estilo de cachecol, que as mulheres árabes usam para se cobrir). Salima puxou a minha sobre o meu rosto, enquanto me ocultava sob o cobertor de meu leito. Eu estava tremendo, mas não de frio. Tive de cerrar os dentes para impedir que estalejassem. A porta se abriu e meu pai e o médico entraram.

— Bom dia — disse uma voz agradável, muito educada. Eu não podia ver o rosto desse doutor David, mas podia imaginar que ele ostentava um ar de autoridade e conhecimento. Mãos firmes empurraram para cima minha manga comprida e testaram meu braço esquerdo inerte e em seguida minha perna mirrada. Um minuto se passou e então o especialista se endireitou.

Não existe remédio para isto; apenas a oração — disse o doutor David a meu pai. A serenidade de sua voz era irrefutável. Escutando, deitada em meu leito, ouvi o nome de Deus pronunciado pelo médico inglês desconhecido. Fiquei intrigada. O que ele podia saber de Deus? Depreendi de sua maneira bondosa e compreensiva que ele estava despedaçando nossas esperanças de que eu me recuperasse, e contudo havia apontado o caminho da oração.

Meu pai foi até a porta com ele. Quando voltou, disse:

— Foi muito bom um inglês nos ter aconselhado a oração. Salima dobrou minha dupatta e me ajudou a sentar.

— Papai, ele não poderá curar-me? — Eu não podia impedir que minha voz tremesse. Lágrimas estavam brotando dos meus olhos.

Papai bateu de leve em minha mão inerte e disse depressa:

— Só existe uma maneira agora. Vamos bater à porta do céu. Iremos a Meca conforme planejávamos. Deus ouvirá nossas orações, e pode ser que ainda retornemos à casa com ações de graças. Ele sorriu para mim, e tentei retribuir-lhe o sorriso. Minha tristeza era igualmente a dele, mas ele não estava desesperado. Havia esperança renovada em sua voz. Será que na casa de Deus ou na fonte restauradora de Zamzam alcançaríamos o desejo dos nossos corações?

Permanecemos no hotel durante mais alguns dias, enquanto papai combinava o voo até Jeddah, o aeroporto usado pelos peregrinos que se dirigem a Meca. Ele não o fizera antes por estar esperando o resultado de algum tratamento que nos pudessem recomendar. Ele havia marcado esta visita para antes do mês anual de peregrinação, de modo que após o tratamento pudéssemos ir a Meca dar graças.

Durante aqueles dias de espera, papai saiu a visitar amigos da comunidade paquistanesa ou eles vieram visitá-lo. Normalmente, as mulheres daquelas famílias me teriam visitado. Mas eu tinha vergonha de minha condição e não estava acostumada a receber desconhecidos em casa, portanto poucas senhoras bateram à minha porta. Quem iria querer ver membros devastados, cuja pele se tornara preta, enrugada e solta, como um pedaço de gelatina? Na fase em que as mocinhas da minha idade estavam começando a sonhar com o dia em que usariam o vestido de casamento vermelho com bordados dourados, e se dirigiriam cheias de joias, com um bom dote, às casas dos maridos, eu enfrentava um futuro solitário, isolada de minhas companheiras, como uma pessoa não existente. Eu nunca chegaria a ser uma mulher completa e digna, sempre escondida atrás de um véu de vergonha.

Estávamos no segundo andar do hotel, num quarto confortável contíguo ao de papai, que continha espessos tapetes e seu próprio banheiro. Além de cuidar de mim, e lavar à mão nossa roupa de baixo no banheiro, Salima e Sema, que dormiam em meu quarto numa cama dobrável, revezando-se em ficar acordadas para me proteger e cuidar de minhas necessidades, pouco tinham a fazer. Mas o tempo passava com suficiente rapidez devido à leitura dos meus livros, aos cinco horários de oração e aos detalhes cotidianos de banho, vestimenta e comida que sempre demoram mais quando a pessoa é incapacitada. Em algumas ocasiões eu me entretinha ouvindo os mexericos das empregadas. De vez em quando, faziam excursões ao saguão lá de baixo, mas tinham medo demais para saírem sozinhas. A maior parte do tempo, contentavam-se com uma vista do mundo de fora da janela, contando-me o que viam. Suas reações eram típicas de mocinhas do interior do Paquistão, e me faziam rir:

— Oh, veja que cidade linda. — (Isto vinha de Salima.) — Tanta gente andando para cima e para baixo, e há tantos carros! Então vinha um grito de Sema.

—Oh, as mulheres estão com as pernas nuas. Será que não têm vergonha? Os homens e as mulheres estão andando juntos, de mãos dadas. Estão-se beijando. Oh, vão direto para o inferno.

Haviam-nos ensinado regras rígidas sobre vestimenta e comportamento desde a nossa infância. Cobríamo-nos modestamente do pescoço até os tornozelos com o *shalwar kameeze* do Punjab —uma túnica solta e calças, franzidas nos tornozelos. Usávamos um lenço longo e largo de material fino em torno do pescoço chamado *dopatta*, que podia cobrir-nos a cabeça quando necessário ou ser puxado sobre o rosto.

Quando fazia frio, nos enrolávamos num chale. Se tivéssemos de sair, usávamos o *burka* — um véu longo, impenetrável, que nos cobria da cabeça aos pés, franzido num ornamento para a cabeça, com um buraco coberto de filó na frente para se poder enxergar. Essa vestimenta tornava impossível qualquer conversa na rua, e diminuía a capacidade de quem a usava de ver e ouvir o trânsito. Mas na ocasião de que estou falando, jamais questionávamos as regras que nos governavam a vida, e teríamos de fato ficado aterrorizadas em desafiar as convenções. Na realidade, considerávamos o véu uma proteção. Podíamos ver (mal e mal) o mundo, mas ele não nos podia ver.

Quando vimos como as mulheres de Londres se exibiam em suas indecentes minissaias, que terminavam bem acima dos joelhos, tornou-se óbvio para nós três que aquela era a cidade mais depravada do mundo.

Em nosso país, e mais ainda em nossa cidade, falar com um homem que não pertencesse à nossa família imediata, mesmo com empregados do sexo masculino, nos teria trazido má reputação. Todo o propósito do *purdah*, naturalmente, era o de proteger a honra da família. Nem o mais leve sopro ou mancha de suspeita deve prender-se às filhas de uma família muçulmana. Os castigos para a indiscrição podiam ser terríveis. Três vezes ao dia chegava o alimento, trazido por um garçom em um carrinho. As

empregadas o recebiam dele à porta. Às vezes, o alimento vinha acompanhado por uma empregada inglesa, e eu fechava os olhos para não ver suas pernas.

Comecei a me cansar da comida do hotel. Papai pedia frango todos os dias para nós, pois frango era *halal*, carne permitida, morta da maneira permitida. Carne de porco era *haram*, proibida — até mesmo dizer o nome "porco" sujava a boca da pessoa, e até hoje, para referir-me a esse animal, uso a palavra punjabesa "*barla*", que significa "estranho", tal a força de minha educação inicial. Qualquer outro tipo de carne também podia ser suspeito de ter sido cozido em banha. Com o frango vinham legumes e arroz, e sorvete como sobremesa. Bebíamos Coca-Cola, e tínhamos um suprimento dessa bebida em nosso quarto. Em vão desejava comida temperada com *caril* e *quebabes*, ou pêssegos e mangas de nossas árvores lá de casa.

Papai ajudou a manter meu espírito animado levando-me em dois ou três passeios curtos. Uma vez ele me levou a conhecer o hotel, e umas duas vezes ele me levou de táxi, com as empregadas, a dar uma volta pela vizinhança. Ele me explicou porque os ingleses não eram como nós.

— Este país é cristão — disse ele. — Eles acreditam em Jesus Cristo como Filho de Deus. Naturalmente estão errados, porque Deus nunca se casou e como poderia ter um filho? Mesmo assim, eles são um povo de um Livro, da mesma forma que nós. Os muçulmanos e os cristãos compartilham o mesmo Livro.

Isso me intrigou. Como podiam eles compartilhar o nosso Livro e ainda ser tão diferentes?

— Eles são livres para fazer muitas coisas que nós não fazemos — disse ele. — São livres para comer carne de porco e tomar bebidas alcoólicas. Não existe distância entre homens e mulheres. Eles vivem juntos sem se casar, e quando os filhos crescem, não respeitam os mais velhos. Mas são um bom povo, muito pontuais, e de bons princípios. Quando fazem uma promessa, eles a cumprem. Não são como os asiáticos.

Papai era uma autoridade nesse assunto. Ele tratava com estrangeiros o tempo todo na exportação do algodão que plantava no Paquistão.

— Podemos diferir deles na religião, mas eles são um povo simpático que fará coisas por você; são caridosos — concluiu ele.

Ponderei as contradições dos ingleses — um povo bondoso, que vivia num país tranquilo e verde, alimentado por chuvas frequentes, cujo Livro conduzia a tanta liberdade. Entretanto, nosso Livro era relacionado ao deles. Qual era a chave dessa diferença entre nós? Isso era profundo demais para uma menina de 14 anos —tirei a ideia da cabeça, e entreguei-me à antecipação da peregrinação para a qual estaríamos embarcando. Passaram-se muitos anos até eu ter maior esclarecimento, e quando ele veio, não consegui descartar a questão com tanta facilidade.

CREATED BY JUTOH - PLEASE REGISTER TO REMOVE THIS LINE

CAPÍTULO DOIS

A PEREGRINAÇÃO

O lindo avião branco da companhia aérea internacional do Paquistão estava pousado como uma ave sobre a pista. Quando me tiraram da cadeira de rodas e me fizeram subir pela prancha de embarque, tive uma sensação de libertação por estar deixando a Inglaterra. Essa visita havia realizado algo, pondo fim à nossa incerteza. Agora só havia uma esperança e estávamos sendo atraídos em sua direção à grande velocidade. Banhado por claridade diamantina, ele jazia em meus sonhos, um lugar desconhecido para mim e contudo bem conhecido — a cidade santa de Meca, que todo muçulmano deseja ver pelo menos uma vez na vida.

No avião, tínhamos lugares no compartimento de primeira classe, e mais uma vez sentei-me entre as duas empregadas, tendo Sema a servir-me de apoio para o lado esquerdo fraco, e Salima pronta para fazer qualquer serviço necessário. Papai se esparramou sobre dois bancos à nossa frente, de onde continuou minha educação em viagem:

— Agora estamos voando a 10.000 metros de altura — disse ele, quando o avião deixou de elevar-se. Olhei para fora da janela e segurei a respiração. Estávamos num mundo brilhante e ensolarado, e abaixo de nós jazia um piso encapelado de fofíssimas nuvens de algodão, como o recheio do colchão de uma noiva. Salima e Sema olharam para fora também — e deram gritinhos abafados:

— Olhe quanto ferro está voando através do ar — maravilharam-se elas referindo-se ao avião, numa mistura de palavras nas línguas punjab e urdu, revestidas de seu forte sotaque de jhang.

Suprimi um sorriso — eram mocinhas do interior a quem grandes coisas estavam acontecendo.

De repente, o avião começou a sacolejar no ar, e fiquei amedrontada. Papai explicou que havíamos penetrado num bolsão de vácuo:

— Não se preocupem. Não há o menor perigo — assegurou-nos ele.

Havia outros peregrinos no avião. Eu sabia que, como nós, eles tinham em suas malas as vestes brancas Ihram, que todo peregrino deve usar para a *Hajj*, a peregrinação.

Certa vez, Papai levou-me a ver um filme sobre a *Hajj*. Era um filme para pessoas religiosas, que pretendiam ir a Meca durante o mês da peregrinação. O filme mostrava todas as vestimentas em belas cores. Haviam-me ensinado a origem de nossa religião nos desertos da Arábia. O cenário desses acontecimentos me era tão familiar quanto o cenário querido de nossa casa e jardim. A aeromoça, que estava vestida de verde, com uma dopatta insignificante debaixo do queixo, trouxe a refeição, mas pouco consegui comer. Salima olhou para o alimento que mal havia sido tocado e disse baixinho:

— *Bibi-ji*, não quer comer para manter as forças? Sacudi a cabeça.

— Não estou com fome. — Na realidade, eu estava-me sentindo bem mal, em parte devido ao sacolejar do avião, e em parte devido à expectativa pelo que havia à nossa frente. Nada lhe disse acerca do que verdadeiramente estava sentindo. Como podia discutir com uma empregada as esperanças e temores que me adejavam pela mente como nuvens esvoaçando pelo céu?

Em Abu Dhabi trocamos de avião, e peregrinos de lugares longínquos juntaram-se a nós. Estudei suas vestimentas com interesse, tentando descobrir de onde tinham vindo. Minha professora Razia havia feito um bom trabalho. Consegui identificar gente vinda do Irã, da Nigéria, da China, da Indonésia, do Egito... o mundo todo parecia estar-se deslocando em direção à cidade de Meca.

Um estalido fez-se ouvir pelo autofalante. Em duas línguas, inglês e árabe, a aeromoça informou que estávamos nos aproximando de Jeddah e preparando para pousar. Uma luz se acendeu.

Precisamos colocar os cintos de segurança — disse papai. Foi o que fizemos. Salima me ajudou e papai verificou para ver se estava certo.

Pela janela do avião eu podia ver o deserto, suas dunas pardacentas enfunadas em formatos crescentes pelos ventos agrestes e quentes; podia ver montanhas no horizonte, a muitos quilômetros de distância, e em seguida uma grande cidade esparramada debaixo de nós, com prédios altos e muitas ruas. Eu podia ver árvores e jardins verdes.

Veja — disse papai — como a água transforma o deserto. Faz somente alguns anos que trouxeram água encanada de *Wadi Fátima*.

Concordei com a cabeça. Em minhas lições, eu havia aprendido como as riquezas do petróleo haviam trazido muitas melhorias a um povo dantes pobre e atrasado, cujas residências eram casas de barro, se fossem lavradores, ou tendas beduínas, se fossem nômades, todos vivendo sem chuva por anos e anos.

O avião pousou, e à nossa espera no aeroporto estava o velho amigo de meu pai, o *xeique*, com seu grande automóvel Chevrolet. Esse xeique tinha oito esposas e dezoito filhos morando em sua enorme quinta. De seus filhos, treze eram filhas e cinco eram filhos pequenos. Creio que tinha outros que eram casados ou estavam estudando fora. Ele possuía poço de petróleo próprio, que sustentava a todos no luxo. Além disso, possuía terras e criava gado e camelos, ovelhas e cabras.

Tive a oportunidade de ver o funcionamento de sua enorme casa durante os dias seguintes, enquanto usufruíamos sua hospitalidade.

O xeique apresentou-me a todas as suas esposas — Fátima, Zora, Rabia, Rukia... até a última.

Não tenho favoritas — anunciou ele. — Todas as minhas esposas são iguais. — Eu sabia porque dissera aquilo. O Alcorão deixa bem claro que o homem pode casar-se com mais de uma esposa, mas precisa tratar a todas igualmente bem. O Profeta, naturalmente, teve diversas esposas, mas os homens comuns, fiquei sabendo, achavam quase impossível obedecer às suas instruções acerca de igualdade com imparcialidade.

Consequentemente, a poligamia não era encorajada em nossa sociedade — mas ali ela parecia florescer, e todos pareciam estar de bem uns com os outros.

As filhas da família, a mais velha das quais julguei ter cerca de dezoito anos, me foram apresentadas por uma tradutora, Bilquis. Elas entraram no aposento de hóspedes femininos, onde eu estava acomodada com minhas empregadas, para perguntar-me a respeito do Paquistão.

Vocês têm estradas? Cidades? O que comem? Que tipo de legumes plantam? Vocês têm escolas para meninas? Vestem esse tipo de roupa o tempo todo?

Respondi o melhor que pude, e fiquei contente quando disseram que gostariam de ir ao Paquistão para ver tudo. Eu, a seguir, perguntei a respeito de suas vidas.

— Como vocês vivem aqui? O que fazem o dia todo?

A resposta parecia ser "muito pouco". O xeique mantinha as esposas e filhas dentro de casa. As filhas, que eram instruídas, pouco pareciam fazer além de distrair-se. Passavam os dias mexericando, assistindo à televisão e fazendo um pouco de leitura leve em inglês e árabe. Contudo, pareciam suficientemente felizes, com cada desejo seu satisfeito. Se queriam fazer compras, Bilquis ia com elas e administrava o dinheiro enquanto elas escolhiam o que desejassem.

Quanto às esposas do xeique, a não ser por expedições de compras (em turnos) ou visitas ao hospital com Bilquis, quando se enrolavam em burcas pretas até os pés, divididas na cintura, seu principal objetivo era o de agradar ao xeique. Sentavam-se de pernas cruzadas em almofadas, trajando *caftans* (tunicas utilizadas pelos árabes) bordados de ouro e prata. Havia sofás ao longo das paredes no enorme aposento de piso de mármore, mas elas preferiam o chão. Às vezes se trajavam no estilo ocidental, com vestidos requintados e elegantes mandados buscar na Inglaterra ou nos Estados Unidos, colocando joias caras. O ar era sufocante pelo perfume que as empregadas aspergiam.

À noite, antes de deitar-me, eu podia encontrar-me com papai por alguns minutos no aposento público, a fim de conversar e trocar impressões. O xeique tinha 65 anos de idade, segundo papai, mas sua pele lisa e sem rugas escondia os anos. Ele era uma combinação dos costumes antigos e novos — gostava especialmente da vida social e da companhia de outros homens, recebendo-os em casa com profusão e generosidade. Ele gostava de fumar, tomar chá preto e ouvir música árabe, que fazia transmitir a todos os aposentos, de forma que todos pudessem compartilhar o seu prazer. Isso, vim a saber, era tipicamente árabe. Todas as comodidades da casa deviam ser partilhadas com todos, quer estes quisessem, quer não. Acontece que eu não entendia a música árabe. A hora das refeições era uma ocasião interessante. Coziam um carneiro inteirinho e o serviam a todos da casa, dividindo-o entre a sala de jantar dos homens e a das mulheres. Os comensais removiam os sapatos antes de pisarem os coloridos tapetes persas.

Eles comiam reclinando-se sobre as espessas almofadas colocadas em torno de um círculo. Uma enorme travessa de arroz condimentado e carneiro fumegante era colocada no meio, e em torno dela pratos de berinjela, arroz, salada, folhas chatas de pão e cremes. Todos usavam apenas as mãos direitas para comer, rolando punhados de arroz até virarem bolotas e jogando-as na boca, e rasgando pedaços de pão.

Eu comia em meu aposento. Não conseguia equilibrar-me sobre aquelas almofadas para comer debaixo de tantos olhos curiosos. Mas o xeique era a bondade personificada, permitindo-me fazer o que quisesse. Meu aposento tinha muito conforto —um lindo tapete, algumas plantas verdes, uma bonita janela redonda ensombrecida, um grande espelho e uma sala de banho com moderna bacia sanitária que dava descarga.

A hospitalidade é levada muito a sério entre os árabes. Ela se origina nas lembranças tribais da luta pela sobrevivência no deserto agreste, quando a vida da pessoa podia depender de receber abrigo do beduíno. Costumava-se dizer que, nos velhos tempos, um xeique do deserto receberia bem um visitante e o hospedaria por três dias antes de perguntar mesmo o seu nome ou a sua ocupação. Esse xeique mantinha a tradição de colocar à nossa

disposição todas as acomodações de sua casa, inclusive carro e motorista enquanto estivéssemos com ele. Isso queria dizer que poderíamos ver algo da linda cidade de Jeddah.

Papai sentou-se na frente com o motorista de túnica branca, Qazi, enquanto eu espiava a cidade através das cortinas que cobriam as janelas de trás. Ela estava lotada de peregrinos, despejados por navios no porto ou chegando em cada voo que pousava no novo aeroporto. Qazi, o motorista, nos apontava muitos contrastes entre o antigo e o novo — o prédio de dez andares ao longo da rua Rei 'Abd al-'Aziz, na qual burros carregados esbarravam nos carrões americanos. Vimos o *suq*, o mercado de rua, onde se podia comprar tudo, desde café em grão a tapetes — até mesmo água santa trazida de Meca — e as lojas vendendo mercadorias ocidentais. Vimos a cidade antiga, com ruínas de casas magníficas, altas, feitas de pedras, adornadas de sacadas de treliças, das quais as mulheres do harém dos mercadores donos das casas costumavam espiar o movimento da rua sem ser vistas pelos que estavam lá em baixo. Em grande contraste encontrava-se o novo conjunto habitacional de baixo custo construído na orla da cidade.

— Quando não havia petróleo, existia pobreza e outros problemas — comentou Qazi, — mas agora que temos petróleo, temos boa comida e as crianças podem aprender.

Paramos a fim de ver o petróleo sendo bombeado para fora do chão em um lugar. Não gostei do cheiro.

Quando deixamos o xeique para viajar a Meca, fizemo-lo com conforto e elegância, pois ele insistiu que levássemos o carro e o motorista. Papai agradeceu-lhe com um pequeno discurso:

— Você nos demonstrou generosidade e amizade muito calorosa, para tornar fácil a nossa jornada.

O xeique teria feito isso por qualquer visitante, mas eu sabia que o fazia especialmente por nós, por ser velho amigo da família, relacionado com os

negócios de meu pai, e tinha interesse na compra de boa raça de ovelhas e cabras pela qual a nossa área era famosa.

Partimos bem cedo, após as preces, para a jornada a Meca, pois queríamos ter tempo para ver tudo ao longo da estrada. A nova rodovia de quatro pistas era muito boa, e muitos táxis, caminhões e ônibus passavam apressados, levando adiante uma torrente imensa de peregrinos na viagem de setenta quilômetros até Meca. Havia muitos a pé, marchando estoicamente, preparados para suportar o que seria uma planície escaldante quando o sol se erguesse mais. Faziam isso não por serem pobres, mas por estarem rememorando a caminhada de Abraão quando buscou santuário para Hagar e Ismael.

Eu não teria admitido, mas estava quase contente por ser paralítica, de modo a não ter de caminhar debaixo do sol tórrido numa caldeira de calor. Sabia não ser esse o espírito da *Hajj*, que é de total sacrifício e submissão, por isso calei-me.

Qazi, o motorista, mostrou as torneiras de água ao longo do caminho, e as luzes elétricas penduradas em postes que iluminavam os viajantes:

— O rei fez isto. Ele vem em pessoa com seus ministros e os príncipes e inaugura a peregrinação todos os anos. Ele realizou muitas melhorias nas instalações dos lugares santos.

A quase vinte e cinco quilômetros da cidade, havia placas avisando: "Área Restrita. Somente para muçulmanos." Alguns dos soldados nos pontos de entrada traziam armas, e estavam examinando os passes das pessoas. O motorista falou com o guarda e tivemos permissão para entrar com o carro.

Prosseguimos muito devagar, subindo montes por uma estrada recortada nas rochas, passando por um grupo de adoradores vestidos de branco que estavam seguindo os passos de Abraão após Sara ter banido a escrava e seu filho.

Nossos ouvidos estavam cheios do som da cantilena das orações, versos do Santo Alcorão, e a declaração:

Não há nenhum Deus além de Alá. Maomé é o Profeta de Alá.

Em seguida contornamos um monte, e a cidade santa, branca e fulgurante ao sol já escaldante da manhã, irrompeu à vista abaixo de nós. O motorista parou o carro e o brado do peregrino brotou de nossos lábios de forma bem involuntária:

Labbayka Allahumrna Labbayka! "Aqui estou a teu serviço, ó Alá! Aqui estou a teu serviço, aqui estou a teu serviço. Não há quem se iguale a ti. Aqui estou a teu serviço. A ti seja a glória, as riquezas e a soberania do mundo. Não há quem se iguale a ti."

— A cidade de Maomé — disse papai. — Imagine só, o profeta pregou nessas ruas.

Uma estranha sensação de calma pousou sobre mim. Toda a preocupação com o futuro foi suspensa. Senti-me como se fosse uma com todos aqueles outros peregrinos, buscando um poder que não podia ver, tão eterno e misterioso quanto as sete colinas que circundavam a cidade.

CREATED BY JUTOH - PLEASE REGISTER TO REMOVE THIS LINE

CAPÍTULO TRÊS

A ÁGUA DA VIDA

O acampamento Hajji, ou descanso dos peregrinos, ficava a certa distância da Mesquita Harã. Abdulla, o guia que o xeique nosso amigo havia encontrado para nós, nos deu as boas-vindas à entrada. Ele e papai apertaram-se as mãos e se abraçaram.

— Alhan Wa salan (seja bem-vindo) — disse Abdulla.

— O mesmo para você — disse papai, aceitando esse árabe como um irmão e igual, pois isto era uma característica da Hajj.

— Entrem, por favor. Sejam bem-vindos em nome de Alá — disse Abdulla. — Recebi a carta de sua excelência, o xeique. Providenciei aposentos para os senhores...

Seguiu-se uma discussão a respeito de cordeiros para o sacrifício. Papai estava encomendando dois para cada pessoa, até mesmo as empregadas, e isso dava oito cordeiros.

Um arrepiozinho de contentamento percorreu-me. A Festa do Sacrifício (Eid al Adha), em honra da disposição do patriarca Abraão em sacrificar seu filho Ismael, era o ponto alto da peregrinação. Papai estava assegurando que nossas preces tivessem eficácia especial, com o sangue de tantos cordeiros.

Nossos quartos ficavam todos alinhados, no mesmo andar. Tínhamos dois quartos com banheiros anexos, mobiliados de maneira simples e despretensiosa, com *charpais* (camas) para dormir. Pensei com saudades em meu colchão recheado de algodão sobre o palung de meu lar. Um colchão de crina em cima de cordões trançados não me permitia tanto descanso, particularmente com um lado esquerdo paralisado, o que me dificultava virar de lado. Isso tudo, entretanto, fazia parte de estar em peregrinação.

Por dias sem fim, centenas de milhares de pessoas estariam espremidas na área de Meca, abrindo caminho até os hotéis e pensões, acampando ao ar livre. Pouco conforto haveria nessas acomodações, e nenhuma exibição ostentosa de riqueza. A bênção estaria perdida se alguém expressasse reclamações, fosse arrogante ou orgulhoso, ou tivesse uma explosão de mau gênio no calor e nas condições de tensão, foi o que papai explicou.

Um ventilador elétrico no teto do nosso quarto movimentava o ar quente, espesso, numa tentativa infrutífera de refrescar. Havia cortinas esverdeadas na janela, fechadas para não deixar o sol entrar, o que dava uma leve sensação de estar num aquário. Além disso, havia telas finas de metal, através das quais eu podia ver as silhuetas distantes dos minaretes na Grande Mesquita, como dedos apontando para o alto.

Descansando sobre minha charpai, eu ouvia o arrastar infindo das sandálias de couro sem salto usadas pelos peregrinos. Suas vozes chegavam até nós numa babel de línguas estranhas. Entremeada na textura de sons ouvia-se a cantilena hipnótica de versos do Alcorão, e o *Allahu Akbar* — "Deus é mui grandioso". A emoção tomava conta de mim. Era bom estar ali, bom o suficiente para durar o resto da vida. Minhas empregadas sentiam o mesmo.

— Que sorte temos em ser suas empregadas e estar na Hajj —disse Salima enquanto ela e Sema me ajudavam a tomar minha segunda chuveirada refrescante do dia. Para elas, era especialmente afortunado, já que muitas pessoas devotas no mundo viviam desejando estar ali, mas sem poder gastar o tempo ou o dinheiro necessários. A Hajj podia levar até um mês, se a pessoa resolvesse visitar todos os lugares santos.

Papai encontrou alguns de seus amigos mercadores de Lahore, Rawalpindi, Peshawar e Karachi, mas pelo menos dessa vez eles não passaram a falar a respeito do preço do algodão e do trigo. Oh, não, ali as questões mundanas desapareciam e também toda a distinção de nascimento, origem nacional, realizações, trabalho ou posição. No enorme refeitório no acampamento Hajji, servos sentavam-se para comer com seus senhores, e todas as diferenças ficavam encobertas pelo *Ihram* — a veste dos peregrinos. Os homens usavam um simples pedaço de tecido de algodão, sem costuras, enrolado em torno da metade inferior do corpo, e outra ao redor dos

ombros. Todas as mulheres usavam vestidos brancos longos e simples, com coberturas para a cabeça e meias brancas, mas andavam sem véu. Quando seguiam as pisadas do Profeta, as pessoas tinham o mesmo valor aos olhos de Deus. Papai me contou, com uma expressão de profunda seriedade:

— Quando você está usando o *Ihram*, é como se tivesse deixado a vida antiga e entrado na nova vida. De certa forma, ele é a sua mortalha. Nesse vestido, se você morrer, vai direto para céu, sem escalas.

Ao se dirigir à mesquita para orar, papai encontrou nas ruas um velho amigo de escola. Depois comentou comigo:

— Attaullah está aqui. É um verdadeiro muçulmano — dá esmolas aos pobres no Paquistão. E é muito religioso. Esta é a sua terceira visita.

Dar em proporção à renda da pessoa para aliviar a pobreza, gesto conhecido como *zakat*, ou doação de esmolas, é o Terceiro Pilar do Islã. O Quarto Pilar é a disciplina de jejuar desde o alvorecer até o pôr-do-sol durante o nono mês do calendário lunar, o mês de Ramadã. É depois disso que o imposto dos pobres, ou zakat, é dado.

— "O senhor também é muito religioso, papai", pensei, "pois dá esmolas, e esta é também a terceira vez que vem, e quem além do senhor me ensinou a dizer as minhas preces?" Olhei para a sua fronte. Ali, claramente marcada, estava a concavidade, chamada de *mihrab*, causada pela arcada sacra do nicho que aponta para Meca em toda mesquita. Essa marca é produzida quando se pressiona repetidamente a fronte contra o chão nos rituais das preces. Basta vê-la para se conhecer o homem de oração — e a oração é o Segundo Pilar do Islã.

Não saí nem um pouquinho no restante do nosso primeiro dia, mas fiquei orando, lendo o Santo Alcorão, e preparando-me para a visita do dia seguinte à Caaba, que certamente seria muito cansativa, no calor, levando-se encontrões de tanta gente. Salima e Sema trouxeram comida ao meu quarto e ficaram comigo.

Há tanta gente, e contudo está tudo tão tranquilo — disse Salima, durante a noite. As ruas estavam lotadas de peregrinos, contudo sentia-se um ar de

tranquilidade. Não havia pressa frenética. Estar naquele lugar era o Paraíso — a satisfação de todos os desejos.

Quando o muezim chamou o povo dos minaretes da mesquita ao pôr-do-sol, todos em Meca se detiveram onde estavam, e voltaram-se na direção da Caaba, o poderoso símbolo de unidade para milhões de muçulmanos nos quatro cantos da terra. Eles ficaram eretos, mãos espalmadas dos dois lados do rosto:

— Deus é mui grandioso — oraram eles.

Abaixaram os braços e colocaram a mão direita sobre o braço esquerdo, acima da cintura para as mulheres, abaixo para os homens. — Toda a glória seja dada a ti, ó Alá, e louvado sejas! Louvado é o teu nome, e exaltada a tua majestade; não há ninguém digno de adoração além de ti.

Seguiram-se algumas preces, o Fatiha, e alguns versos do Alcorão, acompanhados de Allahu Akbar. Em seguida, os adoradores curvaram-se à altura dos quadris, com as mãos nos joelhos, e disseram:

Quão glorioso é o meu Senhor, o Grandioso!

Depois se endireitaram, as mãos nas costas:

— Alá ouviu aquele que o louvou; Senhor nosso, louvado sejas. Então, recitando Allahu Akbar, eles se prostraram:

Toda a glória seja dada ao meu Senhor, o Altíssimo (três vezes). Ergueram-se e se ajoelharam, sentados sobre os calcanhares:

— Ó Alá! perdoa-me e tem misericórdia de mim.

Eles se prostraram novamente. Essa era uma Rakat completa, que devia ser seguida de repetições de movimentos e de preces.

Em minha condição de pessoa enferma, executava o ritual sagrado com a ajuda das minhas empregadas, sentada sobre minha esteira, com o arco para orar, ou mihrab, voltado para a Caaba.

Será que eu acordaria desse sonho místico em meu próprio quarto lá em casa, ou estava de fato fazendo as minhas orações aqui no centro do mundo? Senti um formigar de antecipação disparar através de mim, uma emoção estonteante. "Estar aqui, ó Deus, é suficiente, mesmo que eu não possa andar." Ver com os próprios olhos a Casa de Deus, construída por Abraão, era uma dádiva da qual se podia viver o resto da vida.

"É verdade que você viveu 14 anos como paralítica", disse eu a mim mesma, "mas aqui, onde a fé é tão forte quanto possível, onde tantas preces estão concentradas, Deus ouvirá as súplicas da sua família, e Maomé lhe pedirá que a cure."

Quando eu pensava em Deus, nenhuma ideia me surgia na mente, pois como se poderia imaginar o Ser Eterno? Ele, embora chamado por mais de noventa e nove nomes no Santo Alcorão, não podia ser conhecido; era impenetrável. Não existia nada humano a que ele pudesse ser comparado, haviam-me ensinado. Mas meus lábios se moveram nas palavras da *Fatiha* há tanto tempo reverenciada:

A ti somente adoramos,

e a ti somente imploramos socorro. Guia-nos no caminho reto,

o caminho daqueles a quem favoreceste...

Para o muçulmano a vida é uma estrada, e todo indivíduo está em algum ponto dessa estrada entre o nascimento e a morte, a criação e o julgamento. Eu também adentrei uma peregrinação na qual continuaria até o fim dos meus dias, embora não pudesse prever o seu fim.

Na manhã seguinte, estávamos todos de pé antes do alvorecer, e, após as orações e um desjejum antecipado, começamos a caminhada até a Caaba. Papai havia providenciado para eu ser levada numa cadeira de rodas, enquanto minhas empregadas caminhavam ao lado, e ele ia a largas passadas na frente. Muitas pessoas enfermas ou idosas estavam sendo levadas dessa forma. Eu ia sentada, apoiada, gozando a cena, que era de grande vivacidade, na qual milhares de homens e mulheres de todas as idades e nacionalidades avançavam juntos rumo à Casa de Deus. Nunca na

vida eu havia visto tanta gente num único lugar, tão determinada num objetivo — nem mesmo em Lahore, ou Rawalpindi, quando papai me levou lá em seu carro, nem mesmo em Londres. A maré humana rolava em frente, com uma meta, uma finalidade, orando enquanto caminhava, ou recitando os versos ritmados, cadenciados do Alcorão.

Maciços muros externos traspassados por portões cercavam a antiga mesquita Harã. Antes de entrar, tivemos de submeter-nos a uma busca corporal por homens e mulheres postados junto aos portões. Papai me havia avisado a respeito:

— Dizem que infiéis tentaram mais de uma vez penetrar em nossos lugares santos para fazer estragos, e para profaná-los.

— O que aconteceu com eles, papai? — perguntei, temerosa.

— Oh, provavelmente foram baleados — disse ele. Tremi ao pensar no castigo, mas achei que mereciam, por causa do insulto.

Entramos numa grande arena, dominada por altaneiros minaretes. No centro dela achava-se a mesquita, iniciada no oitavo século e agora grandemente ampliada para receber milhares de adoradores. Nosso grupo atravessou tapetes, os sapatos na mão, e trocou-os por um bilhete numerado. Em seguida, passamos por um portão aos pátios internos. Encontramo-nos em vasto espaço livre, no meio do qual achava-se o enorme prédio cúbico de granito conhecido como Caaba, a Casa de Deus, drapeado em brocado preto com os nomes de Deus bordados em ouro.

Todo o espaço livre estava branco com milhares e milhares de pessoas, todas com os rostos voltados para a Caaba. Em torno da Caaba havia pessoas andando ou correndo na direção anti-horária.

Calçadões de mármore irradiavam do centro. Caminhamos ao longo de um deles, e chegamos a uma área circular onde fui transferida para uma palki, ou liteira de madeira, carregada por quatro homens vigorosos, antes de sermos arrebatados na confusão de vultos rodopiantes. Giramos ao redor da Caaba, três vezes correndo, quatro andando, eu balouçando em minha *palki* como um pedaço de espuma na crista de uma onda. Cada vez que

passávamos pela Pedra Negra no lado nordeste, colocada ali por Maomé com as próprias mãos, erguíamos os braços e gritávamos Allahu Akbar — "Deus é Mui Grandioso!" Era um passeio sacolejante, e olhei ansiosamente para papai, mas ele parecia alheio ao calor, à pressão da multidão ou ao desconforto. Estar ali era tudo o que ele desejava.

Em nossa última volta, encontramo-nos diante da Pedra Negra. Lembrei-me de ter aprendido ser essa a pedra que havia sido atirada a Adão por Deus. Era um símbolo poderoso de nossa fé, tocada por Deus, Adão e Maomé. Os carregadores nos empurraram para diante e abaixaram a minha *palki*. Ajudaram-me a inclinar para a frente e beijar a Pedra Negra. Ela era engastada em prata e borrifada de perfume. Fechei os olhos, sentindo-me em contato com o Profeta. A Pedra não parecia ser pedra de forma alguma. Era cálida aos lábios, e havia uma sensação de paz ao meu redor. Falei:

— Por favor, cure-me, e cure todas essas outras pessoas.

Mas nada aconteceu. Salima e Sema me endireitaram e passamos adiante. Mantive a cabeça abaixada, evitando o olhar perturbado de papai. Em seguida, dirigimo-nos ao lugar de oração de Abraão e oferecemos uma prece pelo nosso mais caro desejo. — "Por favor, cure-me", orei.

O próximo ritual era correr entre Safa e Marwa, duas colinas contidas na Grande Mesquita, separadas uma da outra por uns oitocentos metros. Dizem que Hagar e Ismael estão enterrados debaixo dessas duas elevações.

"É um ótimo passatempo", pensei, mas não disse nada. O riso não seria bem recebido aqui, pois todos estavam levando tudo muito a sério. Voltei a uma cadeira de rodas para percorrer sete vezes os calçadões de mármore que ficavam entre Safa e Marwa, refazendo os movimentos de Hagar quando procurava água para o filho Ismael depois de terem sido expulsos. Diz a tradição que Deus abriu uma fonte de água, Abb-a-Zamzam (a Água da Vida) perto dali. As pessoas estavam comprando a água e bebendo-a em copos de metal. Papai providenciou para que bebêssemos e comprou um odre de água para ser entregue no acampamento Hajji. Parte dessa água deveria ser levada ao Paquistão, e o resto seria usado para eu me banhar.

Esses rituais haviam tomado a maior parte do dia, sem refeições nem descanso, e regressamos então ao acampamento Hajji para aguardar o próximo evento. Era uma caminhada a Arafat, um lugar que distava cerca de onze quilômetros de Meca, onde os muçulmanos dizem que Deus provou Abraão pedindo-lhe que oferecesse o seu primogênito Ismael como sacrifício. Quando Deus viu a obediência de Abraão, impediu o sacrifício e, em vez do menino, providenciou um carneiro preso num arbusto como substituto. Acho que visitamos Mina tanto na ida quanto na volta, a fim de jogar pedras nas três colunas que representam os demônios que buscaram tentar Abraão a recusar-se a oferecer o filho. Todo mundo ria das feias colunas ao jogar pedras ou sapatos. Jogar sapatos era um grande insulto.

Então dirigimo-nos ao lugar do sacrifício, no lado de fora da cidade, e formamos fila até chegar ao açougueiro, a quem havíamos encomendado os nossos carneiros para o sacrifício. Ele segurou a faca em uma das mãos e o cordeiro na outra. Coloquei minha mão sobre a faca, e o açougueiro matou o animal. O sangue escorreu do pescoço do cordeiro para dentro do coxo, e ele se contorceu e tremeu como se quisesse escapar. Não senti nada pelo cordeiro — sua morte cumpria o mandamento de sacrifício. Então outro açougueiro veio e levou embora o cordeiro e o esfolou.

Não pudemos ficar para ver todos os nossos cordeiros serem mortos porque as filas eram muito longas, mas tudo estava muito bem organizado. Nossos cordeiros foram conferidos e seriam oferecidos mais tarde. Ficamos olhando enquanto outras pessoas subiam em nosso lugar para oferecer seus cordeiros, bodes ou camelos. Até seis pessoas podiam participar da oferta de um camelo, disse papai. Achei bom não ficarmos por ali o suficiente para ver um camelo morrer.

Eu sabia o que aconteceria com a carne. Papai me havia contado:

— Uma parte vai para os pobres — eles comem bem na época da Hajj. Alguns a comerão no acampamento Hajji. Uma grande parte será queimada. Ela não pode ser guardada neste calor.

Os peregrinos ficaram em Mina três dias, e no segundo dia voltaram a usar roupas normais, fazendo as ruas empoeiradas e quentes desabrochar com as

cores esplêndidas dos trajes nacionais. Os homens rasparam as cabeças ou cortaram o cabelo bem curto, e as mulheres cortaram pelo menos uns dois centímetros do seu. Todos se desejavam um "Feliz Hajj". Esses eram dias de celebração com amigos antigos e recentes. Era também uma ocasião de se resolver diferenças e se reconciliar uns com os outros.

— O mundo seria um lugar feliz se mantivéssemos o espírito da Hajj pelo resto da vida — disse papai.

Entretanto, não permanecemos em Mina, devido à minha deficiência, mas retornamos ao acampamento Hajji. Logo após a nossa volta, sentei-me sobre um banquinho na banheira funda, apoiada por Sema, recitando preces enquanto Salima despejava água da Zamzam sobre mim com um balde de plástico.

Eu realmente esperava ser curada naquele momento, livrar-me da paralisia. Mas nada aconteceu, nada. Meu corpo ainda estava pesado como chumbo. Meu coração estava mais pesado ainda quando as minhas empregadas me ergueram, me enxugaram e me vestiram.

Dentro em pouco, papai, que havia estado à espera no outro aposento, esperando que eu viesse pela porta por minhas próprias pernas, entrou para ver-me.

— Hoje não foi da vontade de Alá. Mas não deixaremos de ter esperança. Deus é Mui Grandioso — disse ele, e em seguida saiu de mansinho.

Após esses rituais, muitos dos que estavam na Hajji retornariam aos lares, e seriam respeitados em seus próprios países. Algumas pessoas chegariam a colocar Hajji antes dos nomes, ou colocar essa palavra nas placas de suas lojas para mostrar que eram honestas.

Gostaria de acreditar que isso será verdade a respeito de alguns deles — disse papai, com o leve sinal de um sorriso.

Muitos, como nós, continuariam até Medina, a segunda mais importante cidade para os muçulmanos, a 400 quilômetros de distância, onde Maomé viveu 10 anos após ter sido expulso de Meca e onde estabeleceu o

islamismo em 622, dando início à Era Muçulmana. Ele viveu ali grande parte de sua vida, e pretendíamos ver seu Mausoléu. Muitas histórias que me fizeram vibrar quando criança concentravam-se em torno dessa cidade.

A Mesquita em Madni é magnífica. Caminhamos por belos e espessos tapetes e prestamos homenagem ao túmulo de Maomé, que era coberto, atapetado e cercado de vidro. As pessoas andavam à sua volta e beijavam o túmulo através do vidro, atirando beijos de onde se encontravam. Também atiravam dinheiro e coroas de flores. Os atendentes as apanhavam e decoravam o túmulo.

As pessoas se assentavam em torno do pátio e entoavam cânticos religiosos. Como meu pai era um Pir, ele perguntou se poderia ter permissão para aproximar-se do túmulo de Maomé. Os atendentes abriram a porta para mim e sentei-me perto dela numa cadeira de rodas por dois ou três minutos e orei. Foi uma experiência maravilhosa. Visitamos os outros túmulos naquela área, e terminamos visitando o jardim de tâmaras de Fátima.

Maomé o fez para a filha. Compramos uma cesta de 15 quilos de tâmaras (muito cara) para repartir com a família lá em casa.

Em Medina, despedimo-nos de Qazi. Papai deu-lhe certa quantia de dinheiro dentro de um envelope. Ele havia sido muito agradável e prestativo, e ficamos bem tristes em vê-lo voltar o carro na direção da casa do xeique, levando os nossas salemas.

De Medina, voamos a Betel Mukkoudus (Jerusalém), que encontramos repleta de peregrinos de três religiões, muçulmana, judaica e cristã. Nossa peregrinação, cuja época varia de ano para ano em dez dias de acordo com a lua, este ano pareceu coincidir com a Páscoa dos judeus e a Páscoa dos cristãos. A Mesquita de Jerusalém é chamada *Al-Masjid al-Agsa*, a Mesquita Mais Distante, para a qual o Profeta Maomé se voltava ao orar, antes de Meca tornar-se o seu centro.

A Cúpula da Rocha, junto à Mesquita, está ligada a Abraão. Davi comprou-a e Salomão construiu ali o seu templo, que Tito destruiu, e ali o profeta

Jesus andou e falou. Hoje os judeus se lamentam junto ao que sobrou do muro pela glória perdida.

Permanecemos apenas uma noite num hotel perto da Cúpula da Rocha que não visitei, pois estava-me sentido muito abalada por não ter sido curada.

Partimos no dia seguinte para Karbala, no Iraque, a fim de ver onde o neto de Maomé, Hussein, e sua família e servos, consistindo de 72 pessoas, estão enterrados. Esse foi o cenário de terrível batalha, quando Hussein e seus 72 corajosos guerreiros enfrentaram o Califa Yazid da Síria, e foram martirizados. Desde aquela data, nós, os muçulmanos xiitas, sempre nos lembramos do aniversário de sua morte com procissões de luto nas ruas, quando homens e meninos caminham açoitando-se. No mês de Moharrum, as pessoas se trajam de preto, e ninguém numa cidade como Jhang pensaria em marcar para essa época o casamento de alguém da família.

Oramos pela cura em Karbala, mas nenhuma cura recebemos. Já fazia um mês que estávamos na peregrinação e era hora de voltar para casa. Enquanto aguardávamos o avião para Karachi, papai baixou o olhar para mim:

— Deus está testando você e testando a mim. Não perca a esperança. Talvez em alguma fase da sua vida você seja curada.

Querido e bom papai, tão paciente, tão fiel! Estava tentando me animar, e surtiu o efeito desejado. Minha fé bruxuleante reviveu. Falei:

— Está bem. Não perderei a esperança. Permanecerei fiel ao Profeta e a Alá. — E ri para mostrar que realmente não me importava de voltar como tinha vindo.

Ele curvou-se e beijou-me:

Era o que eu esperava de você — disse ele.

As empregadas também sussurraram:

Bibi, apenas espere em Alá.

Assim, voamos de volta a Lahore, passando por Karachi, sentindo que alguma bênção especial recairia sobre mim como recompensa pela peregrinação, mas cientes de que teríamos de esperar o tempo de Alá para ela ser revelada. Nossa família e nossos empregados nos esperavam no aeroporto. Eles trouxeram grinaldas de flores de calêndula amarelas e alaranjadas, impregnadas de perfume, para colocar-nos em torno do pescoço. Todos nos tocaram e bradaram Allahu Akbar, pois era uma bênção tocar um Hajji. Olharam para mim, ainda paralisada, mas não fizeram nenhum comentário.

Papai disse a meus irmãos e irmãs:

Deus não é um Deus injusto. Precisamos ter paciência para esperar o tempo de Deus.

— É isso mesmo. Nossa irmã precisa ter paciência e esperar.

Passamos aquela noite em Lahore num bangalô de alguém da família, e viajamos no dia seguinte, num comboio de carros, para ser saudados pelos resto do pessoal de casa com uma recepção jubilosa.

CREATED BY JUTOH - PLEASE REGISTER TO REMOVE THIS LINE

CAPÍTULO QUATRO

AS NÚPCIAS

Voltar da Hajj era quase tão emocionante quanto ter estado lá.

— Deixe-me tocá-la — disse Samina, e quis ouvir, vez após vez, tudo o que havíamos visto e feito. Era o que acontecia sempre que peregrinos voltavam de Meca. Multidões de pessoas em Lahore corriam à estação gritando: Ya Mohammed, e Ya rasool Arbi, e tentavam tocar os Hajji quando estes desciam do trem vindo de Karachi. Assim, elas conseguiam de graça algumas das bênçãos que os outros haviam adquirido a tão grande custo.

A comoção durava um mês, durante o qual os parentes chegavam de longe e de perto, e as pessoas da cidade também vinham, trazendo presentinhos — essa era a tradição do regresso da peregrinação. Parentes e amigos especiais recebiam as nossas garrafas de água santa da fonte em Zamzam. Uma garrafa era presenteada ao maulvi, que vinha ver papai a fim de discutir o Santo Alcorão e o Hadith durante muitas horas, todas as semanas.

Quanto a mim, todos me desejavam "Deus te abençoe" com novo significado, por eu haver estado em Hajj. O que todos desejávamos, naturalmente, era a minha cura, mas ela não fora concedida. Se havia críticas disfarçadas, nenhuma chegou até mim. A família apenas suspirava e me beijava dizendo:

— Deus a curará no futuro, Bibi-ji. Precisamos curvar-nos à sua vontade.

Assim, embora houvesse uma tristeza bem real em meu coração pelo aparente fracasso do nosso propósito, de outras maneiras conseguira algo positivo. Eu havia visto mais do que muitos em nossa cidade, onde as pessoas podiam economizar a vida inteira e ainda não ter dinheiro suficiente para empreender a peregrinação. A intensidade do sentimento que testemunhara na Caaba permanecia comigo, tornando-me obscuramente

consciente de que para alguns havia uma jornada — como "a jornada do coração" de Sufi — da qual a peregrinação a Meca era um símbolo externo. A meta daqueles viajantes era a de estarem totalmente submissos à vontade divina — Islã significa capitulação. Eu não teria expressado esse pensamento tão claramente aos 14 anos, mas lembro-me de como fui ficando cada vez mais convencida de que deveria manter-me afastada de tudo que me contaminasse, a fim de dedicar-me mais e mais à oração.

Quando o *azzam* soava, era com um intento mais claro que eu me curvava em minha esteira de oração, cuja arcada estava voltada para a Caaba, tendo Salima a me sustentar. Não era apenas devido ao que me haviam ensinado, mas por sentir uma imensa necessidade. Em diferentes horas durante o dia, sem conhecer outra forma de oferecer as preces de meu coração por um toque restaurador, eu passava os dedos pela fieira de contas que havia trazido de Medina, repetindo a palavra Blsmillah (o nome de Deus) a cada conta. Mas sem ter como conhecer a vontade de Deus a esse respeito, e não havendo nenhuma melhora, eu continuava orando as minhas orações mecânicas, e parecia estar destinada a fazer isso pelo resto dos meus dias.

Após toda a comoção do mês que se seguiu ao nosso regresso, julho foi mais tranquilo. Acho que papai estava deprimido a meu respeito. De repente, ele disse: — Vamos celebrar um casamento.

— Oh, papai!

Eu podia ter dançado de prazer. Eu adorava casamentos. Uma das minhas mais antigas lembranças, se não a primeira, era a do casamento de minha irmã mais velha com um primo, quando eu tinha quatro anos de idade. Anis Bibi tinha 14 anos naquela ocasião.

Eu me lembrava do vestido vermelho que ela mandou fazer para mim, da mesma fazenda e da mesma cor que o seu, que era ricamente bordado em ouro. Ela usou finas joias nos cabelos, uma coroa e um anel de nariz incrustrado de pérolas. Na mão direita, ela usou cinco anéis ligados por uma punjangla às pulseiras em seu pulso, e cobrindo tudo uma dupatta feita da mais leve gaze de seda.

Sentei-me sobre seu joelho quase o tempo todo, e ela me segurou firme e protetoramente, abraçando-me da maneira como eu às vezes abraçava minha boneca. Quando o maulvi entrou para dizer as palavras de casamento sobre ela, senti-a tremer, e dando-lhe umas palmadinhas no rosto, debaixo do véu, encontrei-o molhado de lágrimas.

Todos os convidados masculinos estavam com o noivo, no aposento contíguo, e todas as convidadas femininas estavam conosco. O noivo, como era costume entre nós, jamais havia visto o rosto da noiva, exceto quando eram pequeninos e de nada desconfiavam, mas isso não importava. Ele a amaria. Todos amavam Anis Bibi, que se parecia tanto com nossa falecida mãe.

Foi um grande casamento. Algumas pessoas muito importantes compareceram. Houve muitos presentes. O dote que demos era rico e deve ter empobrecido papai. Todo o necessário foi com Anis Bibi para o seu novo lar juntamente com dinheiro, ouro, presentes dos parentes do noivo... uma fortuna. Todo mundo disse que foi o melhor casamento que a cidade já havia presenciado.

Quando Anis Bibi veio despedir-se de mim, agarrei-me a ela e solucei. Ela era a única mãe que eu conhecia.

— Virei vê-la muitas vezes — prometeu ela. De fato, ela retornaria no dia seguinte, conforme o nosso costume, para permanecer na casa paterna por alguns dias antes de ir residir na casa dos sogros. Haveria visitas de lá para cá e vice-versa por algum tempo, até que se julgasse terem os jovens idade suficiente para estabelecer casa própria.

0 casamento do Xá Safdar teve lugar na casa da noiva, e foi o reverso do de Anis. Nossas mulheres não compareceram. Esperamos até que eles nos devolvessem Zenib, a noiva, no dia seguinte, com seu esplêndido dote. Ela ficou dois dias conosco e em seguida voltou à casa dos pais por uma semana. O casal estava noivo desde a infância mas jamais um havia visto o outro, como era costume. Outras coisas foram diferentes. A noiva era mais velha, com 18 anos na época. Ela ficou conosco enquanto o Xá Safdar completou seus estudos em negócios numa faculdade americana, antes de

entrar para o mundo dos negócios numa fábrica de empacotamento em Lahore. Depois foram morar em Samanabad, em um bom bangalô próprio.

Gostei de tê-la conosco. Ela costumava fazer-me companhia em meu quarto, ou sentava-se comigo no assento do balanço na metade feminina do jardim. Empurravam-me até ali diariamente quando o tempo estava apropriado, para sentar-me entre as rosas as ervilhas doces, as laranjeiras e as mangueiras, e para ser acalmada pelo borrifar de pequeninas fontes.

Quando estávamos ali, os jardineiros mantinham-se bem afastados, pois uma linha invisível nos separava deles. Depois disso, em rápida sucessão, Samina casou-se e foi morar na Cidade Satélite, Rawalpindi, com a família do marido. Em seguida, foi a vez do Xá Alim. Ele havia acabado de formar-se em direito e foi morar em Samanabad com a esposa e tornou-se um oficial do Conselho da Gasolina.

Meu casamento, naturalmente, era impossível. Liberamos meu primo do noivado e ele acabou casando-se com uma prima muito boazinha, que pertencia a outro ramo da família.

Assim, papai e eu ficamos sozinhos em casa, e iniciou-se um período precioso de minha vida, quando pude usufruir de sua companhia de forma muito mais chegada do que antes. Todos os seus filhos estavam estabelecidos, e seu espírito estava tranquilo. Quando chegasse a hora de prestar contas diante de Deus, ele não seria achado em falta no cumprimento do dever. Havia entre todos nós um elo muito profundo, composto de afeto familiar e fé religiosa. Nossa inspiração e exemplo vinham de papai.

Havia dois outros moradores da casa que não mencionei. Titio e titia. Eles tinham vindo morar conosco após a Separação do Território em 1950, um ano antes de eu nascer. Muitas pessoas ficaram desabrigadas nos dois lados, e papai, conforme era seu dever, anunciou em todos os jornais que qualquer membro da família Sayed que estivesse nessa situação se apresentasse.

No devido tempo, esse casal chegou de Karachi e tornou-se parte da nossa família. Titio tornou-se um irmão honorário e recebeu ajuda de meu pai

para abrir um pequeno negócio atacadista. Titia ajudava a cuidar da casa depois que minha mãe morreu, e tomava conta de mim.

Eu gostava deles -- eram simpáticos e educados — e seus dois filhos, um menino de 12 anos e uma menina de oito, me distraíam do vazio da casa. Titia era uma mulher de bom coração, muito grata por ter um teto a abrigá-la, mas obcecada com os sofrimentos que sua família havia passado quando do nascimento do Paquistão como país.

— Foi terrível, terrível. Vi meu próprio irmão ser assassinado diante dos meus olhos... oh, você não sabe quanto sofremos. Queimaram nossa casa... — ao chegar a esse ponto ela se detinha, vencida pela dor.

Gradualmente, a triste experiência foi passando para segundo plano ao vislumbrar o futuro brilhante que ela via abrir-se diante dos filhos. Ambos estavam estudando.

— Ela será médica — dizia titia orgulhosamente. — Quanto a Abas, ele irá para o exército.

Essas eram ocupações respeitáveis. Para meninas especialmente, as tendências modernas em educação produziam problemas. O que elas poderiam fazer? Havia algumas carreiras abertas às mulheres, mas algumas mulheres que estudavam, especialmente se viviam nas cidades grandes, estavam adquirindo ideias que entravam em conflito com a tradição, e a tradição se interessava em ver as meninas casadas e dentro de suas próprias casas o mais depressa possível.

— Você não concorda? — disse titia.

Esforcei-me para retornar do meu devaneio.

— Talvez sim — falei.

Oh, sim, realmente — disse titia. — Minha filha deve terminar os estudos e se qualificar como médica. Pense quanto isso será útil quando ela se casar e seus filhos estiverem doentes.

Não me importava que ela matraqueasse assim sem parar por uma hora ou mais de cada vez. Na verdade, era apenas necessário fazer um comentário de vez em quando para manter a torrente fluindo. Era uma distração inofensiva para ela e me permitia pensar em outra coisa.

Titia e titio me pouparam muitas preocupações aborrecidas relacionadas aos empregados, pois como em todas as casas, tínhamos diversos deles que precisavam ser supervisionados, e por cujo bem-estar éramos responsáveis. Salima havia estado comigo desde meus sete anos de idade.

Era uma mocinha tímida do interior. Aos 14 anos de idade assumiu a responsabilidade de cuidar de mim. Quando fiquei mais velha, foi-lhe dada uma ajudante, Sema, que veio da mesma família.

Tínhamos outros empregados que eram organizados para nós pelo munshi, ou escrevente. Seu escritório ficava perto da entrada da frente do bangalô. Ele recebia ordens de papai todas as manhãs. Providenciava para que as compras fossem feitas, os cardápios organizados de acordo com a ocasião, os suprimentos encomendados, as cartas enviadas, os visitantes recebidos apropriadamente, as contas pagas. Todas as semanas ele prestava contas de seus serviços de despenseiro. Mais abaixo na cadeia de comando, mas um tipo bem excêntrico à sua maneira, encontrava-se o chowkedar, o porteiro. Quando visitantes tocavam a campainha do portão, era a responsabilidade do chowkedar descobrir o que queriam conosco, e, se os julgasse honestos, passá-los ao munshi, que os conduziria então ao membro certo da família.

Havia quatro jardineiros — Dita era o principal. Ele supervisionava a compra de plantas, a disposição de vasos e a escavação de buracos nos quais as plantas eram colocadas — no jardim ensolarado durante o inverno, e na varanda ensombrecida durante o verão. Havia um segundo jardineiro que se certificava de que as ordens de Dita fossem cumpridas, um terceiro vigiava o poço de tubo para garantir que tivéssemos água para o jardim e para as pequeninas fontes que jorravam no jardim. O filho de Dita cortava a grama e mantinha tudo em ordem.

Tínhamos um cozinheiro e seu ajudante. Eu jamais ia às cozinhas — aquela linha invisível me impedia. Rahmat Bibi era a empregada da área de

laticínios — ela fazia manteiga fresca todas as manhãs com o leite dos nossos búfalos. Lahraki trazia os alimentos à mesa e Sati ajudava. Elas também cuidavam do serviço da casa.

Assim, poder e responsabilidade se filtravam através de muitos canais, e seus interesses coincidiam com os nossos. Os salários não eram altos, porque a maioria dos nossos empregados vivia no complexo e tinha alimentação e vestuário. Eles não trabalhavam tanto quanto as pessoas lá fora — era o que eu pensava naquela época.

Eu jamais gritava com meus empregados, e me alegrava em ver que titia, apesar de ralhar bastante, também não gritava. Certa vez que ouvi uma discussão com o dhobi, ou lavador, que havia perdido alguma peça preciosa de roupa. Sempre me espantava como aquelas roupas sujas, em uma semana teriam sido levadas a uma brancura alva, alisadas com um ferro de brasas, e trazidas de volta sem uma ruga que fosse — e tudo vindo de uma casa de barro com apenas uma bomba de mão por perto para produzir água corrente para se lavar as roupas.

O dhobi jamais seria rico, mas de muitas maneiras ele vivia bem. Não era pago em dinheiro, mas em espécie — trigo, um saco de arroz. O que ele não consumia, trocava nos vilarejos por coisas de que precisava.

— Não é uma vida ruim. Gostaria de poder viver assim como ele se perdesse tudo isto — disse meu pai estendendo as mãos à volta para indicar sua casa confortável e suas terras.

Papai tinha teorias distintas a respeito do trabalho numa cultura como a nossa.

— Claro que possuímos muitos empregados cuidando de poucas pessoas, mas eles não custam muito para alimentar e vestir. Precisam de nós tanto quanto precisamos deles. Desafio qualquer país desenvolvido a encontrar um sistema melhor para alimentar e ocupar as classes mais pobres.

Eu tinha uma professora, Razia, que vinha me guiar através das complexidades do Conhecimento Religioso Islâmico, do Urdu, da História

da Índia e do Paquistão, Matemáticas, a Língua Persa, e Ciência Básica. Em lugar de Inglês, estudei Urdu Adiantado.

Razia era uma mulher bondosa, atenciosa, alta e bela. Ela entrava em meu quarto como um sopro de ar fresco, e graças a ela tomei interesse no mundo que me cercava, ouvindo pelo rádio notícias e programas religiosos, e assistindo à televisão no aparelho que papai comprou após nossa visita a Meca para atenuar o desapontamento da minha volta ao lar.

Certo dia, Razia disse:

— Agora você está pronta para os exames. Logo já não poderei mais vir ensiná-la.

Fiquei tão entusiasmada ante a perspectiva dos exames que não compreendi plenamente quanto sentiria falta das nossas aulas.

Passei pelos exames e depois fiquei sentada o dia todo, sem nada para fazer. Razia tinha outra aluna, e não podia visitar-me com muita frequência.

Papai, todavia, continuava a vir todas as noites. Sentava-se perto de mim, lia o jornal e me contava as notícias do dia com relação aos negócios e com o que estava acontecendo na cidade. Ocasionalmente viajávamos. Houve uma época em que eu havia pensado que a nossa região era o centro do Punjab — que, naturalmente, era o centro do Paquistão. A não ser pela qualidade de seus animais de cria e sua vida industrial crescente, ela era também um famoso centro de interesse romântico. Existia ali um túmulo de um jovem casal que havia sido separado em vida mas unido na morte.

Foi Samina quem primeiro me contou essa história, em todos os seus detalhes emaranhados, e depois papai nos levou a visitar o túmulo de mármore branco que comemora os mal-aventurados amantes.

A história tinha como protagonistas a Heer, cujo nome significa bela, e Ranjha, o filho do fazendeiro que queria casar-se com ela. Havia uma questão de casta envolvida, embora ambos fossem ricos. Os pais de Heer enganaram-na e a fizeram casar-se com um marido que eles mesmos escolheram. Mas ela amava a Ranjha, de quem se havia tornado noiva. O

rei tomou conhecimento do caso e anulou o casamento da moça. Mas o seu doli, o carro das núpcias, que a estava conduzindo a Ranjha, acabou sendo o seu carro fúnebre. Um tio deu-lhe bebida envenenada quando ela se preparava para deixar a casa. Identificado com a tradição de Romeu e Julieta, Ranjha suicidou-se.

Tais estórias alimentavam a nossa paixão por romance. Não foi senão muito mais tarde que a comparei com os sentimentos de meu pai por minha mãe. Essa não era uma paixão etérea, romântica, mas um amor sincero que o levou a sacrificar-se por ela em vida.

CREATED BY JUTOH - PLEASE REGISTER TO REMOVE THIS LINE

CAPITULO CINCO

O AGUILHÃO DA MORTE

Não gosto de me lembrar do que veio a seguir, embora a pungência da lembrança em si traga consolo. Nosso pai, sempre tão forte, adoeceu. Era dezembro de 1968 e ainda havia pesadas chuvas e frio. Papai ficou muito tempo em sua propriedade no campo e chegou em casa ensopado e enregelado. Naquela noite, ele foi para a cama com febre. Na manhã seguinte, foi com esforço que ele se dirigiu ao escritório; com o rosto acinzentado e transpirando, conduziu seus negócios e voltou para casa outra vez. Naquela noite, ele estava pior, com um chiado estranho ao respirar.

O médico veio e receitou remédio. O mulá também veio e disse preces. A febre abaixou e *Majeed* o levou de novo ao trabalho, depois o trouxe para casa novamente. Papai havia piorado e lutava para respirar.

A família reuniu-se e unimos nossas vontades a fim de ajudá-lo a vencer a enfermidade, que agora estava diagnosticada como pneumonia. Papai devia ter ficado no hospital, mas insistiu em ficar em casa, e continuou tentando trabalhar no quarto. Por dois ou três dias, ele lutou. Então, a mudança que todos temíamos ocorreu. Ele estava perdendo a batalha e nada podíamos fazer para salvá-lo. Começou a nos dar mensagens e instruções acerca da disposição de sua propriedade, e entregou as escrituras ao Xá Safdar, que era o seu procurador.

Papai pensou em mim, mesmo no fim. Olhou para mim e ofegando com grande esforço, disse:

— Deixei bastante propriedade para você. Mesmo que mantenha 100 empregados, não será um peso para ninguém. Cuide do seu tio e tia, e dê-lhes o que for necessário. Fitamos uns aos outros aterrorizados.

Isto não está acontecendo — bradávamos entre nós. Ele estava escorregando de nossas mãos, como a água afunda na terra para não voltar a não ser quando chamada pelo sol.

Eu estava em minha cadeira de rodas ao seu lado, e debrucei-me sobre ele, agitada.

— Papai, não nos deixe. Precisamos do senhor. Se o senhor se for, eu o seguirei — chorei, mal sabendo o que dizia.

Ele abriu os olhos e debilmente colocou a mão sobre a minha cabeça:

Isto é um fardo para você, mas não deve suicidar-se. É um pecado. Não se esqueça de que pertence a uma família Sayed, a família de Maomé. Você irá ao paraíso — portanto, não se suicide ou irá para o inferno. Não dê ouvidos às superstições. Leve uma vida reta e estaremos todos juntos com sua mãe.

Nesse ponto, ele se ergueu de leve e agarrou-me febrilmente o braço, os olhos cintilando com uma luz estranha, fixa, como se estivesse contemplando uma visão, e arquejou:

— Um dia Deus vai curá-la, Gulshan. Ore a ele. — Depois, ele recaiu sobre os travesseiros, respirando penosa e lentamente. Seus olhos se fecharam.

Permaneci ali chorando amargamente.

Como posso ter fé se o senhor não estiver comigo, papai? — solucei.

Então, o Xá Safdar pôs-se a gritar:

— Não nos deixe. Ainda precisamos do senhor. O senhor é a nossa mãe e o nosso pai.

Olhei para meu irmão, o exigente empresário. Não havia percebido que ele tinha dentro de si sentimentos tão ternos por aquele homem que nos havia criado e cuidado de nós através da infância e da juventude.

Os olhos de papai se abriram. Ele estava fazendo um supremo esforço de vontade para permanecer conosco.

— Cuide de sua irmã — disse ele a cada um dos seus filhos por sua vez, e eles fizeram uma promessa solene. Então, tomou um pouco de água, disse alguns versos do Sura Ya Sin, no que nos juntamos a ele — e fechou os olhos para sempre. Permaneceu daquela forma, respirando penosa e lentamente por diversas horas, enquanto vigiávamos ao seu lado, e então, às 8 horas da manhã de 28 de dezembro de 1968, ele morreu, enquanto seu amigo, o maulvi, recitava o Sura Ya Sin.

E quando a Trombeta soar, eles se erguerão de seus túmulos e se apressarão ao encontro de seu Senhor. 'Ai de nós!' dirão. 'Quem nos despertou de nosso lugar de repouso? Isto é o que o Senhor de Misericórdia prometeu: os apóstolos pregaram a verdade!' E com um brado serão todos reunidos diante de nós. Naquele dia, nenhuma alma sofrerá a menor injustiça. Serás recompensado apenas segundo os teus feitos.

Naquele dia, os habitantes do Paraíso em nada pensarão além de sua ventura. Juntamente com suas esposas, eles se reclinarão em bosques umbrosos sobre divãs macios. Eles terão frutos e tudo o que desejarem...

Lemos a passagem tradicional através das lágrimas, crendo que ela facilitaria a passagem física da morte para nosso pai. Então Samina beijou-lhe o rosto sem vida, e todos seguimos o seu exemplo.

Durante as horas seguintes ele pertenceu aos homens da família e da vizinhança, mestres nos rituais da morte. Eles e os empregados lavaram o corpo e vestiram papai em uma mortalha branca especial, que ele trouxera da Hajj, deixando-o pronto para a partida em sua jornada final. A mortalha consistia de uma longa camisa e dois pedaços de fazenda que seriam enrolados em torno da cintura e dos ombros. Colocaram-lhe um turbante na cabeça e o enrolaram em um lençol branco que o cobriu, colocando-o num caixão que tinha preces e versos do Santo Alcorão escritos à volta toda. Esse caixão foi deixado aberto por seis horas para as mulheres da família virem e prestarem homenagem. Depois, foi colocado fora no jardim, enquanto os que compareceram ao velório passavam por ele numa corrente sem fim, cada um inclinando-se para beijar o caixão e recitar uma prece, ou atirar-lhe um beijo de respeito.

Papai era um homem importante e bem conhecido, um líder religioso, um Pir, com seus próprios murreeds (seguidores), bem como proeminente proprietário e empresário. Seu enterro naquela tardezinha dizia respeito tanto à comunidade quanto à família. Mil pessoas compareceram, incluindo a família, membros da comunidade empresarial, representantes religiosos e dezenas mais dezenas de murreeds. Foi um enterro notável.

Devido a nossa condição de família Sayed, tínhamos nosso setor especial no cemitério da cidade, e ali papai foi enterrado, num pequeno mausoléu onde sua esposa jazia. Somente os homens foram ao enterro. O maulvi dirigiu as preces e todos se inclinaram e oraram. Em seguida desceram o ataúde para dentro do chão e sobre ele os que haviam comparecido ao enterro aspergiram pó. Um chador ou lençol de flores amarradas juntas havia sido estendido sobre o caixão.

Quanto à mim, estava paralisada pela tristeza, imóvel. Salima e Sema entravam e saíam, ocupadas, supervisionadas por titia, para me banhar, trocar, trazer-me leite quente e massagear minha cabeça para diminuir a dor. Percebi obscuramente a guarda montada do lado de fora de minha porta.

— Não, ela não quer ver ninguém. É melhor deixá-la a sós por enquanto.

Até membros da família tiveram de voltar sem poder entrar.

Devo ter dormido, porque quando dei por mim eram 3 horas da madrugada em meu relógio, e fiquei quieta por alguns momentos, tentando ouvir os pequenos sons indicadores de que os empregados da casa já estavam em pé, preparando-se para o dia. Havíamos passado pela pior coisa de nossas vidas, e entretanto a rotina precisava continuar. "É errado que eu esteja viva, uma paralítica inútil como eu, e ele esteja morto", pensei. "Deus, não posso viver deste jeito por talvez outros 30 anos. Por favor, leve-me com meu pai."

Por que Deus estava tão distante, e tão silencioso? Talvez meus antepassados tivessem pecado terrivelmente. Talvez Deus desejasse ver mais paciência em mim... sim, mas eu tinha tido paciência e continuava doente. Se ele não me ia ajudar, eu teria de encontrar alguma forma de me

livrar desse corpo cansativo. Mas como? Enforcar-me? Com uma mão, seria impossível. Veneno? Onde o conseguiria? Se eu pudesse encontrar uma faca ou tesoura... elas estavam trancadas nalgum lugar. Mesmo enquanto o pensamento se esboçava, outro pensamento tomava o lugar do primeiro: "Você nunca estará com papai e mamãe no Paraíso se tirar a própria vida." Como uma Sayed, eu tinha direito automático a entrar, mesmo que deixasse de observar os Cinco Pilares do Islã, mas um suicídio poderia cancelar esse direito.

Talvez, então, eu jamais fosse curada. Meu coração parecia estar sendo apertado, e as lágrimas escorreram desimpedidas. Foi naquele momento, movida por pura impotência, que comecei a conversar com Deus, realmente conversar com ele, não usando orações estabelecidas como faz o muçulmano, aproximando-se dele através de um grande abismo. Levada por imenso vazio íntimo, orei como se estivesse conversando com Aquele que conhecia minhas circunstâncias e minhas necessidades.

— Quero morrer — falei. — Não quero mais viver. E isso é tudo.

Não posso explicar, mas eu sabia que estava sendo ouvida. Era como se um véu estivesse sendo erguido entre mim e alguma fonte de paz. Puxando o chale bem apertado à minha volta contra o frio, falei mais atrevidamente em prece.

— Que pecado terrível cometi que me tens feito viver desta forma? — solucei.

Assim que nasci, minha mãe me foi tirada, e então fizeste de mim uma paralítica, e agora levaste meu pai. Diz-me, por que me castigas tão severamente?

O silêncio era tão profundo e tranquilo que eu podia ouvir as batidas do meu coração.

— Não a deixarei morrer. Farei com que viva.

Era uma voz suave, como um sopro de vento passando sobre mim. Sei que houve uma voz, e que ela falou na minha língua. Com ela senti que

adquirira liberdade para aproximar-me de Deus, o Ser Supremo, que até então jamais me havia dado qualquer indicação de sequer ter conhecimento da minha existência.

— Qual é a vantagem de me manter viva? — inquiri. — Sou uma paralítica. Quando papai estava vivo, eu podia partilhar tudo com ele. Agora, cada minuto da minha vida é como 100 anos. Levaste meu pai e me deixaste sem esperança, sem nada por que viver.

— Quem deu olhos aos cegos, e quem restaurou os enfermos, e quem curou os leprosos e ressuscitou os mortos? Sou Jesus, filho de Maria. Leia a meu respeito no Alcorão, no Sura Maryam.

Não sei quanto tempo demorou esse intercâmbio. Durou cinco minutos? Meia hora? De repente, o chamado às preces matutinas soou na mesquita e abri os olhos. Tudo parecia normal no quarto. Por que ninguém havia vindo com a água para as minhas abluções? Parecia que me haviam concedido um espaço de paz e isolamento para esse estranho encontro.

À medida que o dia foi transcorrendo quase me convenci de que aquela experiência não passara de um sonho. Acompanhando minhas irmãs e outros membros femininos de nossa família, visitei o túmulo de meu pai. Estava tudo calmo e tranquilo ali, e flores frescas haviam sido colocadas sobre o monte de terra marrom. Mas olhei aquilo com horror. Aquele que jamais permitia que um grão de poeira o tocasse enquanto vivo agora estava enterrado debaixo daquela terra. Era horrível demais para mim.

Quando retornamos dessa visita melancólica, foi para guardar um período de luto de 40 dias. Durante esse tempo, o Xá Saf dar e Xá Mim não retornaram ao trabalho, enquanto uma torrente constante de pessoas de perto e de longe, importantes e humildes, nos visitavam e prestavam homenagem à lembrança de nosso pai.

Durante todo esse tempo, as nossas refeições vieram dos vizinhos. Não se acendia fogo algum para cozinhar na casa. Esperava-se que dedicássemos todo o nosso tempo a relembrar o falecido falar a seu respeito com todos que viessem. Nossos visitantes sentavam-se no chão para mostrar respeito,

e falavam acerca das coisas boas que o morto havia feito, honrando assim a sua memória e animando a família. Era um costume delicado, que permitia a expressão apropriada da dor, e trazia o apoio da comunidade para ajudar a família enlutada.

Após termos voltado do cemitério, num estado de profunda depressão, uma coisa estranha aconteceu. Uma das empregadas berrou de repente, e apontou uma cadeira.

— Eu o vi sentado ali — gritou ela. Ninguém se surpreendeu. A sensação da presença do falecido não sai imediatamente da casa, e no caso de meu pai, ainda não conseguíamos acreditar que ele se tinha ido. Era como se ele tivesse apenas saído para dar alguma ordem ao jardineiro e fosse estar de volta em breve. Olhei para a empregada e perguntei-me porque havia sido ela quem o tinha visto.

Titia veio ao meu quarto e sentou-se comigo por algum tempo, massageando-me a cabeça para aliviar uma dor de cabeça dolorosa que havia surgido como resultado de todas as minhas lágrimas.

Seu tio e eu cuidaremos de você como seu pai e sua mãe. Por favor, considere-nos como tais e tente ver essa perda como algo que ocorreu pela vontade de Deus. Ele levou o seu pai ao Paraíso.

Quando ela se foi, movida pela necessidade de fazer algo a fim de tirar da mente os acontecimentos daquela manhã, pedi que me trouxessem o meu Alcorão em árabe, e comecei a ler o Sura Maryam. Mas era difícil ler em árabe com plena compreensão, embora seus versos rítmicos e cadenciados facilitassem decorá-los. Nesse ponto, uma ideia audaciosa tomou conta de mim. Por que não lê-lo em minha própria língua?

Escrevi um bilhete a Salima, e entreguei-lhe quando ela veio trocar minhas roupas.

"Favor entregar ao portador a melhor tradução em urdu disponível do Alcorão", dizia o bilhete.

Leve-o à livraria e peça uma versão em urdu do Alcorão, publicada pela companhia Taj — falei. — Pegue o dinheiro com titia.

Salima assentiu respeitosamente com a cabeça e saiu. Duas horas mais tarde ela voltou, com o livro embrulhado em jornal.

— Bom, disse eu. — Agora, vá fazer uma capa para ele.

Naquela mesma noite, quando a casa tornou-se calma e silenciosa, desembrulhei a capa de seda verde e tirei o Alcorão em urdu. Segurei o livro na mão por um momento. Queria muito ouvir aquela voz outra vez, com sua garantia de que minhas orações eram ouvidas e que havia um caminho para a cura e a esperança. A forma de ouvi-la novamente, eu sabia instintivamente, era obedecendo sua instrução de ler. E assim, cheia de curiosidade e tristeza, e sem a menor ideia de quanto esse ato era significativo, eu disse: Bismillah. Abri o livro e pus-me a ler:

Os anjos disseram a Maria: 'Alá te anuncia a boa nova de seu Verbo. Seu nome é o Messias, Jesus, o filho de Maria. Ele será nobre neste mundo e no próximo, e será favorecido por Alá. Ele pregará aos homens em seu berço e no auge da sua idade adulta, e levará uma vida justa...'

No terceiro dia depois da morte de nosso pai, Safdar Shah assumiu o cargo de chefe da família. Um dos turbantes de papai f oi colocado cerimonialmente sobre sua cabeça por dois tios — e dali em diante ele era o Pir em nossa família, e Xá. Esperava-se que ele soubesse as respostas a perguntas religiosas. Ele seria um bom Pir. Seria diferente de alguns que tinham esse título, mas eram incultos e supersticiosos.

Durante os quarenta dias de luto a casa permaneceu cheia de vizinhos, visitantes e murreeds com suas esposas. Haviam vindo para nos servir, e tinham boas intenções, limpando a casa e servindo alimento a outros visitantes. Também trouxeram roupas para a família, que, por cortesia, éramos obrigados a usar.

— Estas roupas são roupas de morte, não de vida. Elas sempre me farão lembrar — disse Anis Bibi, retorcendo seu shalwar kameeze desconfortavelmente.

O período de luto encerrou-se com duas atividades. O túmulo foi revestido de cimento, e sobre ele ergueram uma pedra. Todos foram convidados para o tradicional banquete de fim de luto, o chalisvanh.

Armamos uma grande tenda e incumbimos um serviço local de bufê para a alimentação. O serviço de bufê montou fogões e encheu de arroz 150 enormes panelas. Serviram um prato composto de carne, grão de bico e arroz doce, e todos sentaram-se sobre durrees no chão e comeram com os dedos a comida servida em pratos de aço.

Não participei porque detestava que me olhassem e tivessem pena da minha deformidade, mas contaram-me tudo.

O Xá Safdar agora tinha de retornar a Lahore, mas antes de fazê-lo, veio me ver e sentou-se na cadeira que papai havia ocupado tantas vezes, parecendo pouco à vontade. Ele segurava o papel referente à minha propriedade, que papai me deixara. Eu sabia o que ele ia dizer, e tinha pronta a resposta.

— Minha querida irmã — começou ele — eu a convidaria a vir morar conosco, mas o fato é que titia e titio estão aqui para cuidar de você. Como sabe, papai deixou para você a maior parte da propriedade. Eu, naturalmente, não me oponho a isso de forma alguma, já que papai se importava tanto com você e pensou especialmente em seu conforto e bem-estar. Mas como é dona da propriedade, pode morar agora onde quiser, inclusive Lahore. Interrompi:

— Obrigada, meu irmão, mas não gostaria de deixar esta casa, onde fui criada. Não quero ir a Lahore.

Ele fitou-me penetrantemente.

— Será que é bom você ficar aqui remoendo as coisas?

— Eu poderia remoer coisas em Lahore também. Aqui estou acostumada com tudo — falei. Não acrescentei a outra razão —que somente ali, em tranquilidade e isolamento, eu poderia continuar a busca no Santo Alcorão de um profeta que curava, Jesus.

— Muito bem, se você quer assim, assim seja — disse o Xá Safdar. Achei que ele parecia aliviado.

— Nesse caso, precisamos cumprir o desejo de nosso pai com relação à administração de suas finanças.

Foi estabelecido que o Xá Safdar colocaria dinheiro no banco em Lahore para eu poder retirar. Eu, como chefe da casa, assinaria cheques do Banco Comercial Muçulmano todos os meses para as despesas. Daria dinheiro a titio para tocar a casa. Meu irmão, o Xá Safdar me visitaria duas vezes por mês a fim de examinar as contas.

— Sei que estará tudo em ordem — disse o Xá Safdar. —Quando meu pai estava vivo, tinha grande confiança em seu critério.

Assim foi estabelecido para satisfação dele, e ele se foi. Todos se foram, um a um, deixando-me entregue a uma existência melancólica, sem nenhuma companheira ou amiga íntima que compartilhasse a minha solidão, embora não deixasse de ter companhia.

Titia veio ao meu quarto quando ele se foi.

— Você tem muita sorte em ter tanta confiança colocada em suas mãos — disse ela. — Quando eu tinha a sua idade, teria sido considerado impróprio para uma mulher saber tanto a respeito de negócios... mas seu pai (possa a sua lembrança ser louvada) tratou-a como um de seus filhos.

Ela saiu novamente, e à medida que o silêncio me envolvia, abri o meu Alcorão em urdu e reli a passagem do Sura, "Os Imrans", que se constituía agora ponto central na minha atenção: *Com permissão de Alá, concederei visão aos cegos, curarei os leprosos, e ressuscitarei os mortos.*

Havia muito mais sobre esse profeta que eu não entendia. Muitos estudiosos inteligentes haviam tentado apresentar suas interpretações acerca do profeta Jesus, que, dizia esse Sura, foi um ser criado, feito do pó, como Adão, e contudo podia, pelo poder de Alá, realizar todos esses milagres. Ele era importante, disso eu não podia duvidar, mas quem era esse profeta que

conhecia a minha necessidade e podia falar comigo do céu como se estivesse vivo?

Eu havia perdido meu mais querido companheiro e uma vida vazia estendia-se diante de mim. Contudo, uma semente de indagação e de esperança me havia sido plantada no coração. Um dia, algum dia, eu estava certa de que descobriria o segredo desse profeta misterioso escondido nas páginas do Santo Alcorão.

CREATED BY JUTOH - PLEASE REGISTER TO REMOVE THIS LINE

CAPÍTULO SEIS

O AUTOMÓVEL

O Mercedes azul de papai permanecia silencioso em sua garagem após a morte do dono, coberto de lençóis pretos, um memorial ao homem que havia enchido nossas vidas de felicidade, desaparecido agora como um sol brilhante de nossos céus, deixando-nos enregelados e frios. Era o carro de um homem de posses. A partida de papai nele todas as manhãs para o trabalho fazia parte de nosso ritual cotidiano. O carro em si já era esplêndido, mas papai acrescentava-lhe sua própria magnificência quando se sentava ao lado do motorista Majeed, cujo turbante e porte ereto diziam ao mundo quanto se orgulhava de estar conduzindo tal senhor. Nós, os filhos, também nos orgulhávamos quando éramos levados de carro a qualquer parte por papai. Os meninos iam nele à escola da mesquita, e eu ia com papai quando ele buscava tratamento médico para a minha paralisia. Às vezes, havia passeios turísticos quando ele me levava do quarto silencioso estrada afora para visitar parentes em Lahore.

Agora seu carro estava imóvel. Ninguém gostava de dirigi-lo, nem mesmo meu irmão, o Xá Safdar. Com regularidade, Majeed removia a coberta e polia a superfície azul escura e os acessórios de cromo reluzentes do carro até tudo brilhar como um espelho. Ele esfregava o painel de mogno e encerava as almofadas de couro até emitirem um odor penetrante. Limpava o motor da mesma forma e engraxava cada parte que se movia, levantando o carro no macaco para não forçar as rodas. Enquanto Majeed trabalhava, falava baixinho, como que com o carro. As empregadas me contaram tudo isso, com risinhos:

— Aquele Majeed, a senhora devia ouvi-lo. Ele perdeu um parafuso. Fica dizendo ao carro: Você não está morto.

—Calem-se — reprovei-as. Vocês não deviam brincar a respeito dessas coisas.

Eu tinha a impressão desconfortável de que papai ouviria, de que ele sairia das sombras que estavam caindo em torno do bangalô quando o entardecer se aproximava depressa, e pediria que aprontassem o carro, e sairia dirigindo, como se nada tivesse acontecido. Como que para reforçar essa ideia, uma das empregadas veio correndo até mim certo dia com a história de que tinha visto seu senhor andando pela casa.

— Ele falou com você? — perguntei.

Ela estremeceu.

— Não, Bibi-Ji. Ele não olhou para mim, apenas passou direto por aquela porta. Quando olhei lá dentro, não havia ninguém. A sala estava vazia!

Não a repreendi por sua imaginação, apenas perguntei-me porque não havia sido eu a ver o rosto tão querido de papai. Entretanto, aquele carro era um símbolo de meu próprio estado de inutilidade. Será que o carro teria de ficar para sempre na garagem — um eco de dias passados? Ficaria eu ali, impotente, vivendo de lembranças pelo resto da vida?

Meus irmãos e irmãs tinham as próprias vidas para viver, e embora cumprissem fielmente as instruções de papai a meu respeito, eu não queria sentir que era um peso e uma preocupação para eles. Minha melancolia foi percebida por minhas irmãs. Samina perguntou-me a respeito certo dia.

— Maninha, o que lhe está perturbando a mente, e fazendo-a parecer tão triste?

Quando contei, ela falou:

— Você jamais será um peso para nós. Nós a amamos demais.

Assim, quando o humor negro do desespero vinha, tentava livrar-me dele da melhor forma que podia, dizendo para mim mesma:

— "Olhe, Gulshan, você teve muita sorte em ter uma família dessas. Poderia ter nascido pobre como uma das suas empregadas. Poderia ter tido um pai que não a amasse, e irmãos e irmãs que não se importassem consigo. Você é bastante instruída. Tem um teto sobre sua cabeça e papai assegurou

que nada lhe venha a faltar. Agora, trate de aproveitar ao máximo a sua situação. Pense naqueles dias em Meca, quando você esteve tão próxima de Deus e de seu profeta. Lembre-se das palavras de papai de que Deus a curará, e se isso não lhe bastar, lembre-se da voz que ouviu neste quarto contando-lhe sobre o Jesus que cura."

Quando eu pesava todas essas coisas na balança, elas eram suficientes para me arrancar do desespero. Cada dia eu recontava as minhas bênçãos, tirando os pesos um a um até minha disposição poder-se elevar. Entretanto, por baixo de tudo havia o medo persistente — talvez eu jamais fosse curada.

Voltei-me à oração mais assiduamente do que antes. Meus dias se volviam num padrão regular ditado pelos cinco horários estabelecidos para a oração. Acordava às três da madrugada todos os dias e me preparava para a *Fajr qe namaz*, a prece da aurora. Em seguida, lia o Alcorão em árabe até o desjejum, que eu tomava no quarto.

Após o desjejum, Salima ou Sema me trocavam as roupas, e então eu passava o tempo lendo um livro religioso, ou o jornal, ou ouvindo o rádio ou escrevendo carta a um irmão ou irmã, e em seguida almoçava. Isso era seguido por um período de descanso, e depois o horário de oração do começo da tarde, *Zohar qe namaz*. Quando os filhos de titia chegavam da escola, levavam-me na cadeira de rodas ao jardim para eu vê-los brincar. Duas horas antes do anoitecer era a Asar qe namaz, e por volta de duas horas após o anoitecer a *Maghrab qe namaz*, a prece vespertina. Por último, vinha a prece noturna, à qual maior valor é atribuído, a *Isha qe namaz*.

Não era exigido que as mulheres visitassem a mesquita. Em vez disso, dizíamos as nossas preces baixinho em casa. Era mais fácil esquecer da comida do que deixar de dizer minhas preces, embora essas preces fossem feitas à moda de papagaio. Elas eram um elo com papai, um sinal de que eu estava mantendo a fé. Ele me havia ensinado que, se eu fosse fiel, o encontraria no Paraíso, logo após a morte, quando teria um novo corpo. Todas as mulheres no Paraíso iriam ser jovens e lindas — era o que nos ensinava o Santo Alcorão.

Mas havia temores subjacentes mais profundos, mais negros, que eu mal me atrevia a confrontar, muito menos mencionar para quem quer que fosse. Deus devia estar zangado comigo, e era por isso que havia levado meu pai. Eu estava ficando com medo do Deus que adorávamos. Ele estava escondido de mim por trás de um véu de trevas e desconhecimento.

Nada disso transparecia na superfície da vida. De muitas formas, meu lar parecia um paraíso naquela época. Situada numa terra verde, fértil, regada por cinco rios, o Jhelum, o Ravi, o Indus, o Chenab com sua nova represa, e o Satlaj, nossa cidade era considerada um lugar atrasado pelo povo da Lahore. Para mim, era o abrigo de um vasto mundo cheio dos olhares fixos e de perguntas embaraçosas sobre a minha deficiência. Era também um refúgio de um mundo cheio de desastres, assassinatos, homicídios, no qual eu jamais penetraria para me casar ou ganhar a vida. Ouvindo programas noticiosos em urdu transmitidos pela BBC de Londres, pelo jornal e pela televisão, tomava conhecimento do mundo perturbado lá de fora, e anelava pela presença de papai para conversar com ele acerca de tudo o que via e ouvia. Havia muitas coisas que eu não compreendia plenamente, e tinha perdido aquele que me ajudava a formar as minhas opiniões.

Claro que ainda conversávamos muito em casa. Eu conversava com meu tio a respeito dos cuidados da casa e dos negócios. Conversava com minha tia a respeito dos seus filhos, das empregadas, do tempo, das flores no jardim, de casamentos e enterros no círculo da família e amigos. Conversava com minhas irmãs a respeito de seus filhos e todas as fofocas íntimas da vida da família, e com meus irmãos também a respeito de questões da família e ocasionalmente a respeito do mundo em geral. "Há muita dificuldade no resto do mundo. Aqui no Paquistão temos paz. Esta é a 'terra santa'." Essa era a opinião deles.

Por baixo de tudo isso havia uma constante corrente de conversas com os empregados — com Munshi, quando ele vinha à minha porta parcialmente aberta uma vez por semana para anunciar as contas que mantinha com tanto cuidado. Isso se devia à insistência de meu tio. Dinheiro era um negócio escorregadio, e havia muitos buracos pelos quais ele podia escapar em nossa casa. Munshi não queria ser responsabilizado.

Eu conversava particularmente com minhas duas empregadas, que estavam há tanto tempo comigo e me amavam tanto quanto eu as amava. Mas mesmo elas não tinham consciência da mudança mais secreta que ocorreu em mim durante aqueles três anos depois da morte de papai, quando comecei a testar ideias que até então havia aceitado sem questionar.

À noite, depois que as crianças haviam ido para a cama, e meus tios se haviam acomodado em seu quarto, quando a casa silenciava após o último chamado à oração, essa era a hora que eu reservava para ler o Santo Alcorão em urdu. As passagens que eu procurava todas diziam respeito ao profeta Jesus. Mas eu as achava intrigantes. Se ele curava com tanto poder, por que havia tão pouco a seu respeito no Alcorão?

— Titia — falei certo dia — a senhora sabe alguma coisa a respeito de Jesus?

Titia apanhou uma ponta caída de seu lenço e a jogou sobre o ombro. Disse firmemente, como se estivesse recitando palavras de uma lição um dia aprendida:

— Ele é o único profeta no Santo Alcorão que dá vista aos cegos e que ressuscita os mortos e que voltará novamente. Mas não sei em que Sura isso é mencionado.

Quando tentei mostrar-lhe no Alcorão em urdu, deparei-me com sua resistência.

— Você é instruída. Pode ler. Mas nós ainda nos apegamos a nossas próprias ideias, conforme Maomé nos ensinou — falou ela. Vi então que ela não queria realmente discutir o assunto, mas deve ter passado esse assunto ao restante da família porque fui questionada discretamente a respeito pelo Xá Safdar.

Ele vinha duas vezes por mês e ficava um ou dois dias, para verificar como estavam sendo tratadas as questões referentes a casa e ver como eu estava. Minha irmã Anis visitava-me todos os meses, e Samina vinha tantas vezes quantas podia de Rawalpindi, quando ficava alguns dias. Nunca uma irmã foi alvo de tantos cuidados, e entretanto tão solitária.

O Xá Safdar apanhou o Alcorão em urdu.

— Alegra-me ver que você continua fiel à sua religião, Gulshan. Você deixou de ler isto em árabe, conforme papai lhe ensinou? — Não, mano, leio ambos em minha rotina. Leio em árabe de manhã e em urdu à noite. Quero descobrir mais a respeito do seu significado.

Ele ficou contente com isso.

— Ótimo, está muito certo você ler os dois, mas não deixe de ler em árabe. — E ele saiu com a impressão de que eu me estava enterrando cada vez mais no islamismo.

"Com a permissão de Alá, darei vista ao cego, curarei o leproso, e reviverei o morto."

Durante anos eu havia lido o Santo Alcorão com dedicação e orado regularmente, mas havia aos poucos perdido toda a esperança de que a minha condição mudasse. Agora, entretanto, comecei a crer que o que estava escrito acerca de Jesus era verdade —que ele fazia milagres, estava vivo e que me podia curar.

"Oh, Jesus, filho de Maria, está escrito no Santo Alcorão que ressuscitaste os mortos, curaste os leprosos e fizeste milagres. Então cura-me também.” À medida que eu orava desta maneira minhas esperanças se fortaleciam. Era estranho, porque em anos de orações muçulmanas eu jamais alcançara a certeza de que seria curada. Apanhei o rosário que havia trazido de Meca, e orei várias vezes; após cada oração, eu acrescentava: "Oh, Jesus, filho de Maria, cura-me."

Pouco a pouco minhas orações foram tomando uma nova forma, até que, em cada pausa dessas orações, eu introduzia esta frase: "Oh Jesus, filho de Maria, cura-me." Quanto mais eu orava, mais me sentia atraída a essa figura nebulosa, secundária do Santo Alcorão, que tinha poder que o próprio Maomé jamais alegou ter. Onde estava escrito que Maomé curava os doentes e ressuscitava os mortos?

"Se pelo menos eu pudesse conversar com alguém", suspirava eu, mas não havia ninguém. Assim, eu continuava orando a esse profeta Jesus, na esperança de um dia receber mais esclarecimento sobre ele.

Certo dia acordei às três horas da madrugada como sempre, e fiquei sentada na cama lendo os versos que agora sabia de cor. Meu coração repetia as mesmas palavras: "Oh, Jesus, filho de Maria, cura-me." Então, de repente, parei e pronunciei em voz alta o pensamento que se aninhara em meu cérebro: "Estou fazendo isto há tanto tempo, e ainda continuo paralisada.”

Pude ouvir movimentos lentos de alguém se levantando para preparar a água das abluções antes da prece matutina. Em pouco tempo, titia entraria a fim de me ver. Mas enquanto minha atenção estava voltada para isto, meus pensamentos se concentraram de forma urgente sobre o meu problema. Por que eu ainda não havia sido curada, embora estivesse orando há três anos? Então falei: "Profeta, tu estás vivo no céu, e o Santo Alcorão diz que curaste pessoas. Sei que podes me curar, e contudo ainda estou paralisada."

Por que não havia resposta, apenas esse silêncio pétreo no quarto, que zombava de minhas orações?

Repeti o seu nome, e pleiteei meu caso, em desespero. Não houve resposta alguma. Então bradei numa febre de sofrimento: — Se puderes, cura-me — caso contrário, diz-me.

Eu não podia continuar adiante nessa estrada. O que aconteceu a seguir é algo que acho difícil descrever em palavras. O que sei é que o quarto todo ficou cheio de luz. A princípio, achei que era da lâmpada de leitura ao lado da cama. Então vi que essa luz parecia escura. Talvez fosse o alvorecer? Mas era muito cedo para isso. A luz estava crescendo, cada vez mais brilhante, até ultrapassar a do dia. Cobri-me com meu xale. Estava apavorada.

Então me ocorreu que podia ter sido o jardineiro, que acendera a luz de fora para iluminar as árvores. Ele fazia isso de vez em quando a fim de evitar ladrões quando as mangas estavam maduras, ou quando regava as plantas no frescor da noite.

Levantei a ponta do xale para olhar. Mas as portas e janelas estavam bem fechadas, com cortinas e venezianas puxadas. Então tomei consciência de doze vultos em longos roupões, em pé, no meio da luz, a pouca distância de minha cama. Havia 12 vultos enfileirados; mas havia também um vulto no meio, o décimo terceiro maior e mais brilhante que os outros.

"Oh, Deus," bradei, e o suor brotou em minha fronte. Curvei a cabeça e orei: "Oh, Deus, quem são estas pessoas, e como elas chegaram aqui quando todas as janelas e portas estão fechadas?"

De repente, uma voz disse:

— Levante-se. Este é o caminho que você tem estado a buscar. Sou Jesus, filho de Maria, a quem você tem orado, e agora estou em pé diante de você. Levante-se e venha a mim.

Pus-me a chorar.

— Oh, Jesus, sou paralítica, Não posso levantar-me.

Ele disse:

— Ponha-se de pé e venha a mim. Sou Jesus.

Quando hesitei, ele ordenou uma segunda vez. Então, enquanto eu ainda duvidava, ele disse pela terceira vez:

— Ponha-se de pé.

E eu, Gulshan Fátima, que havia estado paralítica na cama por dezenove anos, senti nova força a percorrer-me os membros atrofiados. Pus o pé no chão e fiquei em pé. Então, corri alguns passos e caí aos pés da visão. Estava banhada na luz mais pura, que brilhava mais do que o sol e a lua juntos. A luz brilhou no meu coração e na minha mente e muitas coisas se tornaram claras para mim naquele momento.

Jesus colocou a mão sobre minha cabeça e vi um buraco em sua mão pelo qual um raio de luz incidiu sobre as minhas roupas, de forma que o vestido verde parecia branco.

Ele disse:

— Sou Jesus. Sou Emanuel. Sou o caminho, a verdade e a vida. Estou vivo, e retornarei em breve. Veja, de hoje em diante, você é minha testemunha. O que você viu agora com seus olhos, precisa comunicar ao meu povo. Meu povo é o seu povo, e você precisa permanecer fiel em levar isso ao meu povo.

Disse ainda:

— Agora você tem de manter esta túnica e seu corpo imaculados. Onde quer que vá, estarei com você, e de hoje em diante precisa orar assim:

"Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como nós céus. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje, e perdoa as nossas dívidas assim como perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém."

Ele me fez repetir a oração e ela penetrou-me no fundo do coração e da mente. Era, em sua bela simplicidade e em sua profundidade, muito diferente das preces que aprendera a dizer desde a infância. Ela chamava Deus de "Pai" — esse era um nome que se apegava ao meu coração, que preenchia o seu vazio. Eu queria permanecer ali aos pés de Jesus, pronunciando esse novo nome de Deus — "Pai nosso"... mas a visão de Jesus tinha mais a me dizer:

— Leia no Alcorão. Estou vivo e voltarei breve.

Isso era algo que me fora ensinado de modo que me infundiu fé no que eu estava ouvindo.

Jesus disse muito mais. Eu estava tão cheia de júbilo que é impossível descrever.

Olhei meu braço e minha perna. Havia carne neles. Minha mão não estava perfeita, mas apesar disso tinha força e já não parecia mirrada e atrofiada.

— Por que não tornas tudo perfeito? — perguntei.

A resposta veio amorosamente:

— Quero que você seja minha testemunha.

Os vultos começaram a elevar-se fora do alcance da minha vista e desapareceram. Eu queria que Jesus ficasse um pouquinho mais, e dei um grito de tristeza. Então a luz se foi e encontrei-me sozinha, parada no meio do quarto, trajando uma roupa branca, os olhos ainda pesados pela luz ofuscante. Agora até o abajur ao lado da cama me incomodava os olhos e minhas pálpebras caíam pesadamente. Dirigi-me às apalpadelas a um móvel junto a parede. Ali encontrei um par de óculos escuros, que eu usava no jardim. Coloquei-o e consegui abrir confortavelmente os olhos para ver outra vez. Fechei com cuidado a gaveta, voltei-me e olhei à volta do quarto. Estava do mesmo jeito de quando eu havia acordado. O relógio ainda tiquetaqueava no criado-mudo, mostrando que eram quase quatro horas da manhã. A porta estava firmemente fechada, e as janelas, com as cortinas corridas, também estavam fechadas contra o frio. Entretanto, eu não havia imaginado a cena, pois tinha evidência em meu corpo. Dei alguns passos, depois outros mais. Andei de uma parede a outra, de lá para cá, de cá para lá. Os membros, do lado que havia estado paralisado, estavam inconfundivelmente saudáveis.

Oh, o gozo que senti!

— Pai! — gritei. — Pai nosso que estás nos céus. — Era uma oração nova e maravilhosa.

De repente, ouvi batidas na porta. Era titia.

— Gulshan — disse ela nervosamente — quem está andando no seu quarto?

— Sou eu, titia.

Houve um som abafado, e depois a voz de minha tia:

— Oh, isso é impossível. Não há tratamento eficaz para sua enfermidade. Como pode andar? Está mentindo.

— Ora, entre e veja.

A porta abriu-se devagar e titia entrou temerosa no quarto. Ela ficou colada à parede em terror e descrença, os olhos esgazeados e grudados em meu rosto radiante.

— Você vai cair — disse ela.

— Não vou não — ri, sentindo o poder e a força de uma nova vida que corria em minhas veias.

Minha tia adiantou-se lentamente, mãos estendidas, como uma cega tateando para ver onde ia. Ela levantou a manga da minha túnica e olhou meu braço, roliço e saudável agora. Então pediu que me sentasse na cama e olhou minha perna, tão perfeita quanto a outra.

— Parece estranho vê-la em pé. Tenho de me acostumar com isso — disse ela.

Ela me pediu que contasse como aquilo havia acontecido. Por isso contei à titia, desde o começo, primeiro acerca do que papai predisse, depois acerca da voz em meu quarto na noite seguinte à sua morte. Em seguida, contei-lhe a respeito dos três anos que eu havia passado lendo acerca de Jesus no Alcorão, terminando com ele aparecendo diante de mim e a minha cura.

Quando cheguei à parte em que Jesus me havia dito que eu deveria ser sua testemunha, titia interrompeu, dizendo:

— Não há nenhum cristão no Paquistão a quem você possa testemunhar e não há necessidade de você ir aos Estados Unidos ou à Inglaterra. Seu testemunho deve ser o de dar esmolas aos pobres. Quando essas pessoas vierem procurá-la pedindo alimento e dinheiro, esse será o seu testemunho.

Até então eu não havia associado a comissão que me fora dada por Jesus à necessidade de ir à Inglaterra ou aos Estados Unidos. Contudo, suas palavras ainda soavam reais e presentes:

— O que você viu com seus olhos deve levar ao meu povo. Meu povo é o seu povo.

Uma oração começou a formar-se em minha mente:

— Jesus, onde está o teu povo?

CREATED BY JUTOH - PLEASE REGISTER TO REMOVE THIS LINE

CAPÍTULO SETE

A FAMA

Quando nasci, meus pais consultaram um *najumi*, que abriu minha pequenina mão para ler as linhas da sorte. — Sua filha será famosa um dia — disse o homem após estudar minha palma atentamente por um ou dois minutos. Meus pais ficaram contentes e surpresos, e sem dúvida recompensaram-no generosamente pela informação. Menciono isto porque meu pai subsequentemente amaldiçoou esse *najumi* como ladrão e mentiroso quando a febre tifoide me atacou aos seis meses de idade, e parecia que eu deveria permanecer uma paralítica o resto da vida. Mas quando dei os primeiros passos na madrugada daquele dia de janeiro, alcancei fama instantânea como um milagre ambulante. Eu não tinha ideia de estar dando passos rumo ao tipo de fama que ninguém em nossa família teria querido para mim.

As empregadas vieram correndo. As mulheres se amontoaram no umbral da porta indecisas, as bocas arredondadas em o-o-ohs de espanto:

— Oh, Bibi-ji, é a senhora mesmo? Deus a curou afinal de contas?

— Jesus Emanuel apareceu-me neste quarto e me curou — falei. Fora do alcance da vista, os empregado do sexo masculino escutavam, aturdidos de espanto.

Titia agitou os braços mandando todos saírem, e, colocando minhas empregadas ao meu lado, ficou rondando ansiosamente os meus passos enquanto eu saía do quarto, passava pela casa e chegava à varanda. Ela estava vigiando para eu não tropeçar nas orlas dos tapetes, nos pisos lisos ou no piso áspero de cimento a que não estava acostumada. Mas minha mente assumiu controle sobre meu corpo e começou a ditar suavemente sinais para ajudá-lo a assimilar as dimensões e planos do mundo físico. Existe toda a diferença do mundo entre ser um pedaço de lenha, deitado em

um lugar, esperando pelo fogo, e uma árvore viva, ativamente criando vida para os outros. Comecei a descobrir a diferença imediatamente, enquanto me postava ali, bombardeada por novas sensações de estar viva, na varanda, falando com meu tio. Observei-o por trás de minha *doppata*. Eu era a chefe da casa, mas ele cuidava de tudo para mim. Como consideraria esta mudança nas circunstâncias?

Eu não precisava ter-me preocupado. Ele ficou encantado.

— Para nós, você nasceu hoje — disse ele. — Se seu pai estivesse vivo, estaria dando pulos de alegria. Sentimos o mesmo tipo de alegria por você.

Ele tinha lágrimas nos olhos quando falou. Respondi-lhe com profunda gratidão:

— Oh, obrigada, titio. Seu apoio significa muito para mim.

Logo ouvi-o ao telefone, falando com meus irmãos e irmãs. O ar calmo e vivificante da manhã praticamente crepitava de excitação à medida que todos apreendiam o impacto total do que havia acontecido.

Exteriormente, tentei mostrar-me serena enquanto entrava e me assentava para o desjejum com a família pela primeira vez, e comer sem precisar de ajuda. Eu estava consciente dos olhos de todos à volta da mesa e da cozinha enquanto estendia a mão esquerda para pegar açúcar e leite e passava coisas às crianças. Elas estavam fascinadas e somente o olhar penetrante de advertência da mãe as impedia de fazer demasiadas perguntas.

— Você pode andar por aí e ver sua casa agora — disse titio ao sair para o trabalho, levando os filhos à escola ao mesmo tempo. Assim, pela primeira vez na vida passeei pela casa, olhando cada aposento, tomando posse de cada metro quadrado e encontrando sorrisos de felicidade por todos os lados. Senti-me como se tivesse acordado de um sono de dezenove anos.

Lembro-me de ter apanhado a chave do quarto de meu pai e passado algum tempo sozinha ali. Ele era uma extensão de papai, dando algumas indicações de como ele realmente era — um quarto de casal, modestamente mobiliado, com uma charpai, um tapete bege, duas cadeiras, paredes e

cortinas em tom levemente esverdeado. Nas paredes encontrava-se um grande retrato emoldurado dele, tirado quando era mais moço, juntamente com algumas fotos de Meca e Medina. Sua espingarda de caça, que usava quando saía para o campo, também encontrava-se ali.

Lágrimas vieram-me aos olhos. Senti sua presença muito próxima — como se ele tivesse acabado de sair da cama, deixado o quarto por um momento, e fosse voltar.

— Está vendo, Aba-Jan, suas preces foram atendidas — sussurrei, erguendo os olhos à sua elevada expressão solene no retrato, e depois para as fotos de Meca e Medina. Ele havia feito o melhor que podia por mim — mais do que muitos pais teriam achado necessário. Contudo, um poder maior do que ele conhecia estava operando no mundo, e eu, sua débil filha, havia de algum modo sido abençoada, tocada e curada por esse poder.

Entretanto, eu não conseguia achar vestígios de minha mãe nesse quarto que eles haviam outrora compartilhado. Entrei no pequeno aposento contíguo, que ela havia usado como saleta particular. Era agora um aposento-cofre, onde dinheiro, joias e enfeites ficavam guardados. Eu jamais vi minha mãe, e não havia nenhuma fotografia para me dizer qual era sua aparência, já que ninguém pensaria em tirar fotografias das mulheres em nossa família naquela época, mas senti-a perto de mim nesse momento e chorei amargamente por ela.

— Oh, Ma-ji, se somente a senhora estivesse aqui. Por que foi-me tirada tão cedo? Agora não tenho nem a senhora nem papai com quem me regozijar.

Mas meus irmãos e irmãs vieram compartilhar minha alegria. Cada pessoa tinha de ouvir tudo. Contei como na noite seguinte à morte de papai uma voz me disse que eu lesse acerca de Jesus no Alcorão; e como eu havia feito isso por três anos e orado a Jesus mais e mais desesperadamente até ele aparecer-me em meu quarto, tocar-me e curar-me. Pela primeira vez desde que papai morreu, houve verdadeira felicidade em nossa casa.

Precisamos dar um banquete e convidar nossos vizinhos e amigos da cidade — disse Anis.

Isso mesmo — disse o Xá Safdar quando lhe apresentaram a sugestão. — Precisamos dar graças a Deus por responder às nossas orações. E pensar que achamos ter sido a viagem a Meca um desperdício! Agora vejo que durante todo esse tempo Deus sempre quis curá-la.

Os primeiros dias foram um período de aprendizado para mim, quando meu cérebro me pregava peças estranhas. Eu esquecia que podia andar e pedia a titia que apanhasse algo para mim — como, por exemplo, o xale que estava na outra ponta do divã. Ela se levantava automaticamente para ir apanhá-lo e nesse instante eu me lembrava que já não estava paralisada e podia pegá-lo eu mesma.

No fim do dia, eu estava bem cansada. Fisicamente, os anos num leito de enfermidade haviam sido apagados, mas ainda conservava a mente de uma mulher inválida. Necessitaria de tempo para me ajustar a todos os contatos que agora precisava fazer com as pessoas do mundo fora das paredes protetoras do meu quarto. Agora não me importava que as pessoas me olhassem. Meu braço e perna estavam bem, embora não completamente normais, visto ter havido diversos exames e operações "experimentais" conduzidos ao longo dos anos, e isto havia alterado o índice de crescimento de alguns dedos e artelhos. A diferença era que agora podia usar meus membros.

Durante os dias que se seguiram houve uma torrente de visitantes, inclusive tios e tias vindos de longe e minha irmã de Rawalpindi. No final da semana, quando o maior número possível de pessoas podia congregar-se, realizamos o nosso banquete. Contei a todos como Jesus me havia curado.

Minha insistência em falar nisso produziu a primeira nota de discórdia em todo esse assunto, pois causou inquietação em meus irmãos. Quando me ouviu falar do assunto pela sexta vez, o Xá Safdar, que assumira sua posição como chefe religioso da família, comentou:

— Nós a respeitaríamos mais se você dissesse que Maomé a curou. Esse Jesus não é muito importante para nós.

— Mas não posso dizer que Maomé me curou. Foi Jesus, e ele me disse para contar isso.

— Jesus tem o seu povo na Inglaterra, nos Estados Unidos e no Canadá. Esses são países cristãos. Você não vai lá contar-lhes como Jesus a curou, e seria melhor não anunciar esse tipo de coisa aqui.

O Xá Safdar disse aquilo como uma declaração de princípios. Talvez não tenha tido a intenção de fazer parecer uma ameaça, mas percebi em suas palavras a discórdia e a inimizade que nós, como família, havíamos aprendido com nosso pai a respeito do Povo do Livro.

O Livro em questão era o Torá (Antigo Testamento) e o Injeel (Novo Testamento) — os livros dos judeus e dos cristãos, contidos na Bíblia. Os muçulmanos acreditavam que o islamismo corria perigo diante deles, e tentavam mostrar que o Alcorão, embora tivesse vindo mais tarde, era-lhes infinitamente superior, e mais correto, e corrigia os outros livros. Eu havia aceitado isso, mas agora começava a questionar.

Se Jesus não era importante, por que fora capaz de curar-me? Por que o Alcorão, que reivindicava ser o guia final para cada detalhe de nossas vidas, falava tão pouco dele? Esse poder de cura era deveras o poder de que falava o Alcorão? Ele vinha realmente da parte de Deus? Assim, passo a passo, fui sendo atraída por uma fome da verdade. Queria ler os evangelhos por mim mesma, para aprender mais a respeito de Jesus.

À medida que eu ia descobrindo pontos de discordância entre eu e minha família, ela também descobria coisas novas sobre mim que mudariam seu relacionamento comigo. Como irmã desamparada e doente, eu tinha sido uma criatura sem vontade para eles. Sabiam onde me encontrar e como tratar comigo. Sabiam que sempre seria receptiva ao que sugerissem. Eu não tinha vontade — dependia totalmente deles. Agora, entretanto, era livre para agir, e, além disto, estava demonstrando cada vez mais ser filha de meu pai, com uma mente própria aguçada por uma educação que certamente não teria recebido se fosse saudável. Eu podia às vezes até mesmo vencer um argumento com o Xá Safdar. Ele estava percebendo ser muito difícil

argumentar com um milagre ambulante — que tem uma força moral própria.

Desde o começo, minha tia tentou mudar meu parecer sobre a visão que eu tivera de Jesus. Segundo ela, tudo aquilo significava que eu devia dar esmolas aos pobres, e que eles iriam aos outros e contariam a respeito de Jesus. Como eu me atreveria a pensar de outra maneira? Em seu âmbito de experiência, não havia como uma muçulmana pudesse deixar sua casa, a segurança de sua família e sair para pregar aos outros.

Apresentei esse problema a Jesus, perguntando-lhe quem era o seu povo, onde estava e como eu podia ir até ele em face da proibição de minha família.

Recebi a resposta no mais profundo do meu coração. Foi como uma voz falando a mim.

— Se está com medo por causa de sua família, não estarei com você. Tem de permanecer fiel a mim a fim de ir ao meu povo. Foi essa a resposta que obtive no meio da escuridão quando ajoelhei em minha esteira de oração naquela noite, após o resto da família ter-se acomodado.

— Meu povo é o seu povo. Você precisa levar minha mensagem a ele — disse a voz.

Não contei aos familiares a minha escolha, mas eles, percebendo a mudança em minha atitude, passaram a me vigiar constantemente, e me aborreciam com perguntas.

— Você não vai sair desta casa, vai? Não irá à Inglaterra ou ao Canadá, correto? Lembra-se do que falou acerca da Inglaterra quando voltou de lá a última vez?

— Por que não dá *zakat* aos pobres em vez de ir à Inglaterra? Então eles contarão a todos os outros a respeito desse seu Jesus.

Eu já dava uma zakat anual de 50.000 rúpias aos pedintes que vinham à porta. Agora, dentro de duas ou três semanas, dei uma zakat extra de 10.000

rúpias.

Titio me procurou depois disso.

— Agora você ficará feliz. Fez o que Deus pede que façamos, dar esmolas. Você o fez generosamente.

Mas eu não estava feliz. Em voz baixa, falei:

— Mas não dei a mim mesma, e é isso o que ele quer. Achei que ele não tinha ouvido, mas houve um arquejo brusco.

— Ouça, Gulshan. Acho que falo agora como se fosse seu pai (que sua alma encontre repouso no Paraíso). Seja o que for que Jesus deseja, dê-lhe — terra ou dinheiro, mas não deixe seu país, sua religião e não dê a si mesma.

À medida que os dias se passavam, percebi novos brotos de vida surgindo dentro de mim. Quando o muezim emitia o chamado às preces da torre da mesquita, eu entrava no quarto como sempre, grata por fechar a porta aos olhos penetrantes de titia, e por não ser necessário ter as empregadas a me ajudar. Eu me afastava, não para executar o ritual antigo, mas porque orar agora havia adquirido nova profundidade e intensidade, pois eu aprendera a falar com Deus de coração.

Duas horas após ter ouvido pela primeira vez a oração do "Pai Nosso", eu a escrevi inteirinha. Cada palavra satisfazia uma necessidade. Era como se tivesse sido escrita especialmente para mim, e eu não tinha a menor ideia de que era uma oração mui amada e familiar aos cristãos.

Em outras ocasiões durante o dia, eu dizia as palavras à moda muçulmana, tomando minhas contas uma a uma e passando-as pelos dedos, clique-clique-dique, e a cada dique dizendo a oração toda. Dessa maneira, era possível orar onde e quando eu quisesse, pois para um observador parecia que eu estava pronunciado namaz, as preces muçulmanas.

Devo ter repetido aquela oração umas mil vezes durante os dias que se seguiram, e cada vez a achava mais fácil. Recebera um novo vocabulário

para falar com Deus. "Pai Nosso" — oh, essas eram palavras que me faziam ver a Deus sob novo aspecto. Ele era o Ser Supremo, sim, mas era também o Pai que eu havia perdido.

— É tanta bondade sua ser meu Pai! — chorava eu durante a noite, e sentia o conforto inexprimível do amor que chegava até mim. O antigo medo negro de que Deus de alguma forma estivesse zangado comigo havia desaparecido.

"Santificado seja o teu nome." Eu entendia aquilo, pois, como muçulmana, havia sido criada para reverenciar os nomes santos de Alá encontrados no Alcorão. Os muçulmanos usam os nomes de Alá com grande reverência, acrescentando pequenas genuflexões verbais, tais como "Louvado seja o seu nome". Os nomes de Alá têm até poder visual sobre a imaginação muçulmana, sendo uma das formas severamente restritas de decoração permitidas na mesquita. A diferença agora era que eu havia visto por mim mesma algo daquela consumidora santidade.

"Venha o teu reino, seja feita a tua vontade assim na terra como no céu." Sabia agora que Jesus não era apenas um profeta pobre e secundário; ele era o rei eterno, e estaria voltando em breve para estabelecer um reino celestial sobre a terra, assim como no céu.

"O pão nosso de cada dia nos dá hoje..." Jamais havia pensado em pedir pão a Deus, visto todos os meus desejos estarem mais do que amplamente satisfeitos, mas isso mostrava que Deus se preocupava com as necessidades materiais do adorador e queria que dependêssemos dele como Pai com relação a elas.

"Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores." Perdão? As preces do muçulmano são entremeadas de ansiedade a respeito do perdão. A ideia que tem de Deus é a de alguém que castiga seguidores, como o faz com os malfeitores e os incrédulos. Eu estava até começando a desconfiar que cometera algum pecado horrível para ser castigada com a paralisia e a perda de meus pais. O único fundamento para a esperança era cumprir de forma exata e minuciosa os

detalhes das orações ao longo do dia, e fazer a Hajj para obter recompensa garantida, juntamente com os outros Quatro Pilares do Islã.

Contudo, aqui não havia menção de purificação ritual, apenas a certeza de que, para o pecado ser perdoado, ele tinha de ser confessado diante de Deus, e que a pessoa que desejasse perdão tinha de perdoar aos outros. Eu, com toda a minha impecável educação religiosa, jamais havia conhecido essas garantias antes.

"Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal". Orei desta forma porque isso me dava forças para me manter fiel à visão de Jesus. Somente ele me podia salvar da forte atração de voltar à segurança do Islã, que vinha frequentemente de minha família.

"Porque teu é o reino e o poder, e a glória, para sempre. Amém." As majestosas palavras eram simples, mas poderosas. Eu havia visto essa glória e havia sido transformada para sempre.

Os muçulmanos não têm mediador diante de Deus — embora imaginem que Maomé ocupe essa posição — motivo pelo qual eles tomam posturas tão humildes ao orar. Entretanto, parecia que um mediador me fora dado, e que, por sua vez, ele havia-me mostrado uma nova maneira de aproximar-me de Deus. Como muçulmana, eu era responsável por minhas próprias ações, más e boas, e tinha de aceitar as consequências. Era possível Deus me condenar ao inferno por mau comportamento. Mas aqui encontrava-se um novo conceito de Deus. Chamar-lhe "Pai" era fazê-lo responsável pela minha vida e felicidade, da mesma forma que meu pai terreno havia sido. Assim eu raciocinava, e assim orava, tão feliz quanto uma criança que, após estar perdida num mercado apinhado, é encontrada pelo pai. Eu anelava por conhecer mais, talvez conseguir um exemplar do livro cristão.

Se eu tivesse erguido o olhar desse caminho que estava seguindo, um passo após outro, poderia ter visto as nuvens tempestuosas aglomerando-se sobre minha cabeça. Dez dias após minha cura, estava descansando em meu quarto quando a tempestade desabou. A família voltou com força, e reuniu-se na sala de recepção dos homens com a porta fechada para levar-me a julgamento — pelo menos foi o que me pareceu.

Eles o expressaram de forma diferente, claro. O Xá Safdar fez um pequeno discurso de abertura:

— Reunimos os chefes da família para persuadi-la a desistir dessas ideias extremistas que adquiriu recentemente. Aceitamos que Jesus a curou. Mas, quando isso se espalhar, não vai ficar bem para nós. Somos destacada família muçulmana, e você nos trará descrédito.

Dando apoio aos meus irmãos e irmãs e seus cônjuges viam-se meus tios maternos e um tio paterno, e meus primos, juntamente com meu tio e minha tia que, como fiquei sabendo, estavam levando a culpa de permitirem que isso acontecesse comigo.

Eu não disse nada por longo tempo, e deixei que falassem. Finalmente respondi:

— Vocês não estão contentes por eu ter sido curada?

— Oh, sim — disseram eles. — Estávamos preocupados acerca de sua cura, mas agora que aconteceu, não vá sair por aí dizendo que foi Jesus quem a curou.

Houve uma pequena pausa, e em seguida o Xá Safdar acrescentou:

— Pelo bem do Islã, podemos matá-la. É o que diz o Santo Alcorão.

Olhei em torno do círculo em nossa sala pública. Minhas irmãs tinham lágrimas nos olhos. Minha tia e meu tio estavam pálidos de choque e medo. As barbas grisalhas de meus tios sacudiam enquanto assentiam vigorosamente com as cabeças, os olhos de meus irmãos estavam sobre mim como falcões mirando uma presa. Senti a distância entre mim e eles crescer a cada segundo. Como podia a religião criar ódio tão grande que eles prefeririam ver-me morta a dizer uma verdade com a qual não concordavam?

"Perdoa as nossas dívidas assim como perdoamos aos nossos devedores." Aí estava uma verdade que tinha maior poder do que qualquer das leis

islamitas. Não senti ódio deles naquele momento, apenas um amor que, se pudesse, derrubaria essas barreiras.

Meu irmão mais velho disse, após breve silêncio:

— Se continuar assim, será expulsa de nossa família e de todo o conforto que tem aqui. Se for procurar os cristãos, prejudicaremos a eles também. Naturalmente, não existe nenhum por aqui. — Naquela época, eu também pensava assim.

Eu havia sido sempre quieta, modesta, obediente aos mais velhos e agora eles me estavam intimidando. A antiga Gulshan teria cedido, bem incapaz de se impor. Mas essa nova Gulshan sentia um poder dentro de si que lhe dava coragem inédita. Eu não tinha medo deles. Palavras que eu não havia buscado afloraram-me aos lábios.

— Ouvi detalhadamente o que disseram, e claro que compreendo a sua preocupação — falei. — Não posso responder a todos os pontos que levantaram porque estou esperando a resposta de Jesus para mim. Ele me dirá o que fazer a seguir. Quando ouvir a ordem, obedecerei, e mesmo que me matem é o que farei.

Gritos abafados fizeram-se ouvir em torno da sala.

— Que impertinência! — disseram os tios entre si, parecendo incapazes de acreditar que tinham de fato ouvido uma resposta tão atrevida. Surpreendi a mim mesma por atrever-me a desafiar a força da família dessa forma. Agora o que fariam? Era um momento perigoso. Falei apressadamente:

— Prometo não desonrar a família no que eu fizer, mas preciso esperar até Jesus me dizer como testemunhar. A propósito, não fiquei conhecendo nenhum cristão por aí. Não sei onde encontrá-los.

Os homens aproximaram as cabeças. Minhas irmãs e minhas tias evitavam olhar-me. Elas nada diziam, pois não se esperava que as mulheres interferissem quando os homens estavam tomando decisões importantes.

Perguntei-me se minha família planejava matar-me ali mesmo, naquele instante. Eles teriam estado dentro dos seus direitos de fazê-lo. Ninguém os teria questionado... exceto por eu ser conhecida e amada por muitas pessoas em torno de nós. Minha morte súbita requereria um acobertamento complicado.

O Xá Safdar apresentou o veredito:

— Muito bem. Esperaremos para ver o que faz. E oraremos por você. Talvez, afinal de contas, você tenha enlouquecido.

Estava terminado por aquele momento, mas sabia que eles não descansariam até eu ser silenciada com relação ao assunto da minha cura. Mas obedecer-lhes seria negar aquilo que eu estava convencida ter-me sido mostrado por meu Pai, Jesus Cristo.

— "O que desejas que eu faça?" orei perplexa. A resposta veio duas noites mais tarde. Com uma sensação real de urgência, encontrei-me pronunciando palavras simples: "Mostra-me o teu caminho, oh, mostra-me o teu caminho."

Ergui os olhos e vi um pilar enevoado, do chão ao teto. Jesus estava dentro da névoa, a luz brilhante que eu havia visto anteriormente velada na névoa. Eu não estava dormindo ou sonhando.

Jesus falou: — Venha a mim — levantei-me alegremente e fui.

Ele estendeu a mão, e havia um tipo de pano sobre ela. Estendi a mão para ele. Senti-me erguida do chão como se estivesse no ar. Fechei os olhos, depois fui baixada delicadamente sobre algo macio. Quando olhei, estava de pé sobre uma planície ampla que se estendia na distância, verde e fresca e povoada por vultos, alguns próximos, alguns distantes. Todos eles tinham coroas nas cabeças e estavam vestidos de brilho que me feria os olhos.

Ouvi palavras que pareciam bela música. As pessoas diziam "Santo" e "Aleluia". Essa era uma palavra nova para mim, que os muçulmanos não usam. Estavam dizendo: "Ele é o Cordeiro que foi morto. Está vivo" e percebi que estavam todos fitando Jesus.

Jesus disse:

— Este é o meu povo. Essas são as pessoas que falam a verdade. São as pessoas que sabem orar. São as pessoas que creem no Filho de Deus.

Um rosto se destacou na multidão. Olhei atentamente esse homem, que estava sentado. Jesus disse:

— Dirija-se 16 quilômetros ao norte e esse homem lhe dará uma Bíblia.

Quando fitei o homem que, como todas as pessoas que eu estava observando, não parecia estar consciente de minha presença, os vultos foram sumindo e voltei a mim, ajoelhada em meu quarto em meio a todos os bens que me eram familiares. Revi o que havia visto e ouvido e uma grande sensação de júbilo precipitou-se sobre mim. Eu havia pedido que Jesus me mostrasse o que fazer a seguir e ali estava a resposta — ir e testemunhar àquele homem acerca de minha visão de Jesus e pedir-lhe uma Bíblia. Mas onde o encontrar?

Lembrei-me então de uma coisa. Razia morava em Jhanga Sadar, que ficava a certa distância no norte de onde morávamos. Por ocasião do banquete, combinara com ela de visitá-la dentro em pouco.

Então era isso. Em algum lugar perto de minha casa vivia um homem preparado para dar-me a Bíblia. Eu teria de ir sozinha. Se minha família soubesse, tentaria impedir-me. Tomada a decisão, tracei cuidadosamente meus planos, sem ainda realmente perceber quanto esse passo seria irrevogável, e como mudaria minha vida.

CREATED BY JUTOH - PLEASE REGISTER TO REMOVE THIS LINE

CAPÍTULO OITO

O LIVRO

Três semanas após minha cura, criei coragem para colocar em execução um plano de obter uma Bíblia. Disse a titia que ia ver Razia.

— Vai levar Salima? — perguntou titia, não inteiramente acostumada ao meu novo jeito de organizar minha vida conforme me convinha.

— Não, titia — falei, sorrindo. — Acho que tenho idade suficiente para andar por aí sem que ninguém pense mal de mim. Por favor, diga a Munshi que peça o carro para mim.

Titia abriu a boca como que para argumentar e fechou-a de novo, firmemente. Essa nova Gulshan estava menos inclinada do que a antiga a se importar muito com os pensamentos ociosos das pessoas.

Majeed trouxe o reluzente Mercedes azul à frente da casa e abriu a porta de trás com um floreio. As cortinas ali dentro estavam fechadas para proteger-me de olhares curiosos. Cada centímetro do porte de Majeed, enquanto saíamos ronronando pelo portão principal, proclamava sua satisfação com esse rumo dos acontecimentos. Um sorridente *chowkedar* fechou-o atrás de nós e pusemo-nos a caminho.

Razia estava preparada para minha visita. O que ela não sabia era que eu tinha um outro lugar para ir. Dispensei Majeed com ordens de me apanhar depois do almoço. Em seguida, voltei-me para cumprimentar minha professora, que estava radiante em ver-me tão bem de saúde, e tinha uma porção de perguntas a fazer. Ela ficou desapontada e algo curiosa quando falei que tinha de ver urgentemente uma pessoa do outro lado da cidade.

— Não, não preciso de companhia — falei. — É apenas um negócio de que tenho de tratar.

Deixei-a em pé, perplexa, na varanda, seguindo-me com os olhos enquanto saía apressada pela entrada da casa até a estrada principal. Senti-me constrangida. Jamais havia tentado enganar quem quer que fosse em toda minha vida, mas essa era a única maneira pela qual eu conseguiria sair para obter uma Bíblia. Quando já estava lá fora percebi que havia esquecido meu burka — isso pareceu-me algo simbólico da liberdade que crescia dentro de mim.

Uma carruagem puxada por cavalo vinha em minha direção e fiz sinal para o velho que a conduzia.

— Estou procurando um homem que é cristão e mora na Estrada Kachary. O senhor conhece alguém assim?

Ele olhou em frente, entre as orelhas do seu velho cavalo, como se não tivesse ouvido, e acrescentei apressada:

— Tenho um trabalho a ser feito.

Com um gesto, ele apontou ao norte.

— Existe um lugar. Um lugar muito antigo que já existia antes de o Paquistão vir a existir. Não sei se há algum cristão que more ali, mas se quiser, posso levá-la.

— Por favor, leve-me lá.

Subi na carruagem. O velho chicoteou o esguio cavalo, e saímos a passos sossegados. Durante a viagem de meia hora, tive tempo de refletir sobre o que estava fazendo. O que diriam minhas irmãs se pudessem ver sua amada e cara Gulshan viajando em estrada aberta sozinha em uma carruagem? Simplesmente não havia precedente para isso em nossa família. Mas eu não tinha escolha. Jesus me havia enviado nessa viagem e eu confiava nele para cuidar do resultado.

Chegamos a um prédio grande — uma capela cristã, fiquei sabendo mais tarde. Ao seu lado havia um grande bangalô por trás de alto muro. A carruagem parou perto de um portão incrustado no muro.

— É aqui — disse o homem.

Paguei-o e entrei pelo portão a um terreno cheio de árvores. Dirigi-me à casa e vi um homem sentado ao sol, tendo ao seu lado uma mesinha com uma pilha de livros.

Quando me aproximei, o homem ergueu os olhos. Meu coração pulou de espanto. Era o rosto de minha visão. Jesus havia dito: — Este homem lhe dará uma Bíblia.

O homem falou educadamente, meio levantado:

— Se veio ver minha esposa, lamento mas ela não está. Foi a Lahore.

Falei depressa:

— Não vim ver sua esposa, mas sim o senhor, para obter uma Bíblia. Vi-o numa visão.

Ele pareceu surpreso, e olhou-me atentamente, tentando penetrar com o olhar a dopatta que eu havia puxado instintivamente sobre o rosto quando atravessava o jardim. Agora deixei o lenço cair do rosto e devolvi-lhe o olhar.

— Quem é você? Qual a sua religião? De quem é filha?

— Moro a dezesseis quilômetros daqui, e sou de família muçulmana.

Pude ver que ele estava amedrontado com aquilo. Em que apuros essa estranha muçulmana iria metê-lo com seu pedido de uma Bíblia? Ele disse:

— Se eu fosse você, iria para casa e continuaria a ler o seu Alcorão. O que está nele é bom para você e o que está em minha Bíblia é bom para mim. Não é algo que lhe diga respeito.

Ergueu-se para me acompanhar à saída.

Mas permaneci de pé, meu coração afundando à medida que a emoção ia aos poucos fugindo. Eu havia imaginado que ele me receberia bem, e que

talvez tivesse até sido preparado para a minha visita.

— Jesus Emanuel me enviou ao senhor. Por favor, acredite em mim.

Ele me estudou por um momento e em seguida convidou-me a sentar. Desandei a contar minha história, timidamente a princípio, mais animada depois, descrevendo um pouco para ele como fora minha vida por dezenove anos como paralítica. Contei-lhe da jornada a Meca, das orações esperançosas decepcionadas lá. Toquei na morte trágica de meu pai com seu espantoso resultado — Jesus falando comigo, indicando-me que lesse o Alcorão.

Ele se inclinou atentamente para a frente, os olhos em meu rosto. Jamais havia sido esquadrinhada antes por um homem estranho — exceto que ele não me parecia um estranho. Continuei a contar-lhe a revelação espantosa de Jesus em meu quarto, e de minha cura.

— E então — disse — eu o vi. Jesus apareceu-me novamente e mostrou-me o seu povo, e o senhor estava no meio dele. Jesus me disse que viesse procurá-lo para conseguir uma Bíblia. E se ainda não acredita em mim, escute a oração que Jesus me ensinou a orar. — Repeti as palavras da oração do "Pai Nosso".

Quando terminei, fez-se silêncio. Meu amigo ficou sentado, os braços descansando sobre os braços da poltrona, a cabeça curvada sobre o peito, em sérios pensamentos.

— Será possível? — perguntou ele, falando mais consigo mesmo do que comigo. Deu profundo suspiro e então ergueu-se.

— Fique sentada aqui um pouco. Tenho de ir orar acerca disto, pois é um passo sério para nós dois se eu lhe der uma Bíblia.

Ele entrou na casa e sentei-me à luz do sol, enquanto os beija-flores se atiravam entre as árvores, as asas diminutas adejando tão depressa que eles pareciam estar parados no ar.

Após o que pareceu longo tempo mas possivelmente não chegou a meia hora, meu amigo saiu da casa e falou:

— Orei e perguntei ao Senhor o que deveria fazer e ele parece estar dizendo que lhe dê o que deseja. Mas você sabe que o modo de vida que está pensando em adotar é difícil, e que você pode ser banida de sua família. Terá de suportar muita coisa e perder muito, mas se permanecer fiel, terá vida eterna.

— Sei tudo isso — disse. — Mas é por esse caminho que devo ir. Quero seguir Jesus Emanuel que me curou e me mostrou o caminho do amor.

Ele sorriu e disse:

— Agora, pense sobre isso outra vez. Quando você desistir do que vai ter de desistir por Cristo, o diabo a atacará. Criará uma porção de barreiras diante de você. Haverá grande oposição. É possível até que alguns cristãos criem essas barreiras para você.

Lágrimas inundaram-me os olhos.

— Não estou pensando sobre essas barreiras. Sei apenas o que Jesus Emanuel me mostrou. Ele me ergueu e me deu luz. Quero saber mais a respeito dele, e ele me enviou ao senhor para que me ajude. Por favor, ajude-me.

Ante essas palavras, ele me deu um Novo Testamento em urdu e um livro chamado *Mártires de Cartago*. Em seguida, fez uma linda oração, colocando em palavras sentimentos tão singelos de fraternidade e bondade, que me fez sentir-me forte.

De sua casa, tomei uma carruagem outra vez, e cheguei à casa de Razia em tempo para o almoço. Não expliquei a minha jornada, mas disse apenas:

— Consegui o que fui buscar, mas o problema ainda não está solucionado. — Em seguida, mudei de assunto, e rimos e conversamos como se nada estranho tivesse acontecido, até Majeed vir-me buscar e levar para casa.

Titia estava à minha espera. Ela olhou-me atentamente, mas dei-lhe as costas, certa de que o que acabara de experimentar devia estar escrito em meu rosto.

— Como estava Razia? — perguntou ela.

— Bem, está com uns ótimos alunos e feliz por a irmã estar casada agora.

— É uma grande pena não terem-na casado, mas suponho que a família não tem dote para ela.

— É verdade. Ela ainda tem de aceitar alunos para ajudar ao pai, pois o negócio dele é pequeno.

Tais mexericos nos teriam mantido agradavelmente ocupadas por no mínimo duas horas em tempos passados, mas a nova Gulshan tinha interesses mais importantes.

Pedi licença, fui ao meu quarto e fechei a porta. Então deitei-me na cama e descansei, sentindo-me física e emocionalmente esgotada.

Naquela mesma noite comecei a ler secretamente meu Novo Testamento. O que senti? Pergunte a um homem sedento que gosto tem a água. Pergunte a um bebê que gosto tem o leite da mãe. Eu, que havia sido alimentada com palha seca encontrava agora pão para minha fome, e lia a verdade acerca da vida e do destino humano escrita naquelas páginas. Jesus me havia dito: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida." Suas palavras nos evangelhos aclararam minha compreensão. Eu jamais havia realmente entendido o Alcorão sem orientação. Mas o livro que eu agora lia era diferente de todos os outros. Ele abriu meus olhos espirituais. Suas histórias adquiriam vida quando as lia. Encontrei os 12 discípulos, que haviam acompanhado a Jesus em minha espantosa visão. Encontrei, palavra por palavra, a oração que havia aprendido aos pés de Jesus Emanuel. Encontrei o significado daquele nome precioso que me foi dado na visão:

— Sou Jesus. Sou Emanuel... Deus conosco.

Eu havia sido educada para pensar em Deus como remoto e inatingível. Mas ali estava por fim a explicação dos poderes divinos e da missão de Jesus — ele podia ressuscitar os mortos por ser Senhor da vida. Ele viria outra vez, por estar vivo para sempre. Tinha poder eternamente por ser Deus e não apenas um profeta.

"Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida." Agora eu compreendia essas palavras como um verdadeiro resumo da Pessoa que Jesus era.

No decorrer de minha leitura, encontrei passagens referentes ao batismo. Li em Marcos 1:9-11 que Jesus foi batizado. Em Romanos 6:4, li: "...como Cristo ressurgiu dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida."

Novidade de vida. Era assim que me parecia — como se eu tivesse sido submersa em fontes de águas frescas e impetuosas, que traziam vida vibrante a cada parte de meu ser. Assim, esse batismo era um sinal e uma marca dessa experiência.

Enquanto eu meditava sobre isso, um quadro apareceu diante de mim, de uma menina triste, sentada sobre um banquinho enquanto suas empregadas despejavam água da fonte de Zamzam sobre ela. Zamzam, a água da vida, não havia lavado os meus pecados nem havia trazido vida à minha carne morta. Jesus me havia dado água espiritual da vida para meu corpo e minha alma feridos. Pensei a respeito daquilo, sem apreender inteiramente a força total do que estava contemplando, e que mudanças isso me traria à vida.

"Já testemunhei," falei a mim mesma. "Agora já fiz o que Jesus mandou. Posso ser batizada e depois voltar e viver aqui, não posso?" A pergunta permaneceu no ar, sem nenhuma voz a confirmá-la ou negá-la. Mas o rosto de papai ergueu-se diante de mim, e senti dor como se uma faca tivesse sido enterrada no meu coração.

— Oh, papai, perdoe-me, mas tenho de seguir a Jesus, que me curou. — Em minha agonia, falei em voz alta. Imediatamente uma profunda paz recaiu sobre mim e senti-me certa de que esse era o caminho certo a seguir. Nada e ninguém me podia deter agora.

Até 12 de março, li o Novo Testamento todinho, e também havia lido *Mártires de Cartago*, que era cheio de histórias acerca dos primeiros cristãos que foram jogados aos leões, queimados vivos e tratados de outras maneiras indescritíveis, e permaneceram fiéis. Compreendi a mensagem que me estava sendo transmitida. Ela em nada alterou meu propósito.

No dia seguinte, visitei Razia outra vez, e de sua casa fui atrás dos Major como fizera antes. A Sra. Major estava em casa dessa vez. Mostrei a ambos as passagens que havia encontrado.

— Olhe — mostrei. — Isto me diz que preciso ser batizada. Pode fazer o favor de me batizar?

Ele meneou a cabeça.

— Minha filha, não batizamos em nossa denominação. Ele me olhou com uma expressão estranha, e perguntou:

— Você percebe o que lhe pode acontecer se fizer isto? Talvez jamais consiga voltar para casa outra vez. Sua família certamente tentará matá-la — oh, sim, mesmo uma família amorosa como a sua pode mudar completamente quando constatar que um de seus membros está deixando a fé muçulmana.

Houve um breve silêncio. Tentei imaginar esse estado de coisas. Ser banida de minha família, até mesmo morta... lembrei-me do concílio da família... os rostos de falcão que todos voltavam para mim. Pensei então nas últimas palavras de papai a meus irmãos: "Cuidem de sua irmã." Com certeza, obedeceriam aquela última e sagrada ordem até a última instância. Mas mesmo que não o fizessem, e realmente tentassem destruir-me, precisava continuar seguindo esse caminho. As palavras de Jesus lançaram raízes em minha vida e havia agora novo frescor, vitalidade e crescimento onde antes havia estado a esterilidade de uma religião fixada no passado.

Falei firmemente, de modo que eles não tivessem dúvida quanto à minha intenção:

— Jesus Emanuel me disse que devo ser sua testemunha e o batismo é o próximo passo para mim. Preciso obedecer ou perderei esta paz que tenho agora. Melhor morrer com Cristo do que viver sem ele.

O senhor Major trocou um olhar com a esposa e ela acenou de leve com a cabeça. Ele voltou-se para mim:

— Então, que isso seja feito. Se Jesus lhe falou tão claramente, não deve agir contrariando a vontade dele. Contudo, não seria prudente você ser vista indo a Lahore comigo. Minha esposa a levará de ônibus. Ela tem de levar nossa filha de volta à escola de qualquer forma. Eu irei em seguida.

— Certamente ficarei feliz em acompanhá-la, Gulshan — disse a esposa de Major, inclinando-se para a frente a fim de tomar minhas mãos nas suas. Foi um gesto cálido, que me deu as boas-vindas à família de minha nova fé.

Assim, tracei meus planos com pouca emoção, como se estivessem relacionados à vida de outra pessoa. O Islã, dizem frequentemente, nasceu no deserto e, nessa escola dura e severa, seus seguidores aprenderam a obedecer a fins mais elevados do que os seus próprios. Os sentimentos pessoais nunca foram considerados razão suficiente para qualquer desvio. Assim, ao seguir a Jesus, eu podia aplicar hábitos de obediência de longo alcance, em situações nas quais os sentimentos humanos poderiam ter-me traído.

Contudo, ao fazer meus planos, não conseguia chegar ao ponto de fechar completamente a porta pela qual eu poderia voltar à família. Para falar a verdade, esperava ser batizada e depois voltar para casa, a fim de viver minha própria vida. Uma crente ignorante, eu imaginava que os passos que estava dando eram tudo o que Jesus requeria de mim — encontrar cristãos, contar-lhes sobre a minha cura e então ser batizada.

Major, entretanto, enxergava muito além do que eu via:

— Não traga nenhum dinheiro e não traga nenhuma joia. Se o fizer, é possível que depois do batismo alguém venha a mover uma ação contra os cristãos.

Ele falou com gravidade, e fitei-o, interpretando corretamente o que ele queria dizer. Falava de uma separação completa, como se eu tivesse de deixar tudo para trás. Tudo? — Dinheiro, joias, casa, terras, família, amor e apoio? Será que Jesus realmente me pediria isso? Será que me dera essa dádiva da cura apenas para tirar tudo o mais que tornava a vida desejável?

Quando voltei à casa de Razia no dia seguinte, perguntei:

— Posso voltar a vê-la dentro de dois dias?

— Claro — disse Razia. — Estarei aqui.

Em casa, disse a titia e titio que ia ficar com Razia dentro de dois dias, e que provavelmente iríamos a Lahore:

— Assinarei um cheque de 75.000 rúpias, a fim que possa pagar as contas enquanto eu estiver fora — falei a titio.

— Onde irá ficar em Lahore? — perguntou titia, o rosto um tanto carrancudo mostrando que não gostava do plano. Mas ela não podia recusar-me permissão. Eu era agora dona do meu nariz, e, além de tudo, a que assinava os cheques.

— Oh, pode ser que eu fique com minha irmã e meu irmão —falei despreocupadamente. — Escreverei uma carta.

No dia seguinte, pedi a titia que me acompanhasse ao túmulo de papai. Ela aprovou esse sinal de devoção. Levamos flores do jardim e coloquei-as lá com sentimentos difíceis de descrever. O respeito por sua memória se misturava à compreensão de que a eternidade não era como ele me havia ensinado, um Paraíso de confortos materiais, mas a presença de Jesus Cristo.

Na última noite, dirigi-me ao jardim, onde tantas vezes havia sentado em meus anos de desamparo. Em pé, no lugar onde o caixão de meu pai repousara pensei nele outra vez, triste e longamente.

O sol mergulhava em rubro esplendor, tingindo as paredes da casa. Caminhei entre as flores, frutas e folhas, aspirando as fragrâncias mescladas

de rosas e flores de laranjeira. Leve brisa vespertina fazia sussurrar as folhas das laranjeiras e das mangueiras, enquanto a noite pincelava o céu sobre mim de tons arroxeados e azuis muito escuros. A lua ergueu-se, grande como um melão, e as estrelas se espalharam como pequenos diamantes em dobras de veludo noturno. No bangalô atrás de mim, as luzes haviam sido acesas, e ele brilhava, cálido e seguro. Continuei ali fora. Era como se estivesse vendo aquilo pela primeira vez, agora que eu estava para deixá-lo; nem mesmo permiti que as sombras rastejantes de tocaia debaixo das árvores me assustassem.

"Por que batizar-me? Posso ser uma seguidora de Jesus sem fazê-lo. Posso perder tudo com esse ato." O pensamento veio vagueando da escuridão. Mas em resposta a ele, um versículo que eu havia lido veio-me à mente como uma voz suave:

"Quem ama o pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim... e quem não toma a sua cruz, e não vem após mim, não é digno de mim" (Mateus 10:38).

Fitei novamente minha casa e lembrei-me não apenas das horas felizes, mas das vezes em que ela me parecera uma prisão na qual, eu, a prisioneira, esperava poder estar no caminho que levava ao Paraíso. Expressei em voz alta o que estava pensando: "Tudo muda. Mas sempre levarei este lugar em meu coração." Então saí do jardim e entrei para fazer as malas.

Na manhã seguinte, assinei dois cheques — um de 75.000 rúpias, que dei a titio para as despesas da casa, de forma que ele não ficasse sem dinheiro e fosse me procurar antes da hora — o outro, de 40.000 rúpias, que pretendia entregar a Razia, a fim de garantir sua cooperação com meu plano. Esse plano deixaria a porta entreaberta, caso eu quisesse voltar para casa.

Em 15 de maio de titio quando ele saiu para trabalhar e beijei titia e as empregadas Salima e Sema, esforçando-me para reter algumas lágrimas.

Titia falou:

— Por que você está indo assim? Leve o carro e o motorista com você a Lahore. Como vai se virar por lá? Está certa de que deve ir sem suas

empregadas? Seu tio não está nada contente a respeito disso.

— Por favor, não se preocupe, titia — falei. — Escreverei uma carta. — Ela teve de contentar-se com isso.

Majeed trouxe o carro à frente da casa e entrei nele. Voltei-me para olhar uma vez mais a calma casa branca quando fizemos uma curva, e depois perdi-a de vista. A última coisa que o chowkedar viu de mim foi minha mão, acenando por trás das cortinas da janela do Mercedes.

Não foi difícil persuadir Razia a aceder aos meus desejos quando lhe dei o dinheiro, mas não lhe contei o verdadeiro motivo de meu comportamento estranho... que eu estava comprando tempo, de modo que ninguém pudesse impedir o batismo.

— Isto é para você, porque foi minha professora e tem sido tão boa para mim. Estou indo a Lahore ficar com alguns amigos. Sou independente agora, e estou cansada de ter de explicar tudo o que faço a titio e titia. Disse à minha família que você estaria indo comigo para não se preocuparem.

O belo rosto de Razia demonstrava preocupação.

— Claro que farei o que puder para ajudá-la, mas e se sua família vier procurá-la e me encontrar aqui?

Falei depressa:

— Por favor, se algum deles vier perguntar por mim, pode fazer de conta que está em Labore comigo? Deixe que sua mãe saia ao encontro deles e você fique dentro de casa. Sinto muito não poder explicar mais do que isso.

Razia pareceu surpresa, mas disse depressa:

— Claro, Gulshan. Seja como quiser. Acho que nos conhecemos bem, e podemos confiar uma na outra.

Perguntei-me o que ela pensaria se soubesse minha verdadeira intenção.

Saí como antes, e tomei uma carruagem até a casa na Estrada Kachary. Major e a esposa me deram cálidas boas vindas e fui levada de carro a Labore naquele mesmo dia, a uma casa administrada por um ministro e sua esposa que recebiam muçulmanos convertidos, e pelo Reverendo Aslam Khan e a esposa.

Assim começou uma nova fase de minha vida, como cristã recente entre cristãos. Não era precisamente o que eu havia esperado.

CREATED BY JUTOH - PLEASE REGISTER TO REMOVE THIS LINE

CAPÍTULO NOVE

O BATISMO

O senhor Aslam Kahn era um homem muito bondoso, e parecia compreender todos os problemas que eu estava enfrentando. Ele rapidamente tornou-se um Aba-ji (pai) para mim. Ama-ji, a senhora Aslam Khan, também era bondosa, a seu próprio modo. Dama resoluta e diminuta, ela estava sempre ocupada com a casa, e esperava que eu também estivesse. Quando cheguei, ela me mostrou o quarto de hóspedes, com sua charpai simples de fios trançados, e pensei de relance em minha palung lá em casa, com sua base larga de cordas trançadas e seu gado, ou colchão, de algodão macio.

Ela disse:

— Este é o seu quarto. Estas são gavetas para as suas roupas. O banheiro fica daquele lado. Há muito trabalho a ser feito por termos tantas visitas. Terá de desculpar-me. Tenho algumas ordens que preciso dar à empregada. Se quiser alguma coisa, deve pedir a ela. — E saiu apressada.

Fiz o melhor que podia para agradar à senhora Aslam Kahn, mas nunca fizera nenhum trabalho de casa antes, e por isso era inepta e desajeitada, e muito pouco disposta a ser criticada pela maneira como desempenhava as pequenas tarefas que me davam. Quando minha hospedeira vinha por trás de mim e passava o dedo sobre os ornamentos que eu havia acabado de espanar, sentia-me envergonhada e enraivecida, mas trancava meus sentimentos dentro de mim, onde eles fermentaram e estragaram os primeiros dias que passei naquele lar. Eu queria voltar-me para ela e dizer: A senhora tem razão, Ama-ji. Fiz o serviço mal feito, mas lembre-se de que antes de vir para cá eu jamais havia feito qualquer coisa por mim mesma. Jamais lavei um prato, espanei um aposento, arrumei uma cama, lavei minhas próprias roupas, escovei meus cabelos ou mesmo vesti-me sozinha. E não foi porque tínhamos muitas empregadas, mas porque vivi na cama,

sem poder fazer nada, por tantos anos. Mas não falei nada disso. Teria parecido desculpa, e, o que seria pior aos olhos dela, orgulho. Ela poderia ter respondido que agora eu estava boa, e portanto deveria tentar aprender, ou que eu na verdade era horrivelmente preguiçosa. Assim, suportei algumas noites insones e um sussurro zombador na escuridão do meu quarto.

"Não é tarde demais", dizia a voz. "Seus irmãos e irmãs estão chorando. Por que não volta?"

Vi os rostos de meu tio e minha tia olhando-me tristemente. Sem conseguir descansar, levantava-me e andava pelo quarto, até que a batalha para silenciar os sussurros ficava forte demais e eu bradava a Jesus:

— Entreguei-me a ti e sinto que estou no caminho certo, conforme me mostraste. Por que estão esses rostos aparecendo para zombar de mim?

Então vinha um cicio suave: "Estou sempre com você. Eles não podem feri-la." Aí eu encontrava paz à medida que as palavras de Jesus me enchiam a mente e forçavam os sussurros zombeteiros a afastar-se.

Após uma semana mais ou menos, os problemas começaram a curar-se por si mesmos. Eu estava mais ativa do que jamais estivera em casa, e por isso dormia melhor. De qualquer forma, a charpai deixou de ser dura. Li algo que mudou completamente minha atitude com relação a todos os tipos de trabalho doméstico:

Levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois colocou água numa bacia, e começou a lavar os pés dos discípulos, e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido (João 13:4,5).

Isso foi novidade para mim. Ali estava demonstrado um exemplo de humildade e serviço que eu jamais esqueceria, e que golpeou a raiz do meu orgulho. A medida que fazia o trabalho que me pediam para fazer, mantinha diante de mim o exemplo perfeito de Jesus, que se fez servo por mim. Então, não era muito difícil servir aos outros por ele.

Fiquei naquela casa cinco semanas antes do meu batismo. Quando inquiri o reverendo Aslam Khan a respeito da demora, ele disse:

— Oh, tenho umas providências a tomar.

Percebi mais tarde que ele queria observar-me por algum tempo, a fim de certificar-se de que eu falava sério a respeito de ser batizada. Não teria sido bom dar esse passo e depois voltar atrás.

Mas fui ficando cada vez mais agitada, com medo de ser descoberta. Fiquei a pensar se minha família já não estaria questionando Razia, por isso escrevi à minha amiga:

— Ainda tenho uns negócios para realizar aqui antes de voltar. Por favor, não diga à minha família onde me encontro. Explicarei tudo muito em breve.

Mais tarde, fiquei sabendo que Razia e a mãe foram fiéis ao que me haviam prometido, e conseguiram manter o meu segredo, embora isso lhes trouxesse muitas dificuldades. Alegro-me em dizer que ela está casada agora — uma amiga fiel, honesta, que me defendeu naquela ocasião a grande custo, embora sem compreender os passos que eu estava dando.

Durante o tempo em que estive com o senhor e a senhora Kahn, frequentei a igreja metodista da Estrada Warris. Entre os cristãos, encontrei uma liberdade no culto que jamais havia conhecido. Muitas coisas eram diferentes ali.

A primeira coisa que notei quando entrei foi a decoração. Na mesquita islâmica, a decoração é puramente abstrata — palavras do Alcorão, desenhos nos azulejos, colunas, cúpulas, tapetes. Luz e sombra também eram usados para produzir efeito. Nunca a figura humana é retratada, nem se vê nenhum quadro de Deus, pois como pode a criatura imaginar seu criador? Ali havia vidro colorido nas janelas, com um quadro de Jesus orando, havia flores sobre a mesa, e música. Sobre a arcada não havia palavras em árabe, mas as palavras: "Eis que estou à porta e bato." Pensei acerca disso. No Paquistão, existem muitas batidas. Todos martelam com

força portas e portões, mas a batida de Jesus à porta do meu coração foi muito suave.

A seguir, notei a maneira amável como as famílias sentavam-se juntas — homens, mulheres e crianças. Os solteiros eram atraídos para dentro desses grupos familiares. No islamismo, geralmente apenas os homens iam à mesquita. As mulheres diziam suas preces em casa. Percebi quão pouco ensinamento muitas delas recebiam, mas isto é porque o Alcorão diz que as mulheres são inferiores aos homens, embora também enfatize que elas devem ser tratadas com justiça e igualdade. Mas os homens representam suas mulheres na mesquita. Como é diferente no cristianismo, onde Deus se dirige a cada alma através de Jesus, que morreu por cada uma delas!

A Bíblia diz que em Cristo não existem diferenças de raça (nem judeu, nem grego), classe (nem escravos, nem libertos) ou sexo (nem homens, nem mulheres). Aqui havia um tratamento igual, de um tipo novo e maravilhoso. Deus recebia minha adoração em pé de igualdade com a dos meus irmãos em Cristo, e a comunhão dos crentes era expressa em reunirem-se como Corpo de Cristo. Percebi esses laços invisíveis unindo toda a igreja nessa nova "comunhão cristã" durante as orações que faziam pelos doentes, pelos velhos e pelos que se encontravam em dificuldade. Senti-me como se eles me dessem as boas-vindas. Gradualmente comecei a sentir como se a igreja estivesse tomando o lugar da família que eu havia deixado para trás. Ali eu tinha irmãos e irmãs à vontade.

Notei que a pregação do ministro era de um estilo simples, mas tratava de coisas profundas, tiradas de um livro que tinha sentido para mim. Através de seu ensinamento, ouvi o Senhor Jesus falando, não tão diretamente como me falava no quarto, mas numa forma que aplicava a Bíblia à minha vida.

Entretanto, notei também que ele falava como se estivesse tentando convencer alguns de seus ouvintes. Comecei a perceber que algumas pessoas que se diziam "cristãs" não eram tão entusiásticas quanto eu. Eu havia vivido em um ambiente estritamente ortodoxo desde meu nascimento, e era provável que não tivesse percebido que isso era comum entre os muçulmanos.

Meu hospedeiro me havia prevenido a que não contasse muito a meu respeito às pessoas. Contudo, falei um pouquinho acerca de minha cura e minha conversão e as pessoas da igreja ficaram atônitas:

— Está dizendo que Jesus lhe apareceu em seu quarto e a curou?

Perguntei-me por que minha experiência era tão rara. Com certeza Jesus podia operar na vida de cada crente, como fizera por mim.

— Foi de acordo com a sua fé — disse Aba-ji quando lhe perguntei. Essa declaração abriu para mim um novo horizonte. Percebi que havia um princípio envolvido ali — que a fé era a chave para a continuação dessa maravilhosa experiência cristã e a vida de milagre na qual havia embarcado. Voltei em pensamento e vi como minha fé havia crescido, quase despercebida por mim, desde o fracasso em encontrar cura em Meca. Viera como um presente, essa fé que movia montanhas. Havia crescido a partir da impotência e da necessidade. Meu brado elevara-se ao ouvido de um Deus que eu não conhecia, mas que me conhecia, e ele havia entrado em minha vida. Resolvi, na calada da noite, manter forte a minha fé, independente dos obstáculos que estivessem pela frente.

Enfim chegou o dia do meu batismo, 23 de abril. Ele ocorreu num aposento de urna casa onde havia um tanque para esse tipo de evento. Major, sua esposa e alguns dos seus e dos meus amigos reuniram-se. O ministro da Estrada Warris conduziu a cerimônia, que foi simples e objetiva. Quando ele me submergiu no tanque, senti que deixava a antiga Gulshan lá no fundo, com seu antigo modo de pensar e seus antigos desejos, e uma nova Gulshan emergia, "sepultada com ele no batismo e com ele ressuscitada em novidade de vida."

Essa nova vida jorrava dentro de mim e eu desejava testemunhar a seu respeito. Os presbíteros que estiveram presentes deram-me um novo nome: Gulshan Ester. Li depois que Ester foi uma testemunha perante o rei a respeito do povo de Deus, os judeus, e que esteve em perigo. Achei o nome muito apropriado ao meu caso.

Após o culto, as mulheres vieram e me beijaram na testa e os homens me apertaram a mão enquanto me davam as boas-vindas à igreja de Cristo. Senti-me aquecida por seu verdadeiro amor cristão. Quando eles se foram, o senhor Aslam Kahn perguntou como eu me sentia:

— Muito bem — respondi —, mas agora quero testemunhar a respeito do que aconteceu.

Ele meneou a cabeça.

Você pode testemunhar através de suas ações. Não é necessário testemunhar apenas com a boca.

Mas lembrei-me das palavras que Jesus me havia dito:

— Você é minha testemunha. Vá procurar meu povo. Olhei para ele, de cabeça erguida, recusando-me a ser derrotada.

— Mas sinto que Jesus deseja que eu dê meu testemunho. Posso falar na igreja?

— Não acho que você esteja realmente pronta para isso. Você tem um testemunho em casa a cumprir. Deus aceitará isso. Mas ele não conhecia esta Gulshan Ester. Falei:

— Bem, se não posso testemunhar aqui, então preciso voltar para casa e contar à minha família. É o que quero fazer, de qualquer jeito.

Ele pareceu realmente preocupado com isso.

— Não, seria perigoso para você. Eles não gostarão nada de saber do seu batismo e podem até machucá-la.

— Não creio que minha família faça alguma coisa para me machucar, mas não irei enquanto não parecer aconselhável fazê-lo. Em vez disso, o senhor não quer-me enviar ao instituto bíblico para eu poder aprender mais coisas para contar à família?

Ele baixou os olhos e fixou-os em mim, e perguntei-me o que estaria pensando. Comecei a sentir-me um pouco sem graça por meu atrevimento em forçar tanto para conseguir o que queria. Eu era jovem e estava ansiosa para fazer o trabalho que Deus havia colocado diante de mim, mas não percebi quanto era inexperiente e imatura. Havia acabado de embarcar na verdadeira peregrinação de minha vida.

— Não acho que já possa fazer isso — respondeu o senhor Aslam Kahn com firmeza. — É muito jovem na fé, mas se precisa encontrar algum tipo de serviço cristão para fazer podemos encaixá-la na Escola Sol Nascente de Cegos.

Ele me explicou um pouquinho a respeito da escola, e como ela cuidava de crianças cegas que não podiam ser educadas dentro do sistema normal. Ele achava que poderia conseguir-me um emprego lá como encarregada do dormitório. Concordei, entusiasmada com a ideia.

Eu já havia sido apresentada ao diretor da escola, portanto as providências foram tomadas rapidamente para ele ir-me buscar em seu furgão. No dia seguinte, quando passávamos sobre a Antiga Ponte Ravi e sua pequena porção do rio sujo, e entramos no pátio quadrado da Escola Sol Nascente, senti que estava cortando as amarras que me prendiam à vida passada. De agora em diante, eu era uma nova pessoa, como um nome novo e um destino novo.

O tempo que passei como encarregada do dormitório na Escola Sol Nascente de Cegos, em Lahore, marcou uma nova fase do meu crescimento. De um só golpe, passei de dependente dos outros a responsável por um grupo de criancinhas cegas, tendo de cuidar de suas necessidades físicas. Em um mundo completamente novo, tive de aprender a me virar, a ser autossuficiente. Não foi fácil.

Não foi fácil, mas foi melhor do que poderia ter sido. Esse sólido prédio de tijolos vermelhos havia presenciado muitas mudanças desde a fundação da escola como um hospital ou leprosário por seu benfeitor indiano, Sir Ganga Ram, cujas cinzas encontravam-se ao lado em um deplorável samedhi. A senhorita Fyson assumiu o instituto em 1958 como uma Escola Cristã para

cegos, e se aposentou em 1969. Pensei nela com gratidão. Para mim, era o ambiente perfeito, protegido, para eu aprender a viver no mundo fora do véu. Como sinal de minha separação da vida antiga, cortei curto meu cabelo, e fiz com que o alfaiate me fizesse dois casacos brancos para usar sobre o meu shaiwar Kameeze quando eu saía.

Para minha alegria, descobri que ali havia verdadeiras recompensas — não em rúpias, pois o salário era de apenas 40 por mês — mas no amor incondicional de meus jovens pupilos. As crianças da escola variavam em idade de 5 a 16 anos. Metade era muçulmana e metade cristã, e ambas trabalhavam e brincavam juntas muito felizes, a única separação ocorrendo nas aulas de religião e oração. Havia 40 crianças na minha seção da escola. Eu deveria cuidar de meninos pequenos, estar com eles durante as refeições, ser seus olhos na área da escola, e dormir em seu dormitório. Devia cuidar de suas roupas e ajudar a lavá-las, ajudá-los a se banhar, arrumar as camas, e supervisionar a tarefa que eles não faziam bem — lavar os pratos após as refeições. Tinha também de limpar as janelas e esfregar as mesas.

Além disso, devia ensinar a Bíblia às crianças, e uma vez por quinzena seria a minha vez de levá-las à igreja. Havia outras duas moças encarregadas de dormitórios, primas, também cristãs. No início, pareceram pouco amáveis, conversando entre si mas não comigo, embora trabalhássemos muito próximas umas das outras, e mostrando seu desagrado de outras maneiras inconvenientes. Mas após alguns dias, mostraram-se mais amistosas e começaram a ajudar-me com as tarefas que eu achava difícil, e a serem minhas intérpretes para com o diretor, que só falava inglês, não urdu.

Quando tinham de ir buscar pasta e sabonete no gabinete do diretor, pediam para mim também. Elas me ajudavam quando tinha dificuldades com as mãos. O trabalho era mais grosseiro do que eu estava acostumada a fazer, e minhas mãos eram macias. Na primeira semana, elas ficaram muito ressecadas do sabão que usávamos para lavar as roupas. Depois, queimei uma das mãos com água quente quando estava na cozinha. Finalmente, ao esfregar as mesas, entraram lascas em minhas mãos e elas sangraram. Passei grande desconforto. Rosina, uma das primas, foi comigo ao diretor a fim de traduzir para mim.

Ele foi muito compreensivo, mas quando deu a Rosina o unguento para a queimadura, disse-me:

— Não há nada que eu possa fazer para tirá-la desse trabalho. Sinto muito, mas se você não conseguir executá-lo, creio que terá de ir embora. Veja se as outras podem ajudá-la.

— Não se preocupe. Nós a ajudaremos — disse Rosina para me confortar ao voltarmos aos nossos aposentos, e sorri agradecida.

De volta ao meu quarto, levei meus problemas à fonte infinda de conforto. Logo vi que, embora minhas mãos estivessem apenas queimadas — talvez por meu próprio descuido — as mãos de Cristo haviam sido pregadas na cruz por mim, e meus sofrimentos nada eram comparados aos dele.

Abaixo da superfície, entretanto, batalhas mais sérias estavam por ser travadas.

Logo depois que cheguei à escola, telefonei a meu irmão caçula, o Xá Alim. Disse-lhe:

— Achei que você deveria saber que me tornei cristã convicta, e agora estou trabalhando numa escola para crianças cegas em Lahore.

Houve um arquejo no outro lado da ligação.

— O que é isso que você fez? — perguntou Alim. — Vamos, volte para casa e esqueça tudo isso.

— Agora que encontrei o caminho, a verdade e a vida, como posso esquecer-me de tudo?

Disse ele:

— Você ficou louca de vez? Se continuar a falar nisso, minha porta lhe estará fechada para sempre. No que me diz respeito, você está morta.

— Está bem, então diga-me uma coisa: como posso deixar a verdade e voltar a você? Não posso fazer isso por preço algum.

Seu tom de voz era sombrio e firme:

—Tudo bem. Nesse caso, minha porta está fechada. Você está morta! Nunca mais quero ver seu rosto outra vez, e você jamais verá o meu.

Sorri quando ouvi isso.

— Está bem. Se sua porta está fechada, a de meu pai celestial está aberta para mim. Se estou morta no que lhe diz respeito, é porque estou morta em Jesus Cristo. E se você também morrer em Jesus Cristo, então também viverá — e então me verá.

Sua resposta foi bater com força o telefone.

No mesmo dia, escrevi a meu tio, contando-lhe que me havia tornado cristã, e que havia sido batizada. Escrevi também ao Xá Safdar, contando a mesma coisa. Esperei para ver qual seria a sua reação, com antecipação nervosa, desejando muito que eles compreendessem, me aceitassem como eu era agora, e me permitissem viver entre eles novamente. Mas no fundo do coração eu sabia que isso poderia não ser possível. Eles jamais me permitiriam a liberdade de adorar como desejava se eu fosse para casa.

Durante esse período, não contei nada a ninguém na escola. Segui o conselho do Reverendo Asiam Khan. Eu estava numa situação difícil, com muita oposição se erguendo, e o bondoso ministro realmente temia por mim e pelos outros cristãos envolvidos comigo. Assim, quando as crianças perguntavam a meu respeito, eu evitava dar respostas diretas. Mas tinha muitas outras coisas para contar-lhes que elas queriam ouvir. Elas gostavam muito de ouvir quando eu lhes contava histórias da Bíblia.

— Oh, Baji — erguia-se o brado na hora de elas se deitarem. — Por favor, conte-nos outra história.

— Bem, só mais uma, e depois todas terão de dormir. — E eu lia ou contava histórias que Jesus contou, a respeito das noventa e nove ovelhas que estavam seguras no aprisco e a respeito daquela que estava lá fora nos montes, sozinha, perdida. Contava-lhes a respeito do filho mais moço que pegou todo o dinheiro que o pai ia deixar-lhe e foi-se embora, e desperdiçou

tudo, de modo que ninguém o queria como amigo e nenhum pai lhe confiaria o dote de sua filha. Também contava as histórias contidas no Alcorão — a respeito de Abraão e Isaque e Ismael e Sara e Hagar. Os muçulmanos acreditam que Abraão (a quem chamam de Ibrahim) se preparou para oferecer Ismael como sacrifício. A narrativa bíblica diz que Abraão ofereceu a Isaque, que era o filho legítimo.

Havia regras na casa que proibiam dar "colorido" religioso ao contar histórias aos muçulmanos, por isso eu atuava dentro dessas regras. Contava às crianças as duas versões e então perguntava qual era a verdadeira.

Cada grupo dizia que a sua era a certa. Pelo menos, elas ficaram sabendo através de mim que havia duas versões.

Cantávamos canções juntos. Eu lhes ensinava hinos e corinhos, que todas as crianças amavam. Uma das canções favoritas, cantada com todo entusiasmo, era:

Repeti-as ainda outra vez, Belas palavras de vida.

Paz, alívio e consolação, Belas palavras de vida.

Por volta das nove horas nosso dia terminava, e então eu conseguia tempo para ler e estudar a Bíblia para mim mesma. Cada vez que eu a abria, via a mesma coisa acontecer. Era como se tivesse um intérprete, ajudando-me a entendê-la. Se eu perguntasse a mim mesma certa noite: "O que isto quer dizer?" podia estar certa de que antes que muitos dias se tivessem passado, eu entenderia. Eu estava crescendo em conhecimento espiritual.

Esse tipo de aprendizado se equiparava ao que eu recebia das crianças cegas. Elas enfrentavam todas as suas deficiências com paciência e alegria. Eu as amava por isso, e, observando-as, aprendia também. Talvez compreendesse a sua situação tão bem por sentir, quando as observava a brincar, que eu também já havia sido cega ao amor de Deus. Agora podia ver.

Então minha família contra-atacou. Recebi uma carta do Xá Safdar. Eu havia estado esperando por ela, com uma sensação de pavor.

Ele começou cortesmente, como sempre, dizendo que jamais havia esperado ouvir uma notícia como essa de mim.

Você é minha irmã querida. Amavas muito a Deus, e meu pai a amava muito, e você aprendeu muito com ele a respeito do islamismo. Não preciso realmente dizer-lhe isso — você já sabe. Deve saber também que a filha de um Sayed não pode seguir o caminho que você está seguindo. Você precisa voltar.

Meu irmão contou-me a respeito de você ter-se tornado cristã, e acreditar em Jesus como Filho de Deus. Isso não é certo para a nossa família ou para a nossa religião. Sugiro que assim que ler esta carta, venha à minha casa e ouça o meu conselho. Como sabe, tenho as escrituras de todas as propriedades que estão em seu nome. Elas não poderão ser entregues a uma cristã que foi filha de um Sayed.

Ele acrescentou que todo o Paquistão sabia que eu era cristã agora e, portanto, não tinha direito a essas propriedades. A carta concluía:

Se não deixar o cristianismo, não medirei esforços para fazê-la voltar. Minha religião me permite matar uma irmã que se tenha tornado cristã — e me garante que ainda assim irei ao Paraíso.

Aquela carta me aborreceu muito. Meu pai me havia deixado sua propriedade com grande amor, e agora eles estavam tentando privar-me dela porque me tornara cristã. Pensei em meu bangalô de paredes brancas e senti vontade de chorar. Não parecia justo.

Mas ao orar a respeito da situação, encontrei João 14:1-2. "Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar."

Essas palavras me trouxeram conforto. Eu tinha um lar prometido lá no alto.

Rasguei a carta e joguei os pedaços no lixo. A seguir, dirigi-me à reunião e vi-me cantando, pensando sobre as palavras: "Quão bondoso amigo é

Cristo."

Três dias depois veio o terceiro ataque — uma carta de meu tio lá de casa. Tinha dez páginas de comprimento, escrita em bloco de papel branco dentro de um envelope azul.

Na carta, ele disse que sentiam muita falta de mim, mencionando Salima e Sema — "A quem vão servir agora?" Isso me deu umas pontadas de angústia.

A carta me pedia que voltasse para casa em termos muito amorosos, e concluía:

"Você se tornou ateia? Estamos orando para que retorne ao islamismo e ao seu lar."

O sol brilhava sobre as crianças que brincavam na grama, mas onde eu estava, com a carta na mão, uma sombra cinzenta de medo e de dúvida deitou sua mão pegajosa sobre mim.

Dobrei a carta, orando enquanto fazia isso: "Oh, Senhor Jesus, não lhes fiz nada errado. Por que estão-se comportando desta forma? Agora estou realmente cercada por eles. O Senhor me dirá que resposta dar-lhes?"

Quando tive tempo de pensar sobre isso outra vez, um aspecto bem diferente se me apresentou. Eles não me iam dar minha propriedade, por isso pelo menos eu estava livre de todo o peso dela. Podia passar o resto da vida servindo na escola para cegos, indo à igreja e prestando culto a Jesus Cristo.

"Não é melhor que a vida inútil que eu vivia, paralisada sobre minha cama?" disse comigo mesma.

Passei um dia pensando e orando a respeito de minha resposta, e quando escrevi foi num pedaço de papel tirado de um caderno:

Caro titio:

Recebi sua carta e estou ciente de tudo o que o senhor falou. Com o maior respeito, gostaria de apontar cinco coisas:

1. Encontrei o caminho, que é a senda reta que leva a Deus. Jesus disse: "Eu sou a porta. Todo aquele que entrar por mim, salvar-se-á. Entrará e sairá, e achará pastagens" (João 10:9). Se o senhor for a qualquer casa, não poderá entrar a não ser pela porta. Existe uma porta para Deus, e essa porta é Jesus. Aqueles que não aceitam o caminho de Cristo não podem bater à porta. Os profetas são chowkedars.

2. Encontrei a verdade. "Porque vos digo a verdade, não credes em mim. Pode algum de vós acusar-me de pecado?" (João 8:45-46).

3. Encontrei a vida. Jesus disse: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá" (João 11:25).

4. Encontrei o perdão de pecados.

5. Encontrei a vida eterna. "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16). O senhor, que me chamou de ateia, venha e prove-o através dessas cinco coisas que encontrei. Prove o que disse, ou não me acuse mais de ateia."

Não disse nada a respeito da propriedade ou a respeito de qualquer outro assunto. Daquele dia até hoje, nunca recebi resposta àquela carta.

Depois disso, eles me deixaram em paz por diversos meses, mas fiquei sabendo mais tarde que titio e titia, algumas semanas após terem recebido minha resposta, empacotaram seus pertences, disseram que iam para Karachi, alguns dizem que para o Irã, visto serem muçulmanos xiitas, e fugiram da casa. Isso por temerem a ira do Xá Safdar, que os estava responsabilizando pelo que acontecera.

CREATED BY JUTOH - PLEASE REGISTER TO REMOVE THIS LINE

CAPÍTULO DEZ

IRMÃS

Dezembro chegou — e com ele, os preparativos para o Natal. A maioria das crianças cegas estaria indo para casa, mas algumas ficariam. Assim, decoramos o refeitório com uma árvore e algumas fitas presas numa das pontas, fizemos uma pequena manjedoura, e vimos raiar em rostos felizes, excitados, a luz da admiração ante a história simples da vinda do menino Jesus. Para mim foi também uma experiência nova — a primeira vez que provei desse banquete cristão. Como tenho cantado tantas vezes desde então:

Lá em Belém nasceu Jesus, Príncipe excelso da Paz;

Amor divino e santa luz,

Para o mundo perdido, ele traz.

Não é de admirar que até mesmo aqueles que se dizem cristãos, mas que nunca tiveram um encontro pessoal com o autor e consumador de sua fé, sejam abençoados ao celebrar o seu nascimento, provendo a mesa, entre outras coisas, com peru, pudim de ameixa, frango, pilau e arroz doce. É que a alegria do Natal tem cruzado todas as fronteiras.

O diretor da escola e sua esposa deram pequenos presentes de doces e brinquedinhos a cada criança, e todos nós fomos ao culto do Exército da Salvação no furgão da escola. Nós, encarregadas dos dormitórios, fomos convidadas a ir ao bangalô do diretor à noite.

Logo depois do Natal, recebi uma visita inesperada trazendo-me uma terrível notícia. Meu cunhado, o Xá Blund de Rawalpindi, veio à escola ver-me. Ele estava na sala de visitas, parecendo cansado e abatido, e contou-me que minha irmã, Anis, estava seriamente enferma em Gujerat, onde havia passado os três últimos meses em um bangalô alugado, para ser tratada

durante uma gravidez difícil pela médica da família. No sétimo mês, algo errado havia ocorrido na gestação. O bebê morreu e os médicos do hospital não conseguiam estancar a hemorragia.

— Ela está à morte e repete o seu nome sem parar. Você pode vir comigo agora mesmo? Estou com o carro aí fora.

Era um chamado que eu não podia recusar. Uma porta que julgara fechada para sempre se entreabria.

— Oh, minha pobre irmã! Claro que irei, mas primeiro preciso pedir permissão.

Pedi licença e saí do aposento. Um sussurrozinho em meu ouvido falou: "Ela estará morta quando você chegar lá. É perda de tempo ir. Eles não lhe permitirão falar destas coisas. Podem até tentar impedir que retorne."

Antes de falar com o diretor, fui a meu quarto e orei. A resposta veio claramente: "Vá até ela. Ela não morrerá. Eu a manterei viva."

Pedi uma licença de dois dias, que me deram, e joguei algumas coisinhas na mala. Saímos às 5 da tarde. Uma viagem de três horas levou-nos à casa em Gujerat, onde fomos recebidos com a pavorosa notícia:

— Ela está morta — disse a médica de minha irmã, a senhora Kahn. — Ela morreu às 7 horas. Havia perdido muito sangue.

Entrei no quarto onde minha irmã se encontrava. Seu rosto amarelo-acinzentado estava contraído, e os lábios azulados. Meu cunhado despencou no choro e foi levado compassivamente para fora do quarto por um membro de sua família.

O aposento estava cheio de gente triste... parentes e vizinhos — a notícia de morte se espalha depressa e as pessoas vêm prontamente prestar suas condolências pelo falecido.

Ajoelhei-me ao lado da cama e chorei. "Jesus", disse em meu coração. "Disseste-me que ela estaria viva. O que devo fazer? Ela está morta."

Continuei a orar. "Jesus, tu és o caminho, a verdade e a vida. Por favor, faz este milagre e ressuscita-a." Continuei orando dessa forma, até ser tomada poderosamente pelo pensamento de que

Jesus havia dito: "Ela não morrerá. Eu a manterei viva." Então orei: "Senhor, dá-lhe um pouco de vida para eu poder falar-lhe algum tempo a teu respeito." Pouco depois ouvi uma voz: "Ela não está morta. Está viva. Prolonguei-lhe a vida."

Ao ouvir isso, levantei-me e disse a todos:

— Por que estão todos chorando? Ela não está morta, está viva. A consternação foi geral.

— Está louca. Ponham-na no outro quarto. Tranquem-na.

Eles me empurraram para fora, e me levaram a um quarto vazio. Ouvi a tranca fechando-se no lado de fora. Eu era efetivamente uma prisioneira. Continuei orando: "Senhor, acorda a minha irmã, para que eles possam acreditar que ela está viva."

A essa altura, concluíam os últimos preparativos e arrumavam o caixão. O corpo de minha irmã havia sido banhado e as roupas trocadas antes. Ela seria banhada novamente, mas não à noite. Assim, eram cerca de oito horas da manhã quando a tranca externa da porta estalou outra vez e soltaram-me para eu prestar minhas últimas homenagens à minha irmã.

Eu estava em pé ao lado da cama com outras senhoras. A esposa do maulvi disse as Kalmas sobre o corpo, e em seguida ela e três outras se adiantaram para dar-lhe o último banho. Vi nas mãos e nos pés de minha irmã tinta vermelha... sinal de felicidade, sinal de sangue... Depois, elas enrolariam minha irmã num lençol e a colocariam no caixão.

De repente, minha irmã mexeu o braço, abriu os olhos, sentou-se de um golpe e olhou ao redor admirada. Olhou para as mãos vagamente e perguntou:

— O que aconteceu?

As pessoas berraram, caíram para trás, algumas tentaram escapar do quarto. Um pânico inacreditável ocorreu. Abracei Anis e ela se agarrou a mim. As pessoas voltaram. Então, todas olharam para mim.

— O que você fez? Como pode uma pessoa morta sentar-se? Eu estava cheia de júbilo, e sentindo a grandeza de Deus. Falei, sorrindo:

Perguntem a ela o que aconteceu.

Anis falou então, com sua maneira calma de sempre:

— Não tenham medo de mim. Estou viva.

Meu cunhado e o *imam*, o *maulvi* e o *muezim* da mesquita vieram correndo ao ouvir o que havia acontecido. O maulvi colocou a mão sobre a cabeça de Anis e perguntou:

— Baji, diga a verdade. O que aconteceu? O que aconteceu com você? Quatorze horas atrás você morreu. Estávamos preparando-nos para o seu sepultamento.

— Eu não estava morta — disse ela.

A médica interrompeu:

— Você estava morta. Não havia nenhum sinal de vida.

— Eu não estava morta. Estava dormindo — disse minha irmã. — Durante meu sono, sonhei que estava prestes a colocar o pé numa escada. No topo da escada havia um homem trajando uma túnica branca e usando uma coroa de ouro. Uma luz resplandecia em sua fronte. Vi sua mão acima de mim, em sua mão também resplandecia uma luz. Disse ele: "Sou Jesus, o Rei dos Reis. Vou mandá-la de volta, e, na hora marcada, trarei você aqui outra vez." Em seguida, abri os olhos.

Ela disse isso com o rosto resplandecente de júbilo. Palavras não poderiam descrever o gozo e o regozijo de nossa família. Aproveitei a oportunidade para contar a quem quisesse ouvir a respeito do profeta que operava milagres, que era mais do que um profeta — Jesus.

Até mesmo o marido de Anis, um dos que mais se opuseram a mim no começo, agora dizia que minhas preces haviam trazido a esposa de novo à vida.

— Quem é esse grande profeta que você viu? — perguntou ele três dias depois, quando os hóspedes se haviam dispersado. Apanhei o Alcorão e mostrei-lhe as passagens a respeito de Jesus no Sura Maryam. Em seguida mostrei-lhe na minha Bíblia a história da ressurreição de Lázaro em João 11:1-44.

— Agora você acredita que Jesus ressuscita os mortos? Diz aqui que ele chamou: "Lázaro, vem para fora", e ele veio.

Meu cunhado respondeu lentamente:

— Sim, creio que Jesus, o Filho de Maria, fez isto. Minha esposa tem agora uma segunda vida.

Parecia muito feliz e estava aceitando tudo o que eu lhe dizia. Foi na própria Anis que a maior mudança ocorreu. Ela sempre havia sido uma irmã amorosa para mim, mas agora parecia irradiar gozo e paz. Ouvi-a contando ao maulvi e à esposa tudo acerca de sua visão de Jesus, e notei que eles ouviam com intensa concentração. Mas depois disso, começaram a olhar-me com desagrado.

— Conte-me mais a respeito de Jesus — sussurrou-me ela em uma das breves ocasiões em que pudemos ficar sozinhas. Assim, dei-lhe um pequeno exemplar do Novo Testamento, e ela prometeu lê-lo, embora achasse que precisava de certa ajuda para compreender. Ela começou com o Evangelho de Mateus e expliquei como Jesus havia nascido e qual era a sua linhagem.

— Continue orando por mim. Permanecerei fiel ao que vi de modo que possa seguir aquele que me deu vida — disse ela. —Sou casada; portanto, necessito de suas orações.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Senti com intensidade qual era a sua posição.

Envolvida com todos esses acontecimentos, eu havia empurrado a escola para o fundo da mente, mas de repente percebi que deveria voltar. Na verdade, eu estava ansiosa por contar a algumas pessoas sobre esses milagres. Quando parti para apanhar o ônibus de volta a Lahore, Anis apertou-me a mão e disse:

— A porta está aberta para você. Pode voltar sempre que quiser. Mesmo que o resto da família não queira vê-la, eu quero.

Quando o ônibus partiu da estação rodoviária de Gujerat, carregado tanto de gente do campo quanto da cidade, acomodei-me e comecei a repassar em minha mente acontecimentos da visita, que começavam a desaparecer como um sonho feliz atrás de mim. Havia uma coisa que se destacava — eu ainda amava aquela gente e seu mundo, mas já não poderia viver nele. Eu era uma peregrina, não numa estrada que levava a Meca, mas numa rota mais direta a Deus, através de Jesus. A Escola Sol Nascente tornara-se parte do meu caminho de peregrina. Enquanto o ônibus sacolejava pela estrada de Labore, eu antecipava o prazer de saudar meus meninos cegos outra vez.

Porém, inadvertidamente, eu havia cometido um erro grave. Foi o que as autoridades da escola disseram quando cheguei lá pouco depois, agora com três dias de atraso.

Foi uma entrevista dolorosa, e fui despedida sem realmente ter a oportunidade de me explicar. Entreguei minha defesa a Deus e deixei que ele fosse o juiz. Poucos minutos depois detive-me em pé ao lado da Estrada Ravi, perto de um poste de luz elétrica, ainda chocada e desnorteada pela forma repentina como fora expulsa. Sentia fome — passava da hora do almoço e eu não havia comido nada desde o desjejum muito cedo. Estava frio e nublado. Escureceria cedo aquele dia. Lembrei-me de que o dhobi tinha algumas roupas minhas e o enxoval de cama, que não me foram devolvidos. Lembrei-me dos rostos cegos, pacientes dos garotinhos, e lágrimas me fizeram arder os olhos. Eles não ouviriam mais histórias de sua Ba-ji. Na escola me deviam dinheiro. Eu não tinha nenhum, exceto um pouco que minha irmã me havia dado aquela manhã. Fiquei parada ali, perplexa, consciente de que era uma área solitária, e que uma muçulmana convertida pouca proteção podia esperar.

"Pai", disse eu a Deus, entregando o meu destino em suas mãos, "há muita gente boa e má nesta cidade. Tens algum lugar para a tua filha? Por favor, diz-me onde devo ir."

Imediatamente, veio a resposta: "Volte a Gujerat."

Eu tinha o suficiente para a passagem. Tomei o ônibus das duas horas da tarde e surpreendi minha irmã. Ela atirou os braços à volta do meu pescoço e disse feliz:

— Estou tão contente que tenha voltado para mim! Agora você me ajudará a entender a Bíblia.

Até o Xá Blund ficou contente em ver-me de volta, pois eu faria companhia à sua esposa. Ela sentia falta das filhas, duas meninas de oito e seis anos, que estavam em Rawalpindi com os avós. Ele também tinha de estar lá a fim de fiscalizar o negócio de ônibus do qual era sócio.

Assim, durante algum tempo, minha irmã e eu gozamos um novo relacionamento sem nenhuma restrição. Como dois cordeirinhos, pastávamos nos verdes pastos da Palavra de Deus, e minha irmã mudou visivelmente quando ficou sabendo mais a respeito da experiência da vida nova. Tornou-se menos autoritária para com as empregadas, e às vezes ela mesma fazia o trabalho. Chegou até a dizer às empregadas que comessem primeiro, dizendo: "Os pobres têm o primeiro lugar." Ela havia descoberto o versículo: "Considerando cada um aos demais como superiores a si mesmo."

Quando lhe perguntei, só para ter certeza dos seus motivos:

— Por que você está fazendo isso? — ela respondeu:

— Para que, se eu morrer amanhã, saiba em que posição me encontro, pois estou tentando ser uma das servas obedientes ao Senhor.

A reação das empregadas foi de verdadeira surpresa.

— Desde que a nossa Bibi voltou dos mortos, tornou-se como um anjo — disseram-me elas. Trabalhavam com mais afinco do que nunca para minha

irmã, servindo-a de coração. Por mim, demonstravam grande respeito.

Certo dia, Anis perguntou-me acerca do meu batismo, e ouviu cuidadosamente a explicação do seu significado. Eu disse-lhe:

— É importante que você seja sepultada com Cristo no batismo, se realmente deseja a vida. Quando somos batizados, somos purificados no corpo, na mente e na alma, e nos tornamos o seu povo.

Então ela falou:

— Quero ser batizada, pois sou cristã agora. Mudei em meu coração e quero dar um passo além.

Minha alegria misturou-se com apreensão. Custara-me muita coisa ser batizada. Será que ela realmente compreendia o preço que teria de pagar por esse ato?

Mas Anis insistiu:

— Agora estarei para sempre prejudicada se não for batizada — disse ela. — Não serei nem muçulmana nem cristã. Ficarei eternamente de fora — disse-me ela com firmeza.

Dei-me por vencida. Que direito tinha eu de recusar-me a ajudá-la? Mas vi imediatamente que não podia procurar a ajuda de um ministro cristão — isso equivaleria a trazer o desastre sobre a família do Xá Blund, e sobre alguém mais. Eu mesma teria de realizar a cerimônia.

Certa tarde, pedimos à empregada que enchesse a funda banheira de cimento com água morna e deixasse ali perto algumas toalhas e roupas limpas. Em seguida, dispensamo-la. Vi seus olhos escuros curiosos se demorarem sobre nós quando fechamos a porta do banheiro.

Fiquei ao lado de Anis na água e pedi-lhe que professasse sua fé em Cristo. Ela disse:

— Sepulto agora o meu velho eu. Sou nova criatura em Jesus, e serei fiel.

Então submergi-a em nome do Pai, Filho e Espírito Santo, e entreguei-a à guarda de Deus. Foi um momento de triunfo. Depois Anis me contou que enquanto estava orando, sentiu-se elevada como que em asas de anjos, e teve uma visão de pessoas postadas à sua volta glorificando a Jesus.

Quanto a mim, comecei a aprender que sempre que sentia gozo acerca de alguma coisa, tinha de acautelar-me contra a atividade das forças do mal, e aquela ocasião não foi uma exceção. Meu cunhado ficou sabendo a respeito do batismo. Acho que uma empregada bisbilhoteira contou-lhe algo e ele questionou minha irmã acerca do que estivemos fazendo.

Anis parecia amedrontada:

— Ele me interrogou ontem à noite, e falei-lhe sobre a significação do batismo. Agora ele está bravo. Não gosta e não compreende tudo isso a respeito da cruz. E eu não consigo explicar-lhe. Acho que ele está à procura de uma oportunidade para discutir com você. Por favor, tente não aborrecê-lo, ou ele a fará ir embora.

Esforcei-me para ser especialmente agradável ao meu cunhado, mas acabei envolvendo-me numa discussão com ele.

Ele me desafiou a dizer-lhe a diferença entre ler o Alcorão e ler a Bíblia. Naturalmente, tive de dizer que Jesus era a diferença. Ele era o caminho, a verdade e a vida...

— Ler a Bíblia está certo, mas a cruz não está certa — disse o Xá Blund. — Até mesmo a sua Bíblia diz que somente o homem que for amaldiçoado morrerá na cruz, e como pode um homem ser maldito e dar vida aos outros? — Ele ostentava um olhar triunfante. Achou que me havia apanhado.

Essa era justamente a abertura de que eu precisava. Li 1 Coríntios 1:18 para ele: "Pois a palavra da cruz é loucura para os que perecem, mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus."

Ele nada disse, e por isso, encorajada, li João 1:29: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo."

Minha irmã, sentada, ouvia com um olhar distante, sem interferir.

Levei-o ao Torá, às suas raízes muçulmanas, e expliquei como os sacrifícios de sangue substitutivos foram dados por Deus a Abraão, mas depois do sacrifício de Jesus, já não havia necessidade deles. Mostrei-lhe isso em Gênesis 22:11-12: "Não estendas a tua mão sobre o rapaz, e não lhe faças nada", e depois em João 12:32: "Mas eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo." Disse-lhe que era através do grande sacrifício de Jesus sobre a cruz que nossos pecados eram perdoados... Jesus é o substituto perfeito e completo.

Contei-lhe que encontrei essas coisas mencionadas no Alcorão primeiro, e depois vim a compreendê-las mais plenamente na Bíblia. Contei-lhe acerca dos profetas que predisseram a vinda de Jesus. Disse-lhe também que a Bíblia não era apenas um livro, mas a palavra viva de Deus, e que fosse o que fosse que acontecesse em minha vida, eu encontrava ajuda para isso na Bíblia.

Terminei com Atos 4:11-12: "Ele [Jesus] é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina. Em nenhum outro há salvação, pois também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos."

Tudo isso ocorreu às 10 horas da manhã, na sala de visitas. Ele sentou-se ali, como que hipnotizado. Depois se recobrou e fitou-me com os olhos semicerrados.

— Está querendo fazer de mim um cristão também? Está hospedada aqui, comendo à minha mesa e minando nossa fé muçulmana dessa maneira! Saia, agora mesmo, e desta vez não volte mais.

Minha irmã deu-me algum dinheiro às escondidas e sussurrou:

— Não volte a Lahore. Vá a Rawalpindi e encontrarei você lá. Ela me deu o endereço de importante amiga da família, outra xiita, cujo marido ocupava alto cargo no governo. Essa mulher ocupava elevados cargos em sociedades beneficentes que se dedicavam a melhorar a situação das mulheres, dando-lhes melhores condições. Ela poderia ter algum trabalho para me oferecer.

Essa foi uma boa notícia. Tinha de arrumar emprego. Por isso, voltei à estação rodoviária e tomei o ônibus para Rawalpindi. Três horas e meia depois vi-me diante do portão de uma imponente residência na Estrada Peshawar. Enviei um bilhete com meu nome e o de meu pai, para que a senhora a quem eu procurava soubesse que eu era amiga íntima da família.

Convidada a entrar, passei pelo alto portão daquela casa, sentindo que estava dando um passo correto e confiando que o resultado seria bom.

CREATED BY JUTOH - PLEASE REGISTER TO REMOVE THIS LINE

CAPÍTULO ONZE

PRESA

Detive-me na sala de recepção da senhora a quem eu tinha ido ver, suportando o melhor que podia seu exame minucioso. Ela era uma mulher de aparência distinta, mais alta do que eu, de pele clara e cabelos curtos. Trajava um *shalwar kameeze* cor-de-rosa e um casaquinho, com um xale preto bordado envolvendo-lhe os ombros. Sorriu afetuosamente para mim.

— Que bom você ter vindo! Acho que não nos conhecíamos antes. Meu marido, contudo, não se encontra. Estará em Islamabad até amanhã. É um homem muito ocupado.

Murmurei que havia ouvido dizer que ele era um homem muito importante. A senhora inclinou sua cabeça graciosa e pediu que o chá fosse servido. Enquanto o tomávamos, em xícaras de fina porcelana enfeitadas de flores, ela manteve um admirável fluxo de conversa educada, perguntando-me sobre minha saúde, e como eu chegara a sua casa. Ficou muito preocupada quando soube a respeito de Anis. Não entrei em detalhes, pressentindo que ela não desejaria que as empregadas ouvissem o que eu tinha a dizer.

Quando terminamos nosso chá, ela me pediu que a acompanhasse. Levou-me ao seu quarto, fechou a porta e convidou-me a sentar, depois voltou-se para fazer as perguntas que haviam ficado no ar, não expressadas, entre nós:

— Por que veio sem o véu? E por que sozinha? Em nossa família, as moças não saem assim. O que lhe aconteceu? Está em alguma dificuldade?

Eu trajava um casaco branco com o *shalwar kameeze* e trazia um lenço enrolado à volta da cabeça. Já fazia muito tempo que tinha deixado de usar o burka. Entretanto, não tinha nenhum desejo de argumentar a respeito disso naquele momento. Falei:

— A senhora está surpresa em ver-me sem o véu. Não a surpreende ver-me andando? Sabia que fui paralítica e doente de cama por dezenove anos?

— Sei disso. Mas agora, diga-me, que médico a tratou para deixá-la tão bem?

— Eu lhe mostrarei o meu médico. — Li para ela a história do paralítico que foi carregado por quatro pessoas e curado por Jesus em Marcos 2:9-11, e então entreguei-lhe a Bíblia em urdu para que ela examinasse o relato por si mesma.

Ela pegou o livro como se fosse uma cobra, olhou-o por um instante e devolveu-o.

— Esse livro pertence aos cristãos — disse com uma expressão de repulsa.

— É isso mesmo, e também sou cristã — repliquei.

Ela agarrou o braço da poltrona.

— O que estou ouvindo?

— Esta é a verdade. Agora pertenço à pessoa que me curou, Jesus Cristo.

— O que exatamente você quer dizer com isso?

Contei-lhe minha história, deixando de fora os nomes dos cristãos.

Minha anfitriã fazia óbvios esforços para controlar-se. Ergueu-se da poltrona e deu algumas passadas rápidas à volta do aposento, vindo em seguida sentar-se à minha frente outra vez, inclinando-se para diante e fitando-me com um olhar de intensa preocupação:

— Quer dizer que, se Jesus a curou, é necessário tornar-se cristã?

— Em meu caso, sim. Encontrei uma nova vida, e agora pertenço à pessoa que me deu essa nova vida. Por causa dele, fui expulsa de minha casa. Mas não vim aqui para discutir religião com a senhora. Vim aqui perguntar-lhe se poderia conseguir-me um emprego em uma de suas instituições para

mulheres. Um serviço simples servirá. Não estou esperando um que pague bem.

Fez-se um breve silêncio enquanto ela estudava os desenhos no rico tapete.

— Compreendo. Sabe que realmente pensei que alguém a havia raptado de sua casa e que você conseguira chegar até aqui para pedir ajuda? — Deu uma risada melancólica.

— Está bem. Ficará aqui comigo uma noite, e então amanhã arranjarei algo para você.

Ela deu-me um quarto só para mim, e foi-me servido o jantar por uma das empregadas. Fiz uma breve oração e fui para a cama, cansada mas tranquila. Laços de família, mesmo a essa distância, eram afinal mais fortes do que eu pensava.

Na manhã seguinte, após o desjejum que tomei sozinha na sala de jantar, fiquei conhecendo o marido. Ele tomou a ofensiva imediatamente, pedindo-me que renunciasse ao cristianismo. Rejeitei seu pedido, com igual cortesia. Eu tremia por dentro porque ali estava um homem poderoso do governo. Seria fácil para ele afastar-me como um impertinente pernilongo, embora fosse amiga chegada da família.

Disse ele:

— Pense a respeito do que está dizendo. Ainda há tempo para você abraçar o islamismo outra vez, e eu a ajudarei a reconciliar-se com sua família. — Havia uma ameaça implícita ali? Renovei o controle sobre os meus nervos. Vislumbrei uma oportunidade que não podia ser perdida.

— Obrigada, mas não briguei com eles. Estou em paz com todos. Aquele em quem creio é o Príncipe da Paz, e ele pode dar-lhe paz também. — As palavras saíram antes de eu saber que as havia dito.

— Por que não deixa o cristianismo? — perguntou ele, perdendo um pouco de sua paciência glacial. — Se não quer ficar com seu irmão ou irmã, fique comigo o resto da vida.

Era uma bela oferta, e, sem dúvida, feita com intenção sincera.

— Muito obrigada, mas o meu cristianismo não é apenas uma religião que se possa deixar de lado quando se tem vontade, é uma mudança de vida. Se eu deixasse de viver em Cristo, morreria. Então acrescentei:

— Olhe, se o senhor não puder me arranjar algum trabalho, diga e então irei embora e não o amolarei novamente.

Por um momento ele se deteve ali, como uma estátua, depois deu-me as costas.

— Oh, sim, arranjaremos alguma coisa para você — disse ele piscando para a esposa ao sair pela porta.

Ouvi a senhora chamar o motorista para aprontar o carro.

— Venha — disse ela. Entramos no carro e fomos levadas à cidade. O carro se deteve ante um grande portão de ferro, montado em altos muros. Além dele, podia ver o topo de um grande prédio de cimento. Uma placa anunciava que era a Cadeia Central de Rawalpindi. Então era ali que iria trabalhar.

O motorista chamou o guarda, que abriu o portão. Minha amiga levou-me para dentro, ao gabinete do superintendente, com quem conversou por alguns momentos em inglês, muito obviamente sobre mim. O superintendente então tocou uma campainha e uma senhora idosa apareceu, tilintando um molho de chaves. O superintendente disse algo que não pude ouvir, acenou com a cabeça em minha direção, e a mulher me disse:

— Venha.

Minha bondosa amiga falou:

— Vá com essa senhora. Este lugar será melhor para você.

Agradeci-lhe efusivamente e acompanhei a mulher, atravessando uma varanda. Um portão de grades estava destrancado e a mulher me fez entrar em um aposento comprido, como um corredor, com teto alto e sem

nenhuma janela. A pouca luz que havia vinha de um portão de grades em uma das paredes. Havia outro, um portão sólido, na parede oposta. Cerca de dez mulheres agachavam-se sobre sujas esteiras de folhas de palmeiras trançadas, ou reclinavam-se contra as paredes em atitude de indiferença mal-humorada. Ouvi a porta bater atrás de mim, e uma chave virar na fechadura. Olhei desamparada para a mulher mais próxima.

— O que está acontecendo? Onde está o trabalho que devo fazer?

— Trabalho? Não existe nenhum trabalho aqui. Você está na prisão, como nós. O que fez para estar aqui dentro?

Levei uns dois minutos para entender. Aquela pretensa amiga da família me mandara à prisão pelo crime de ser cristã! Eu havia sido enganada e caíra na armadilha. Corri ao portão e sacudi as grades. Ninguém veio. Chamei. Ninguém respondeu, exceto a jovem que havia falado antes.

— Pode gritar quanto quiser. Isso não vai fazê-la sair daqui.

Voltei-me para ela:

— Que lugar é este?

— Você devia saber, sua boba. Esta é a prisão de reencarceramento, onde a gente fica até ser julgada ou conseguir que alguém pague a fiança. — A coisa foi expressa em linguagem um tanto mais forte do que isso.

Tentei permanecer calma e pensar. Por quanto tempo seria mantida ali? De que crime me acusariam? Era crime ser cristã? De acordo com a constituição, ser membro de uma minoria não era crime. Contudo, pela lei islâmica, eu era culpada da mais grave ofensa, e me havia tornado uma intocável (integrante de uma casta inferior) para a minha família.

Esse pensamento fez-me lembrar da promessa de Anis de me procurar. Com certeza ela viria logo. Então meu olhar recaiu sobre minha mala. Por um ato de misericórdia, não a tomaram. E minha Bíblia estava ali dentro, com algumas roupas limpas — tesouros incomparáveis naquele lugar.

Olhei cuidadosamente à minha volta. Onde poderia descansar ali? O aposento tinha quase trinta metros de comprimento, com três ou quatro outros aposentos contíguos nos quais havia camas de ferro, com seus cobertores escuros. Elas estavam longe das correntes do ar noturno himalaio que entrava pelo portão de grades. Mas um olhar mostrou-me que não podia dormir ali. Os quartos eram muito escuros e sem ar, sem janelas — como túmulos. E eu não tinha o menor desejo de ser devorada viva pelos habitantes daqueles cobertores. Fora, no chão frio, duro, sujo, as outras mulheres se enrolavam em lençóis e deitavam-se nas esteiras sujas. Enrolada em tantas roupas quantas pude vestir, fiquei sentada durante a noite toda, olhando sonolenta além das grades da prisão o céu noturno, com sua lua e estrelas.

A higiene era um problema que me vexava continuamente, bem como às outras mulheres. Um odor muito desagradável no aposento anunciava a presença de vaso sanitário, mas não havia água corrente e nenhuma instalação apropriada para banho —apenas uma *mutka* ou jarra cheia de água repartida entre nós, para durar o dia todo, tanto para lavar-se quanto para beber. Todas as manhãs, o encarregado da água a enchia. Havia uma xícara numa corrente presa ao topo da jarra, dois copos para se beber a água, e uma *lotha* para as abluções rituais. Jamais percebi alguém usá-la para esse propósito durante o tempo que passei ali. Orar estava muito longe dos pensamentos daquelas mulheres.

Três vezes ao dia, um carcereiro trazia algo que fazia lembrar comida — pão seco e chá para o desjejum, e no horário das outras refeições, sopa fina de lentilha, bolinhos mal cozidos e ocasionalmente berinjela sem gosto nenhum. Ao verem essas provisões —que eu não teria dado de comer aos pedintes lá de casa — as prisioneiras ficavam tão furiosas que às vezes atiravam o chá sobre o carcereiro, e passavam a xingá-lo, e ao cozinheiro, e à polícia, e aos tribunais e umas às outras com palavras que me faziam tapar os ouvidos.

Além do portão de grades, podia-se ver, à distância, em intervalos, membros da família e amigos das prisioneiras trazendo-lhes alguma ajuda. Então o portão se abria e uma ou duas das mulheres eram levadas à sala de

visitas por breve período, retornando com suprimentos — alimento e lençóis limpos. Imediatamente começavam a circular arroz doce e pedaços de frango, mas nada disso chegava até mim.

Ninguém demonstrava o menor interesse por minha presença naquele lugar, ou intenção de acusar-me. Aquela era apenas uma prisão temporária para quem estivesse aguardando julgamento. Mas por quanto tempo se poderia definhar ali antes de se comparecer perante o juiz?

Perguntei à carcereira idosa:

— Por que estou aqui?

— Não sei porquê. O superintendente me deu ordens — disse a mulher com indiferença. — Apenas obedeci ordens.

De um dos outros blocos da prisão, no lado masculino, ouvia gritos de homens sendo severamente espancados. Ouvi as outras mulheres — algumas das quais pareciam ter contatos com quadrilhas na cidade — dizerem que fazia-se isso a fim de arrancar confissões para se poder formular uma acusação apropriada. Fiquei sabendo também que era possível as mulheres serem espancadas daquela maneira — por mulheres — pelo mesmo motivo. Esperei, perguntando-me se seria esse o meu destino.

Durante a primeira semana, não consegui dormir no chão duro nem comer o alimento da prisão. Assim que sentia o cheiro da sopa, perdia qualquer apetite que tivesse. Tinha nojo da sujeira, dos piolhos, dos maus odores, da falta de higiene das outras prisioneiras. Entretanto, quando ondas de dúvida e os vagalhões de medo me atormentavam, eu lia alguma parte de minha preciosa Bíblia — e descobria que o mundo gradualmente se acertava e a paz começava a fluir como um rio.

Li a respeito de Pedro e João na prisão em Atos 12:6-8. Descobri que para eles foi um choque tão grande serem tratados como criminosos comuns quanto foi para mim. Mas eles deram graças e cantaram louvores. O apóstolo Paulo também, escrevendo da prisão, disse: "Em tudo dai graças." Pois bem, daria graças por estar sendo provada por Deus em circunstâncias semelhantes.

No início, enquanto fazia uso da ociosidade forçada para meditar na Palavra de Deus, tentava isolar-me das minhas companheiras de cela. Muitas delas eram criminosas que amavam o mal, membros de quadrilhas e a escória da grande cidade, ladras de mercadorias das lojas, batedoras de carteira, sequestradoras, e uma assassina da província da fronteira noroeste, que havia matado o marido. Oh, aquela prisão devia ser a cura perfeita para o meu orgulho!

Meu silêncio paciente, enquanto me concentrava na leitura da Bíblia, apenas aumentou a curiosidade e o respeito delas por mim. Eu era um enigma, e mais cedo ou mais tarde teria de ser explicado.

— O que é que você está lendo com tanto interesse? — Levantei os olhos para minha interlocutora, uma mulher ainda jovem com um rosto devastado no qual estava escrito todo tipo de maldade.

— Você está lendo esse livro há dias, sem prestar nenhuma atenção a nós. Ele deve ser bom. Do que trata?

— Você gostaria de saber o que este livro contém?

— Sim. Qualquer coisa que ajude a passar o tempo neste buraco infernal é bem-vinda — disse a mulher, cujo nome deduzi ser Kalsoum. As outras mulheres pararam com suas fofocas para ouvir nossa conversa.

Então comecei a falar de Jesus àquelas mulheres. Levantei o livro.

— Isto é um espelho.

— Como, um espelho? Acho que é um livro — disse outra mulher, a quem eu conhecia como Khatoon, correndo o olhar pelas amigas a fim de ganhar apoio para essa ideia.

— Bem, é um livro e é também um espelho, porque aqui vemos a nós mesmas como Deus, que é o juiz de todos os homens, nos vê.

— O que ele vê não deve ser um quadro muito bonito — disse uma das mulheres com uma risada ríspida.

— Tem razão — falei. — Este espelho mostra-nos as coisas que fazemos e as chama de "pecado". Nossos pecados não são bonitos aos olhos dos homens nem aos olhos de Deus. O homem condena os nossos pecados e nos castigará pelo que tivermos feito. Mas Deus é santo, e deve condenar-nos mais ainda por causa do nosso pecado. O pecado desagrada a Deus. Ofende-o. Ele tem de castigar o pecado com a morte.

Eu tinha toda a atenção daquelas pobres mulheres, que esperavam seu castigo. Prossegui:

— Vocês devem pensar: "Então não existe escapatória para nós. Temos de sofrer nosso castigo." Mas o espelho mostra que Deus tem duas maneiras de tratar com o nosso pecado. Uma maneira leva à morte, a outra leva à vida; a escolha é nossa.

Fez-se um silêncio inquieto, quebrado por Kalsoum, que perguntou:

— Como o espelho faz tudo isso?

— Ele nos mostra que o próprio Deus providenciou uma maneira de perdoar nossos pecados. Ele mesmo chama a nós pecadores para que nos acheguemos a ele com nossos pecados, para sermos perdoados. Este livro nos diz: "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mateus 11:28).

Surpreendeu-me a reação que essas palavras provocaram. As mulheres acompanhavam atentamente a argumentação. Disse uma delas:

— Não podemos negar que estamos sobrecarregadas pelo pecado. É por isso que estamos aqui. Ninguém pode eliminar o que fizemos.

Expliquei-lhes a doutrina do perdão segundo delineada em 1 João 1:9: "Se confessarmos os nosso pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda injustiça."

Diversas delas comoveram-se com isso. Lágrimas brilharam-lhes nos olhos. Pediram-me que lhes ensinasse mais. Assim, ficou combinado que todas as manhãs eu faria um estudo bíblico com um grupo delas.

Dentro de muito pouco tempo, comecei a constatar uma mudança ocorrendo no meio delas, algo que brilhava através do véu da sujeira. Não foi apenas o fato de passarem a partilhar o frango e o arroz doce comigo, ou fornecer-me um lençol limpo no qual eu podia me enrolar e dormir. A mudança de que estou falando foi que sete delas confessaram seus pecados a Deus e admitiram-se culpadas em questões que estavam negando perante as autoridades, inclusive a assassina da província fronteiriça noroeste, e duas batedoras de carteira. Asseguraram-me que jamais cometeriam crimes novamente. "Este é o trabalho que você veio fazer na prisão", disse comigo mesma, enquanto o mês passava arrastando-se enfadonhamente.

Três das mulheres foram levadas a julgamento e partiram com lágrimas nos olhos por se estarem separando de mim. Mas finalmente também fui chamada. A porta da prisão se abriu e fui levada à sala de visitas do superintendente, onde encontrei uma horrorizada Anis esperando em companhia da amiga em quem eu havia confiado — a última tentando parecer tão despreocupada quanto possível.

Anis atirou-se sobre mim e jogou os braços à volta do meu pescoço, apesar de eu estar muito suja. Em seguida, voltou-se para a mulher mais velha e começou a questioná-la:

— O que a minha irmã fez para ser presa? Matou alguém?

— Sua irmã tornou-se cristã. Negou o islamismo. — Isso, conforme seu tom de voz insinuava, era pior do que matar.

— Essa é a sua fé pessoal. Ela encontrou a verdade e não tem medo de testemunhar a respeito, e a senhora não pode colocar uma pessoa na prisão por causa disso, a menos que não haja mais leis no Paquistão.

Nossa amiga nada teve a responder. Simplesmente deu de ombros.

— Bem, se quiser levá-la para casa, pode.

Anis voltou-se para mim.

— Gulshan, precisa vir para casa comigo agora.

Isso não me atraía.

— Por que deveria ir para a sua casa? Esta prisão é melhor do que a sua casa.

Ela pareceu magoada.

— Por que diz isso?

— Por que seu marido insulta a Jesus e insulta a cruz, e não quero ouvir mais isso. Aqui na prisão as mulheres têm-me escutado e têm confessado a Jesus como Salvador. Posso realizar aqui um trabalho útil.

Minha irmã abraçou-me com lágrimas nos olhos.

— Quanto você ama a Jesus!

— Eu daria minha vida por Ele. — Era verdade. Tudo o que havia acontecido apenas tinha servido para fortalecer minha fé. Eu havia passado por escuros túneis de desespero, mas via sempre uma luz brilhando na escuridão.

Disse Anis:

— Eu também amo a Jesus. Quero aprender mais a respeito dele com você. Então ela me contou o que havia acontecido ao marido. Após sair de casa naquele mesmo dia da discussão, sofreu um acidente, e como resultado passou um mês no hospital. Ela não havia podido entrar em contato comigo antes, visto sua primeira obrigação ser obviamente para com o marido.

Anis prosseguiu:

— Ele não vai fazer nada contra você agora. Deu-me permissão para levá-la para casa.

Com que rapidez Deus muda as situações! Até aquele momento convivia com a escória da sociedade feminina numa prisão — e encontrando grande doçura em sua companhia. E em questão de uma hora e pouco, estava mergulhada na água da banheira de minha irmã em sua linda casa na Cidade

Satélite, em Rawalpindi, com empregadas a executar todas as minhas ordens — e perguntando-me quanto tempo teria dessa vez antes de receber ordem de pôr-me a caminho, por ser incapaz de manter-me calada a respeito de minha fé.

CREATED BY JUTOH - PLEASE REGISTER TO REMOVE THIS LINE

CAPÍTULO DOZE

O TENTADOR

Acho agora que aquele tempo que passei em Rawalpindi com minha irmã e meu cunhado foi um dos períodos mais felizes da minha vida desde que me tornara cristã. Anis fazia tudo por mim — e seu marido mostrava-se bondoso, com certa moderação. Mais uma vez fazia parte de minha família, e era tratada com amor e consideração. A casa tinha empregados — duas ou três empregadas, um escrivão, um cozinheiro e um motorista. O filho do cozinheiro trabalhava no jardim. Eu já não era obrigada a costurar ou esfregar mesas. Distrair menininhas era a tarefa que agora exigiam de mim, e fazia por elas o que Anis já havia feito por mim —contava-lhes histórias. Era algo muito agradável. Ao mesmo tempo, percebi-me observando as empregadas com interesse compreensivo, consciente de todo o trabalho de casa que havia para ser feito — lavar, esfregar, arear, limpar, polir, desempoeirar, apanhar, arrumar, selecionar, jogar fora. Passei a agradecer às pessoas por seus serviços com um sorriso. Não custava nada e espalhava felicidade.

Ficamos muito chegadas, minha irmã e eu, agora irmãs em Cristo. Passávamos duas ou três horas por dia estudando a Bíblia. Muito depressa, Anis apreendeu um fato básico: era possível compreender a Bíblia de uma forma que não se podia fazer com o Alcorão. A Bíblia estava escrita em sua própria língua. Podíamos lê-la como um livro normal, e analisar de outro ponto de vista alguns dos eventos comuns tanto à história muçulmana quanto à judaica, havendo, entretanto, algo mais ali — a inconfundível autoridade da verdade.

Disse-me Anis: — Que palavras mais lindas! Elas trazem consolo.

Estava pensando na criança que perdera.

Falei:

— Essas são as palavras de nosso Pai celestial. Seja o que for que esteja sentindo, aqui você encontra as palavras necessárias para cada ocasião, quer você esteja triste, quer feliz. O mais importante saber que seus pecados estão perdoados, e que é necessário caminhar com Jesus dia a dia.

— Sinto o que ele está aqui conosco, enquanto falamos a seu respeito — disse ela.

Mostrei-lhe o versículo que diz: *"Pois onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles" (Mateus 18:20).*

Quando oramos, Ele está ouvindo. Temos um Mestre conosco. Entendemos porque seu Santo Espírito nos está guiando.

O Xá Blund não demonstrou muito contentamento como novo interesse da esposa.

— Não vá dizer a todo mundo que Cristo a ressuscitou dos mortos. Mantenha-se calada — disse ele à esposa.

Mas creio que ela não lhe deu muita atenção. Por amor a Anis eu não saía para dizer a todo o mundo que era cristã, embora, se me perguntassem diretamente, costumava contar-lhes a respeito de minha visão e cura — e isso geralmente os silenciava. Anis e o marido tinham muitos parentes e amigos, e todos os dias traziam visitantes ao agradável bangalô. Os costumes de um rígido lar xiita exigiam que, não importa o que estivesse acontecendo em outras partes do mundo muçulmano, ali dentro as divisões fundamentais entre os sexos permaneciam. Visitantes do sexo masculino e feminino, mesmo que chegassem juntos, sentavam-se em seções separadas da varanda, ou em salas de estar separadas. Houve ocasiões em que eu, como cristã, senti-me impaciente com essa divisão da humanidade, especialmente por saber que, numa sociedade em que Cristo unia as pessoas, a vida poderia ser muito melhor sem essa separação. Mas no Paquistão, um país fundado sobre os ideais islâmicos, cada aspecto de nossa vida social era regido pelos ensinos do Alcorão e por sua interpretação nos escritos tradicionais. As tensões que essa situação provocava, cotejadas com a vida da cidade e sua sofisticação, eram mais óbvias para mim do que

haviam sido em Jhang, um povoado rural e atrasado nesses aspectos. Uma parte de mim punha-se a julgar. A outra parte aproveitava o antigo prazer descontraído da companhia feminina e das conversas de mulher, desembaraçadas de qualquer presença masculina.

Como era tranquilizante ouvir todos aqueles pequeninos detalhes sobre quem ia se casar com quem, que criança estava doente e que criança estava bem, o que aprendiam na escola, que carreiras seguiriam! As meninas recebiam educação agora, e algumas até tinham ido para a faculdade, mas encontrar carreiras para elas depois não era fácil e nem sempre desejável. Uma filha podia ser médica ou professora de meninas, ou enfermeira. A situação tornava-se mais difícil quando tinham de ir para um ambiente onde deveriam trabalhar com homens, como num escritório. Entretanto, manter meninas instruídas dentro de casa até elas poderem se casar estava-se tornando cada vez mais difícil para as famílias, com tantos rapazes adiando o casamento enquanto concluíam seus estudos fora do país. Havia a sempre presente contradição entre o ideal religioso e o mundo como era. Ora, é certo que todas as famílias hoje em dia enfrentam esses problemas — mas no Paquistão elas culpavam as influências estrangeiras do ocidente pela erosão dos padrões, e voltavam-se com alívio para considerações de tipo mais feliz — pretendendo apanhar da árvore dos sonhos os futuros mais ricos e belos para seus filhos e filhas.

Eu sabia que aqueles sonhos eram flores frágeis, prontas a serem levadas para longe por um vento forte. Essas tensões não desapareceriam. Não percebemos então como o malabarismo para manter o equilíbrio entre a lógica da vida e a lógica da religião, repetido em grande escala, terminaria por explodir.

Anis colocou meus pensamentos em palavras:

— Elas estão preocupadas com os filhos, mas aonde suas vidas as estão levando? — A futilidade de uma vida religiosa sem Cristo às vezes a acabrunhava.

A experiência de sentar-me dos dois lados da cortina *purdah* mostrou-me quão forte e seguro era o fundamento que eu havia encontrado para a vida.

Minha felicidade não dependia agora de ter minhas ambições pessoais realizadas, mas repousava em fazer a vontade de Deus. Assim, nem por um minuto me permiti imaginar que esse presente intervalo de paz pudesse durar para sempre. E tinha razão.

Em novembro, fiquei sabendo que meu cunhado passaria uns tempos em Lahore, tratando dos interesses de sua companhia de ônibus.

— Temos de ir também, todos — disse Anis. — E temos de ficar com o Xá Alim.

Fiquei muito consternada com essa notícia.

— Bem, sinto muito, mas não posso ir a Lahore com vocês. Nosso irmão, o Xá Alim, disse que sua porta estava fechada para mim desde que me tornei cristã.

O rosto de minha irmã se contorceu como de uma criança prestes a chorar.

— Preciso de suas orações e preciso de sua ajuda. Se Alim não a deixar entrar, alugarei outro bangalô e ambas moraremos nele.

— E o que o seu marido faria então? Acho que se divorciaria de você.

Abracei-a e concordei em ir com eles. Veríamos de que forma nosso irmão reagiria diante de minha chegada. Assim, em 28 de novembro, partimos de carro às quatro horas da tarde, e a bagagem seguiu de caminhão.

— Estou tão contente em vê-la! Seja muito bem-vinda à minha casa. Era meu irmão Alim falando. Eu mal podia crer no que ouvia. Era como se aquela conversa amarga por telefone jamais tivesse ocorrido.

A família mudou-se, temporariamente, para a casa do Xá Alim até encontrar uma casa para si. Fui acomodada numa belo quarto e me deram uma empregada.

— Sei que tem amigos aqui — disse meu irmão, inesperadamente. — Já disse ao motorista que a leve a qualquer lugar a que queira ir.

Agradeci calorosamente, mas interiormente senti uma sensação de intranquilidade. Era bom demais para ser verdade.

Quando chegou o domingo, pedi ao motorista que me levasse à igreja metodista da Estrada Warris. O ministro apertou minha mão à porta e as pessoas me cumprimentaram com afabilidade, mas ninguém me perguntou: "Como está? Por onde tem andado? Precisa de alguma coisa?" Portanto, não disse nada a ninguém a respeito dos meus problemas, confiando em Deus como sempre para resolvê-los.

Quatro meses depois, certa noite de maio, estava orando em meu quarto, sentada numa cadeira com a Bíblia aberta sobre os joelhos. Ouvi o rangido de passos, e abri os olhos. Ali estava Alim observando-me, com um sorriso no rosto. Retesei-me, e por algum motivo pensei em tigres.

— Espero que esteja sentindo-se feliz aqui em minha casa —disse ele no tom mais bondoso imaginável. — Espero que esteja dando-se bem com minha esposa e que esteja feliz com meus filhos. Espero que os empregados não lhe causem nenhum problema.

— Estou muito feliz aqui — falei, com toda a sinceridade.

— Amamo-la muito, e queremos que fique conosco para sempre. De fato, estou providenciando para que um bangalô seja construído para você em Gulberg. (Esse era um bairro bonito, moderno, para os modestamente ricos, a menos de dez quilômetros dali.)

Ele prosseguiu:

— E quero que me acompanhe num passeio. No mês que vem, vou visitar os lugares islâmicos... Meca, Medina. Gostaria de ir comigo?

Ele estava me tentado. Lembrei-me de *"Tudo isto te darei..."* (Mateus 4:8-9).

— Não me importo de ir com você — falei — mas não vai fazer nenhuma diferença para minha fé.

Como se eu não tivesse falado, ele tomou a Bíblia do meu colo e olhou as páginas abertas pensativamente.

— Tudo o que quero de você em troca de tudo que lhe darei é este livro. Dê-me a Bíblia e a devolverei ao depósito da Sociedade Bíblica de modo que você não possa mais lê-la. Desista de ir à igreja, e lhe darei qualquer coisa que desejar.

Falei em voz alta:

— O Salmo 119:105 diz: *"Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para o meu caminho."* Esta é a palavra de Deus, e é ela que me esclarece sobre a diferença entre o certo e o errado. Não lha darei... faz parte da minha vida.

Percebi que ele estava ficando zangado, mas assim mesmo acrescentei:

— Não posso deixar de ir à igreja porque é a casa de Deus. A Noiva está-se aprontando e o Noivo está vindo. *"Mas todo aquele que me negar diante dos homens, eu o negarei também diante de meu Pai que está nos céus" (Mateus 10:33).*

Ele ergueu-se de um salto e atirou a Bíblia em mim.

— Antes que o sol se levante, deixe a minha casa. Nunca mais quero vê-la.

A isca havia sido colocada no anzol e jogada convidativamente ao peixe, mas este não a mordera. A vítima havia escapado. Ninguém mais chegou perto de mim aquela noite. Deitei-me com o coração pesado. Na manhã seguinte, havia um mau humor no ar. Minha cunhada não me dirigiu nem uma palavra. Meu irmão não apareceu. Anis e o marido não me mandaram dizer nada. A empregada apenas deixou o desjejum e saiu silenciosamente.

Tristemente, arrumei a mala com quatro ou cinco vestidos feitos para mim por Anis. Deixei as roupas finas que me foram dadas por Alim, porque ele havia dito: "Não leve nada desta casa."

Peguei minha maleta e comecei a caminhar pelo corredor, e de repente percebi que o Xá Safdar estava chegando. Não o havia visto desde que saíra

de Jhang, mas as palavras de alegre saudação morreram-me nos lábios quando vi seu rosto, e o que ele trazia. Uma arma.

Ele agarrou-me pelo pulso e puxou-me escada abaixo ao porão da casa.

— Sente-se aí e não se mova! — ordenou ele.

Obedeci. Safdar podia, quando provocado, ser cruel. Ele foi chamar Alim. Um silêncio mortal reinava na casa, e no ar percebia-se a tensão produzida pelo medo.

Meus irmãos vieram ao porão, os rostos duros e determinados. Meu coração batia com força e minhas pernas pareciam feitas de palha, mas permaneci sentada no sofá, tentando manter-me calma.

Meus irmãos sentaram-se à minha frente, do outro lado de uma mesa. Tentei olhar dentro de seus olhos cheios de ódio, mas eles estavam introspectivos, como se inconscientes do meu olhar. O Xá Safdar passou a arma a Alim:

— Acabe com esta maldição sobre a família! — rangiu ele.

Alim agarrou o cabo da espingarda de dois canos e ergueu-a lentamente até apontar para a minha cabeça. Finalmente falou com surdo desespero:

— Por que deseja morrer? Tudo o que tem a fazer é declarar que não mais aceita a Jesus como o Filho de Deus, e que deixará de ir à igreja. Sua vida será poupada, pois não a matarei.

Seu rosto parecia contorcido e abatido sob a luz, e percebi o terrível dilema sob o qual se encontrava — teria de escolher entre o amor por mim e o amor por tudo que lhe fora ensinado por meu pai.

Para mim também foi um momento terrível. Eu havia sido criada para tratar meus irmãos com o maior respeito, como todas as meninas muçulmanas. Jamais os havia contrariado até Jesus entrar em minha vida. Sempre evitei de lhes falar rudemente, sabendo que podia depender de seu amor, estima e proteção, caso algum dia isso se tornasse necessário. Nesse caso, também meu pai lhes dera uma incumbência solene de cuidar de mim, mas ele certamente jamais havia previsto uma crise como essa. Eu os estava

dilacerando com os conflitos de amor e dever. Mas tinha de ir em frente. Não podia voltar atrás, não agora.

— Você pode me garantir que se não atirar em mim, não morrerei algum dia? Está escrito no Alcorão que quem nascer tem de morrer. Portanto, pode atirar. Não me importo de morrer em nome de Cristo. Em minha Bíblia está escrito: *"Quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá" (João 11:25).*

A espingarda balançou e voltou-se para baixo. No silêncio, o Xá Saf dar falou:

— Você não vai querer matar esta cristã e levar a culpa disso, vai? Ela já é uma maldição para nós. Ponha-a na rua.

Eles me empurraram à sua frente escada acima. Apanhei minha mala no vestíbulo e saí pela porta. Meus irmãos, abatidos, entraram de novo no bangalô.

"Ferramenta alguma preparada contra ti prosperará." Eu sabia que havia lido isso em Isaías 54:17, mas não sabia que podia ser tão perfeitamente certo.

CREATED BY JUTOH - PLEASE REGISTER TO REMOVE THIS LINE

CAPÍTULO TREZE

A VELA

“Aonde posso ir, Pai?" Eu estava sozinha ao lado da Estrada Samanabad, tentando reter as lágrimas de dor, ainda sob o impacto da cena da qual acabara de participar, olhando para cima e para baixo à procura de algo que me indicasse o que fazer a seguir. Mas não havia o menor sinal de trânsito ao longo da estrada asfaltada, e a considerável fila de bangalôs dormia por trás de muros altos à luz tênue do sol matutino, nada revelando das vidas prósperas que transcorriam lá dentro. Quase sem pensar, voltei-me à direita e pus-me a andar pela calçada de cimento rumo ao ponto de ônibus, a pouco mais de um quilômetro e meio de distância. Até chegar lá, havia resolvido — João e Bimla Emanuel me dariam abrigo.

João Emanuel, um jardineiro que trabalhava para as autoridades municipais, morava na Colônia Medina com a esposa e quatro de seus cinco filhos. A família frequentava a igreja da Estrada Warris. Eles me haviam convidado a ir à sua casa uma ou duas vezes, e ali eu me havia sentido bem, conversando com eles a respeito do Senhor, de como ele me havia curado e de seu poder salvador. Eles haviam dito:

— Venha nos procurar a qualquer hora; nossa casa está sempre aberta para você.

No ponto de ônibus havia vários veículos de aluguel. Tomei um riquixá até Muzang Chungi, e de lá, um mini-ônibus que por sorte ia para Gurumangat. Dali eu teria de fazer uma pequena caminhada atravessando a linha de trem para chegar à Colônia Medina.

Andei com cuidado ao longo da trilha esburacada e empoeirada que passava entre as casas, evitando os canos expostos que levavam a um houdi ou fossa sanitária aberta ali perto. Quando cheguei à casa de João Emanuel, tomei a ponta da kunda que estava pendurada para fora e bati à porta dupla de

madeira que ficava na parede alta. Após pequena pausa, Bimla abriu e fitou-me um tanto surpresa, e em seguida convidou-me a entrar.

Contei-lhe fragmentos do que acontecera e pedi abrigo temporário. Ela viu que eu tremia, e atirou os braços em torno de mim:

— Você é mais do que bem-vinda para ficar conosco, e pode partilhar de tudo o que temos.

Quando João Emanuel veio para casa, pedalando sua bicicleta no final da tarde, ouviu minha história com muito interesse.

— Não se preocupe. Sou seu irmão em Cristo — assegurou-me. "Que estranho sentir-me tão unida a estas pessoas que nem são parentes minhas", pensei, animada ao notar a preocupação deles por mim. Parecia que a união dos verdadeiros crentes com Cristo podia ligar seus seguidores uns aos outros com fios mais espessos do que laços de sangue ou casamento.

A casa alugada era pequena — apenas uma sala de estar com varanda. De um lado dessa varanda ficava a cozinha, e do outro o banheiro. Perguntei-me onde todos nós dormiríamos — fiquei sabendo que eu me juntaria na varanda às crianças, a mais velha das quais era uma menina de oito anos. Essa parte da casa dispunha de venezianas, que podiam transformá-la num cômodo quando fazia frio. João e Bimla dormiam no recinto fechado, como era o costume em casas pequenas que abrigavam famílias grandes. Não havia grama ou flores — não havia espaço para plantar coisa alguma. O piso estava recoberto de barro e palha para formar uma superfície dura, pintada de branco. Havia, contudo, plantas em vasos para alegrar o lugar. Acomodações simples comparadas ao conforto que deixara para trás, mas era maravilhoso ter liberdade de tirar minha Bíblia e lê-la abertamente, e ter momentos de oração e estudo com João e Bimla. Para isso, eu havia enfrentado a morte.

Naquela primeira noite, entretanto, deitada sobre o charpai, debaixo de um lençol ao ar livre, não consegui dormir devido ao ambiente desconhecido que me cercava, aos meus próprios pensamentos desabalados e aos sons noturnos intrometidos. Naquela região as pessoas deitavam-se cedo para

poder estar de pé logo após o nascer do sol e viajarem até a cidade para trabalhar. Mas quando a agitação da vida cotidiana diminuía e as vozes em torno das bombas d'água cessavam, sobrevinha um profundo silêncio dentro do qual outros sons surgiam, ruídos que exigiam que eu lhes procurasse descobrir as origens.

Havia os guinchos e atropelo de ratazanas. No fundo das casas, o mau escoamento havia criado poças d'água, nas quais alegres famílias de sapos divertiam-se ruidosamente, e grilos cantavam dentro dos arbustos. Não havia cortinado a proteger-me dos pernilongos lamurientos, que dançavam espessamente ao meu redor. Pequenos farfalhos na cobertura de palha do teto da varanda acima fez-me pensar que lagartixas ou baratas estavam prestes a cair sobre minha cabeça. Invejei às crianças seu sono constante, inconsciente. Quanto mais eu me revolvia, mais alto ficava o respirar tranquilo das crianças, lembrando o reboar de um mar distante.

Esforcei-me para não mais ouvir aqueles ruídos e voltei os olhos para a nesga de céu que podia ver através do teto da varanda. Tentei adormecer contando as estrelas cintilantes, mas isso apenas me deixou mais desperta. A lua solitária ergueu-se em meu campo de visão, banhando o recinto com sua luz misteriosa, tão amada por poetas e namorados. Naquele instante pareceu-me que um imperioso vento Nawab, com ciúmes de tanta beleza prateada, soprou véus esfarrapados de nuvens sobre a face da lua. Observei a dança dos astros através do céu durante o passar das horas e pressenti os choques e tristezas do dia chegando de mansinho.

Mergulhei em um desses momentos em que os assuntos decisivos da vida destacam-se claramente em meio da habitual confusão em que se desenvolve grande parte da existência. Vi que eu, Gulshan Ester, pobre e odiada por aqueles que deveriam cuidar de mim, e enxotada de suas portas, estava agora livre de estorvos. O véu, que me havia um dia separado de Deus, a quem ninguém podia conhecer, fora rasgado, revelando Cristo, meu Senhor. Agora o caminho do discipulado estava delineado, e, quer agradável, quer doloroso, eu precisava trilhá-lo obedientemente. Mas não estava sozinha. Comigo estava alguém que era forte e que satisfaria todas as minhas necessidades. Sonolentamente, vi o céu empalidecer e tragar suas

estrelas, deixando tão-somente a brilhante estrela d'alva, o arauto do amanhecer. Pensando em Jesus, a Estrela d'Alva da esperança, enviado por Deus para iluminar a minha vida, caí finalmente num sono curto mas tranquilo.

Acordei, as pálpebras pesadas ante a luz plena do dia, quando Gudo, o menino de quatro anos, puxou-me com força o braço. Enquanto me esforçava para lavar-me com água tirada da bomba no quintal, recapitulei um pensamento que se cristalizara durante a noite — eu teria de procurar algum tipo de emprego, pois não podia esperar que meus amigos me sustentassem.

A diretora da escola particular para meninas olhou-me de cima a baixo enquanto eu me postava em seu gabinete, acanhada diante dessa mulher fria e eficiente, que ostentava um ar de autoridade. Entretanto, minha atitude também era de resolução. Ela ajustou o xale e disse educadamente:

Bom dia, minha senhora. Em que posso servi-la? Tem uma filha aqui?

— Não, eu não tenho nenhuma filha aqui. Vim ver se a senhora precisa de uma professora em sua escola.

Sua expressão mudou de educada indagação para uma leve condescendência. Pude ver que minha maneira direta de tratar do assunto me havia conferido nota baixa. Eu devia ter escrito, não vindo como uma empregada ou jardineiro, solicitando trabalho.

— Que assunto você leciona, e quais as suas qualificações?

— Posso ensinar Urdu, Conhecimento Religioso Islâmico, História, Geografia e Matemática, até o nível secundário.

Ela olhou-me penetrantemente, como que reajustando suas opiniões.

Uma professora perfeita para meninas — disse ela —, mas infelizmente a vaga que eu tinha foi preenchida, e não posso empregá-la, mas, se deixar seu nome e endereço com a secretária, entrarei em contato consigo caso surja outra vaga.

Ela ergueu-se de trás da pesada escrivaninha, como que a despedir-me, mas continuei ali. Eu estava desesperada.

É possível que a senhora saiba de algumas meninas que precisem de professora particular, por qualquer motivo, talvez por doença, ou porque seus pais não querem que venham à escola?

Sinto muito, mas não sei. Mas se ficar sabendo, eu a informarei, se deixar seu nome e endereço com a atendente.

Durante duas ou três semanas fui à cidade, passando pelo Forte Vermelho, procurando emprego, apregoando minhas qualificações de escola em escola, como uma vendedora ambulante. Os endereços tinham vindo do posto de desemprego, onde eu havia surpreendido os atendentes com o meu pedido. Para eles, eu era um enigma — uma jovem de boa casta, com mãos que pareciam impróprias para qualquer trabalho, e que não estava sendo sustentada pela família.

João e Bimla asseguraram-me várias vezes o seu apoio, mas eu sabia que era outra boca para ser alimentada com o salário baixo de uma pessoa. Assim, orei pedindo um emprego e caminhei pelas ruas ao sol escaldante, com um furo no sapato, e quando me senti cansada e desanimada, pensei em Jesus, e como ele andou pelas ruas para morrer numa cruz por mim.

Quando visitei o posto de desemprego pela quarta vez, ouvi dizer que precisavam de uma repórter para uma revista semanal com escritórios no mercado Antigo Anarkali. Eu conhecia o nome Anarkali, a flor da romã, como o de uma dessas heroínas trágicas abundantes em nossa história. Ela havia sido fechada viva dentro de um muro por um imperador mongol porque, sem que tivesse culpa, apaixonara-se por seu próprio meio-irmão, Saleem. "Outra pobre moça cruelmente punida", pensei, e lembrei-me que o rapaz nada havia sofrido, pois era filho do imperador.

Eu conhecia a revista, sabia que tinha 24 páginas, trazia figuras de pessoas famosas na capa colorida, e revelava tendências políticas. O desespero deu-me coragem e solicitei uma entrevista lá.

Às 10 da manhã no dia seguinte, apresentei-me aos escritórios da revista no primeiro andar do Antigo Anarkali. O editor era um homem alto, bem apessoado, de pele clara, que usava um terno preto leve, e de atitudes deveras agradáveis.

— Por favor, sente-se — disse ele, indicando uma cadeira colocada com precisão sobre o quadrado do tapete, a certa distância de sua escrivaninha polida. Ele apertou uma campainha e pediu ao rapaz que apareceu que me trouxesse um refrigerante frio. A bebida veio numa garrafa com canudo. Estou interessado em saber por que, afinal de contas, precisa de emprego — disse ele, e seus dentes brancos se mostraram num sorriso. Não tenho pais e sou instruída. Necessito ganhar meu sustento — respondi.

Ele brincou com uma caneta de tampa dourada, e senti um leve aroma de perfume, provavelmente sua loção pós-barba.

— Mas, diga-me — falou — por que seus irmãos e irmãs não cuidam de você, de modo que não tenha de trabalhar?

— Oh, são todos casados e acomodados em suas próprias casas e não quero ser um peso para eles, e é por isso que preciso de emprego.

Ele queria saber onde mais eu havia procurado trabalho, e contei-lhe a respeito de minhas malogradas tentativas de lecionar. A luz da janela fosca vedada por uma cortina de filó caiu sobre meu rosto enquanto conversávamos, e vi que ele me estava estudando curiosamente. Então, pareceu decidir-se a meu respeito, com notável rapidez, pensei mais tarde.

— Pode começar a partir de amanhã. Venha entre as 8:30 e 9 da manhã, e não se preocupe — eu lhe direi certas perguntas que sempre fará quando entrevistar alguém. Terá de trabalhar arduamente e ir às casas das pessoas — ou, às vezes, às escolas.

"Tenho bastante experiência em ir às casas das pessoas", pensei, mas não falei.

Ele explicou que eu receberia um salário básico de 100 rúpias por mês. Havia também a possibilidade de receber dinheiro das senhoras que

pagavam pelo privilégio de ser entrevistadas. O fato era que, se pagassem, elas podiam dizer o que quisessem. Eu só receberia vinte por cento dessa quantia. Era um sistema que funcionava mais para vantagem deles do que minha, mas não tinha poder para negociar.

— Você não é muçulmana — disse ele. Era mais a declaração de um fato do que uma pergunta.

— Sou cristã — repliquei, e esperei um longo e angustiado momento enquanto ele ponderava. Finalmente, colocou a caneta de volta no bolso de cima do paletó, ergueu-se da cadeira e falou:

— Bem, não tem tanta importância. Você parece ser o que diz, uma pessoa culta, que não tem medo de falar com os outros.

Ele me levou ao escritório editorial, onde fui apresentada a três repórteres do sexo masculino, um fotógrafo e um calígrafo. Ele me deu uma escrivaninha própria. Havia uma terceira sala onde almoçávamos — de graça. Ali trabalhava um chaprase, ou mensageiro, que fazia diversos trabalhos avulsos, cuidava de enviar a correspondência, levava e trazia, ia buscar o almoço e fazia chá.

No dia seguinte, cheguei para trabalhar na hora marcada e enfrentei meus colegas. Eu era a única mulher entre sete homens, mas se me preocupei antecipadamente com esse aspecto, meus temores foram infundados — todos me tratavam com grande respeito, e na sala dos repórteres eu era chamada de "Baji" (irmã). Aprendi tudo o que pude nos quatro dias seguintes, inclusive as dez perguntas básicas das entrevistas. Estava determinada a me sair bem.

As matérias para a revista, como logo descobri, eram redigidas na sala editorial e examinadas pelo editor antes de serem entregues ao calígrafo que as transcrevia em colunas de escrita urdu em grandes folhas de papel. Em seguida, o editor examinava o trabalho a fim de certificar-se de não haver nenhum erro antes que fosse levado para ser impresso.

Uma das minhas tarefas era a de ajudar o editor a examinar o trabalho do caligrafo antes de mandá-lo para ser impresso. Às vezes tinha de

acompanhar o chaprase ao correio para levar ou buscar pacotes.

Quando os pacotes de revistas recém-impressas voltavam, tornou-se tarefa minha dobrá-las e endereçá-las. Familiarizei-me com etiquetas e cola e gostei de aprender essas novas tarefas enquanto aguardava com certa apreensão a minha primeira entrevista. Ela seria com a esposa do ex-ministro do exterior, que se demitira do governo devido a dificuldades pessoais com o Sr. Bhutto, o primeiro ministro. Isso significava que eu teria de fazer perguntas que a senhora poderia achar um tanto indiscretas — mas o editor me assegurou que ela provavelmente apreciaria a oportunidade de revelar sua versão do caso. Ele estava certo, como sempre.

Fui recebida graciosamente pela senhora, em sua sala de estar particular, e convidada a sentar-me. Lembrei-me por um instante daquela outra senhora graciosa que me havia colocado na prisão. Devo confessar que senti-me satisfeita por ser agora membro da imprensa, e possuir um pouco mais de poder do que no passado. Agora, era eu quem faria as perguntas.

Fiz as dez perguntas que o editor me dera, uma a uma. "Por que seu marido se demitiu?" "Está contente com isso?" "Onde a senhora estudou?" E assim por diante.

Essas perguntas não eram muito penetrantes, mas o simples fato de estarem sendo feitas de uma mulher a outra mulher, dentro da perspectiva de as respostas serem lidas por milhares de pessoas em todo o país, revelava quão grandes mudanças estavam ocorrendo na sociedade daquela época.

Altaf, o fotógrafo, acompanhou-me nessa entrevista e nas outras. Assim, minha segurança estava garantida e ele se comprazia extremamente em conhecer mulheres. Metade da sociedade a que ele pertencia continuava escondida dos olhares e era tratada como propriedade pessoal da outra metade. Quaisquer ideias modernas que estivessem tentando penetrar sorrateiramente enfrentavam a barreira da tradição, que ainda mantinha forte pressão em torno dos homens e mulheres, tanto os ricos e cultos quanto os pobres e ignorantes.

Altaf também era útil de outras maneiras. A senhora deixou escapar despreocupadamente algumas palavras em inglês ao descrever sua vida. Isso me deixou muito desconcertada, pois as antigas proibições de meu pai me impediram de aprender essa língua, e agora, numa sociedade na qual a língua inglesa era sinônimo de educação e cultura, eu precisava dela. Mas meu companheiro interpretou baixinho para mim. Ele também pensou em outras perguntas para fazer quando minha mente ficou em branco.

Quando todas as perguntas acabaram, a senhora perguntou-me a meu respeito:

— Que instrução você tem?

— Apenas o suficiente para entrevistá-la — falei. Ela riu.

— Não é sempre que a gente encontra uma mulher realmente culta — disse ela.

Quando meu artigo apareceu, devidamente reescrito pelo editor, trazia meu nome, Gulshan, sob o título. Ele não acrescentou o nome cristão de Ester. A senhora pagou 700 rúpias por ele e recebi 140 delas. Entreguei 100 a João Emanuel, e fiquei com 40. A princípio meus hospedeiros não queriam aceitar meu dinheiro, mas insisti.

— Sentimo-nos felizes por Deus a estar ajudando — disseram. Bem, eu também estava feliz. Pela primeira vez na vida, estava conseguindo ganhar dinheiro de verdade, e me mantendo usando a instrução que recebera. Imperceptivelmente, a visão dos rostos zangados de meus irmãos começou a desvanecer-se nesse novo ambiente.

Em outra ocasião, entrevistei a diretora da Escola Feminina de Segundo Grau de Lahore. Fiquei nervosa ao pensar em ir lá, pois temia atrapalhar-me com minhas perguntas diante de uma mulher inteligente, envolta em autoridade como se fosse uma burka. Mas Altaf, o fotógrafo, tranquilizou-me:

— Diga-lhe que deseja que ela explique tudo de modo que os leitores entendam. Então, escute cuidadosamente e anote tudo. Não tenha medo de

fazer perguntas simples — muitos dos seus leitores não vão querer que você seja brilhante demais.

Foi um ótimo conselho. Sentei-me ali em toda a minha simplicidade, e recebi uma lição da diretora acerca da diferença entre uma escola dirigida por particulares e uma escola dirigida pelo Estado. Uma vantagem distinta, do ponto de vista da diretora, parecia ser a de ela ter agora mais liberdade — sob os antigos donos, ela havia sido muito controlada e as taxas estavam sempre subindo. Mas uma desvantagem agora era a de haver menos recursos. Além dessa informação, anotei alguns detalhes acerca da sala onde estávamos, da própria senhora e de sua equipe — que também fiquei conhecendo — acerca da condição da escola, que me foi mostrada, e acerca da aparência das meninas.

O fotógrafo gostou muito dessa entrevista, pois lhe pediram que fotografasse tudo, inclusive as meninas. Elas estavam muito atraentes em seus uniformes azul e branco, e acho que consideraram a experiência uma novidade divertida, pois deram muitas risadinhas, cobrindo as bocas com suas *dopattas*.

Meu artigo me valeu um elogio do editor:

— Nada mau — disse ele.

Ele não era do tipo de se deixar entusiasmar facilmente. Voltei à escola três dias depois que o artigo apareceu, a fim de cobrar o restante das rúpias devidas ao jornal — a entrevistada sempre pagava alguma coisa antecipadamente. Descobri que a diretora estava agora cheia de curiosidade a meu respeito, pois soubera algo de minha história através de uma pessoa que fazia parte de sua equipe e que também era cristã.

— Por que você se tornou cristã? Deixe-me ajudá-la a voltar à sua fé muçulmana — disse a diretora. Então, na frente de toda a sua equipe, eu lhe contei um pouquinho acerca da minha experiência.

Você tem uma atitude interessante, e uma fé firme — comentou a diretora, dando-se por satisfeita.

Quando percebi que nenhum infortúnio poderia me acontecer por causa do que eu escrevia, comecei a ficar mais tranquila. Achei o trabalho cada vez mais fácil, e estava-me acostumando a ver meu nome impresso nos artigos. Dava uma sensação agradável saber que por todo o Paquistão, minhas palavras estavam sendo lidas — e possivelmente alimentando as aspirações de jovens mulheres, mostrando o que uma delas podia conseguir. Todavia, eu mantinha meus pensamentos e ambições voltados para uma direção completamente diferente — servir a Deus e fazer a sua vontade. Por que então eu estava ali, trabalhando para aquela revista —algo completamente em desacordo com tudo o que eu havia feito antes? Minhas peregrinações me haviam levado ali, mas por que motivo? Era um enigma, e eu geralmente desistia de tentar decifrá-lo e vivia dia após dia as duas metades bem distintas de minha vida, a externa e a interna, a vida de trabalho e a vida de oração.

Mas meus colegas jornalistas estavam conscientes de que eu era diferente deles. Após duas semanas, ficaram sabendo que eu era cristã, embora não soubessem que eu também já havia sido muçulmana. Eles brincavam comigo acerca de minha fé:

— Você acredita em três deuses — diziam a rir.

Eu tentava explicar-lhes que isto não era verdade. Havia somente um Deus manifestado em três pessoas — o Pai, Jesus Cristo (o Filho de Deus, e não meramente um profeta), e o Espírito Santo, enviado no Pentecoste para habitar nos crentes, dar-lhes ensinamentos e torná-los santos. Meus colegas haviam aprendido desde a infância a considerar o cristianismo inferior em relação à pureza de sua religião monoteísta. O que poderia fazer para mudarem de ideia? Notei, entretanto, que ninguém naquele escritório respeitava o horário de oração do meio-dia, e perguntei-me que significado a fé muçulmana tinha para eles.

As divisórias entre os escritórios eram de papelão, e o editor costumava pôr um fim às brincadeiras aproximando-se e chamando a atenção dos homens.

— Não a amolem. Ela é a única mulher trabalhando aqui, e vocês não devem ser descorteses com ela.

Certo dia, estava descendo a escada às 4 da tarde, indo para casa, quando o proprietário de uma confeitaria que ficava ao lado do jornal, o Sr. Yousef, me chamou.

— A *salaam a laikum* (a paz seja com você) — disse ele. Detive-me e esperei até ele chegar perto de mim.

— *Wah laikum salaam* (o mesmo para você) — respondi. Disse ele:

— Senhora, tenho-a visto passando e pensei que deve ser uma pessoa culta para trabalhar numa revista. Estou procurando uma professora para meus três filhos, e gostaria de saber se estaria interessada em lecionar-lhes às tardes depois do seu trabalho. Podemos chegar a algum tipo de acordo quanto ao custo das aulas.

Hesitei por um instante. O salário da revista não era esplêndido, visto eu sair apenas uma ou duas vezes por mês para fazer entrevistas, ao contrário dos homens que saíam o tempo todo, até para fora de Lahore. Resolvi acompanhá-lo à sua casa, fiquei conhecendo a esposa e os filhos, prontamente simpatizamos uns com os outros e acertamos o negócio ali mesmo. Por duas horas ao dia eu lecionaria Urdu, Matemática, Estudos Islâmicos, História e Geografia às crianças quando voltassem da escola, das 4 às 6 horas da tarde. Para isso, pedi 150 rúpias por mês e a refeição noturna de cada dia. Eu não lecionaria aos domingos.

Esse novo acordo teve um efeito. Teria de deixar meus bons amigos da Colônia Medina, pois escureceria antes de eu chegar em casa, e realmente não era seguro para uma mulher caminhar pelas ruas depois do escurecer. Lahore tinha muitos batedores de carteiras e raptores — eu estava agora bem familiarizada com esse lado da vida, desde minha experiência na prisão. Assim, passei a residir com o senhor e a senhora Neelan. Eles moravam na estrada Warris, perto da igreja e não muito longe da Antiga Anarkali. Eu conhecia o senhor Neelam desde os dias da escola Sol Nascente, quando ele havia sido o professor de música.

No mês de dezembro alcancei a marca de oito ou nove entrevistas, todas assinadas por "Gulshan" ou "a nossa repórter feminina", e senti que o editor

estava contente comigo. Porém, na segunda semana do mês, ele me chamou ao seu escritório.

— Você tem-se saído melhor do que eu esperava — disse ele. — Gostaria de mantê-la aqui, mas, se o fizer, uma coisa é necessária — precisa voltar à fé muçulmana.

Fiquei como petrificada. Ele continuou:

— Agora conheço sua história, e sei por que é cristã. Mas deixe-me dizer-lhe que, se seus irmãos não a estão ajudando, eu a ajudarei — se você deixar o cristianismo. Permitirei que fique em minha casa. Colocarei você como chefe dos repórteres. Conseguirei outra mulher repórter e lhe darei um salário fixo de 1.000 rúpias por mês...

Diante do estonteante impacto da realidade, acordei para o significado desse discurso. Aquele homem estava em contato com o Xá Alim — provavelmente eram amigos, e frequentavam o mesmo clube. Devia estar sabendo o tempo todo a meu respeito, e trabalhado pacientemente para chegar àquele momento. Era a mesma história antiga. "Mostre-lhe quanto amor nós muçulmanos temos uns pelos outros, e então talvez ela volte, visto estar necessitada, ganhando a vida e morando com outras pessoas." E eu, que estava tão contente com meu progresso em escrever, havia deixado de questionar por que esse homem do mundo teria aceito e mantido alguém tão inexperiente quanto eu. Mas quando eles aprenderiam que eu jamais voltaria à fé muçulmana?

Suspirei.

— Não pense que não aprecio sua oferta. Gostaria muito de continuar trabalhando aqui para o senhor, mas preciso dizer-lhe que não posso deixar de ser cristã. Jesus é a minha vida. O que encontrei nele, nenhuma outra religião pode oferecer.

Naquele mesmo dia, a esposa do editor passou para me ver, antes de dirigir-se às compras no Antigo Anarkali — numa última tentativa de fazer-me mudar de ideia.

Ela me chamou ao escritório do marido enquanto ele estava ocupado lendo as provas na sala dos repórteres.

— Você é muito inteligente — disse ela. — Por que é cristã?

A insinuação do comentário fez-me gemer intimamente. Para o muçulmano, todos os cristãos são estúpidos, pois acreditam numa mentira. Eu sabia que aquela mulher não teria nenhuma percepção espiritual, e não estava disposta a passar por tudo outra vez.

Falei suavemente:

— A senhora não conseguirá entender o tipo de experiências pelas quais estou passando agora. Deus é tão real para mim!

Ela fitou-me e seu rosto se enrijeceu. Saiu sem dizer mais nada.

No fim do dia, o editor me entregou um envelope com 125 rúpias.

— Sinto muito — disse ele — mas você não pode trabalhar mais aqui. Minha esposa e eu lamentaremos sua partida. Sempre nos lembraremos de você.

— Também sinto muito, mas Deus me dará outro emprego —falei, erguendo o queixo, mas longe de sentir-me corajosa por dentro. O editor estava obviamente lutando com seus próprios sentimentos humanitários porque disse, quando encaminhei-me à porta:

— Se vier a cair na miséria, eu a ajudarei, mas esse problema da religião permanecerá.

— Não se preocupe — falei. — Meu Deus me ajudará. Antes de eu buscar a ajuda do homem, buscarei a ajuda de Deus. — E saí do escritório.

Os outros repórteres ficaram tristes com a minha partida.

— Você passou tanto tempo conosco, e agora está indo embora só por causa de um pouquinho de religião. Tudo bem, Cristo a curou — mas por que você não dá um pouco de dinheiro aos pobres e fica por isso mesmo?

— Jesus é muito mais do que isto para mim — falei, apertei-lhes as mãos e disse-lhes que oraria por eles. Então saí e desci as escadas, sentindo-me gelada e com a cabeça rodando ante o choque da expulsão, justamente no momento em que eu havia começado a sentir-me a salvo desse tipo particular de ataque.

No lado de fora, recostei-me contra a parede para me firmar.

Devia haver alguma razão para todas essas experiências inquietantes. Em meu coração, clamei ao Pai do céu, e ele respondeu prontamente, com uma palavra de consolo.

"Eu te darei forças durante todos os teus dias. Não te mandei eu?" Eu não estava ciente de que logo adiante se encontrava a minha Terra Prometida particular, e que Deus me estava preparando para entrar nela.

CREATED BY JUTOH - PLEASE REGISTER TO REMOVE THIS LINE

CAPITULO QUATORZE

TESTEMUNHA DE CRISTO

— Há uma visita aqui para você — disse a senhora Neelam na manhã de 30 de dezembro, e, surpresa, levantei os olhos do meu livro.

Era o senhor Gill, um presbítero da igreja da Faculdade Cristã Foreman, que me trazia um convite. Ele foi direto ao assunto.

— O Reverendo Arthur da Igreja Metodista da Faculdade Cristã Foreman gostaria de convidá-la a pregar no seu culto do dia de Ano Novo. Pode pregar qualquer mensagem que lhe for dada. O que diz?

Fiquei calada por alguns instantes. A Faculdade Cristã Foreman era um lugar grande, e a igreja só podia estar cheia de gente influente. Como podia eu colocar-me em pé diante de uma multidão como essa e pregar? Quase recusei, mas depois lembrei-me de algo que Deus me havia dito à noite:

"Vá e pregue entre meu povo."

No dia em que fui curada, Jesus me recomendara que fizesse precisamente isso, mas naquela época eu não estava pronta. Porém, aquela visão fulgurante iluminou minha dura estrada, ensinando-me a conhecer a Deus pela fé e através de sua Palavra. Seria agora esse convite o sinal de que eu estava pronta para contar à igreja o que havia presenciado da graça e da misericórdia de Deus?

Ergui o olhar ao mensageiro.

— Irei — disse. — Mas como chegarei lá partindo desta casa?

— Você será mais do que bem-vinda, e ficará comigo e minha esposa amanhã à noite em nossa casa na Colônia Wadat. Ela fica perto da faculdade. De lá eu a levarei ao culto no dia de Ano Novo.

Kamla Neelam concordou com essa ideia, e ficou combinado que o senhor Gill me viria buscar no dia seguinte para levar-me à sua casa. Tentei organizar meus pensamentos para a grande prova que se aproximava.

Na noite seguinte, já no quarto de hóspedes do senhor Gill, o medo se apoderou de mim quando considerei o tamanho do passo que estava para dar. Mas o orgulho começou a erguer sua cabeça... Eu queria tanto causar boa impressão!

De joelhos, perguntei solicitamente a Jesus: "Como vou falar sobre ti? Quase quatro anos se passaram desde que te vi. Como vou descrever-te?"

Expresso dessa forma, parecia uma tolice. O que eu queria? A repetição de uma experiência sagrada? Assim que expressei o pensamento em voz alta, percebi quanto era ridículo preocupar-me com aquelas coisas. E no silêncio de minha mente, inclinada na presença de Deus, ouvi o cicio suave: "Meu Espírito estará com você. "O júbilo invadiu meu coração! Bastava-me aquela promessa.

Indubitavelmente, era a primeira vez na vida que eu teria de enfrentar uma multidão como aquela. Professores, catedráticos, enfermeiras, médicos de um hospital cristão próximo — todos muito cultos, muito seguros de si. Contudo, senti um poder edificante vir sobre mim quando iniciei o testemunho da minha cura ë passei a contar a respeito da graça de Deus manifestada em minha vida, no auge de todas as lutas e tristezas. A audiência permaneceu absolutamente silenciosa, bebendo cada palavra, sem jamais tirar os olhos do meu rosto.

Quando desci do púlpito, as pessoas me procuraram para dizer o quanto a mensagem havia sido importante para elas. "Que testemunho poderoso!", comentaram algumas delas. "Nem mesmo percebemos o tempo passar", disseram outras, com lágrimas nos olhos. Algumas irmãs comentaram: "Você sofreu muita coisa sozinha. Deixe-nos partilhar isso com você", e me deram seus endereços.

Deram-me parte da coleta e fui levada de volta à casa do senhor Gill para almoçar. Ainda sob o impacto do efeito que minhas palavras causaram

pensei em meus irmãos — quanto eu teria gostado que eles soubessem desse novo rumo nas atividades da irmã que eles haviam condenado.

Como resultado daquele testemunho, fui convidada a conduzir regularmente as reuniões das mulheres na igreja da Faculdade Cristã Foreman. Isso significava que eu podia desistir de lecionar na casa do senhor Yousef, e iniciar o trabalho que realmente queria fazer — evangelismo. Todas as igrejas da área começaram uma a uma a convidar-me para pregar, pagando minhas despesas.

Durante abril e maio, morei com alguns amigos no Parque Canal. Em junho, outra família recebeu-me em sua casa e fiquei lá até o dia do casamento do filho de minha irmã.

Iam realizar um acampamento de verão para mulheres em Murree. Essa área, quase mil metros acima do nível do mar, ao pé da cordilheira do Himalaia, e a duas horas e meia de Rawalpindi, era uma velha estação situada no alto da colina, datando dos dias do Raj britânico. Agora os ricos iam lá passar as férias, para gozar o clima mais frio e a belíssima paisagem das montanhas, com seus picos coroados de neve a maior parte do ano.

Em Murree havia algumas instituições cristãs — uma escola de línguas para missionários e uma escola cristã para filhos de missionários e outras pessoas. Essa, ao contrário das escolas ao nível do mar, permanecia aberta durante o verão, e fechava durante um mês no inverno, quando a neve profunda obstruía as perigosas estradas montanhesas. Murree tomava-se também muito movimentada no verão, com acampamentos e conferências dirigidos por grupos cristãos paquistaneses vindos de diversos pontos do país.

O acampamento feminino, em Mubarik, para o qual fora convidada como a preletora principal, duraria uma semana. Deveria ir de trem a Rawalpindi com a dirigente do acampamento, a senhora Hadayat, e de lá partir para Mubarik às 4 horas da madrugada de sexta-feira. Eu estava antegozando o prazer da primeira viagem de trem em minha vida.

Mas na manhã de quinta-feira, em torno das 10 horas, recebi um recado de minha irmã, Samina, que estava em Samanabad, preparando-se para um casamento. Seu filho deveria casar-se ali no sábado, e ela me queria como uma das convidadas.

Seu filho entregou-me o convite verbalmente na sala de estar da casa onde eu estava hospedada. Sorri para ele carinhosamente. Do pouco que eu havia visto e sabido dele durante seus anos de crescimento, Mahmood era o orgulho da família, e gostaria muito de poder comparecer ao seu casamento, mas existiam grandes obstáculos.

Devolvi uma resposta verbal a Mahmood.

— Por favor, diga à sua mãe que amo muito a ela e a você, mas não posso comparecer. Todos estarão contra mim por causa da minha crença, e minha presença apenas perturbará a atmosfera do que deveria ser um dia feliz para todos vocês. Não é bom que eu vá, e além disso estou saindo de viagem na sexta-feira para uma conferência nas montanhas. Peço que todos vocês aceitem minhas desculpas em recusar seu bondoso convite.

Meu sobrinho partiu em sua Yamaha com expressão tristonha. Continuei com os meus preparativos. Às 2 da tarde Mahmood estava de volta.

— Titia, você terá de vir ao meu casamento. Minha mãe diz que não me deixará casar se você não estiver lá. E eu também quero que venha.

O rapaz grandalhão tinha lágrimas nos olhos. Tomei uma resolução instantânea.

— A única coisa que posso dizer é que irei falar com o senhor e a senhora Hadayat e pedir sua opinião. Talvez seja possível eu comparecer ao seu casamento e depois sair em tempo de apanhar o ônibus para Rawalpindi, que fará conexão com o que vai a Murree domingo de manhã.

O rosto de Mahmood se desanuviou.

— Pode andar na garupa, titia? Eu a levarei à casa do senhor e da senhora Hadayat agora — disse ele. Assim, em breves instantes, os vizinhos foram

presenteados com o espetáculo de uma jovem mulher estrondejando na garupa de uma motocicleta, agarrando com força a camisa do rapaz à sua frente.

Quando contei aos meus amigos, os Hadayats, acerca do meu dilema, eles o resolveram no mesmo instante, aconselhando-me a aceitar o convite:

— Sua presença lá será um testemunho — disseram. — Alguns dos seus parentes não a veem desde que você foi curada.

Era verdade. Lembrei-me da terrível reunião com aqueles tios. Lembrei-me de seus olhos duros, saltando-lhe das faces enraivecidas diante dessa jovem senhorita que se atrevia a desafiar os costumes da família e da lei islâmica. Tudo isso havia acontecido a uma pessoa muito diferente do que eu era agora. Mas estariam eles diferentes? Duvidava que estivessem. Mesmo assim, talvez eu conseguisse uma ou duas oportunidades de testemunhar, e amava minha irmã e seu filho. Por eles, iria.

— Vocês têm razão — falei.

Resolvido esse problema, o senhor Hadayat consultou o horário dos ônibus em sua agenda e descobriu que havia um ônibus que saía de Badami Bagh, em Lahore, à meia-noite de sábado. Esse ônibus me faria chegar a Rawalpindi em tempo de tomar outro ônibus para Murree, chegando finalmente lá no domingo à tarde, dando-me tempo suficiente para minha primeira palestra.

Meu sobrinho me levou para casa outra vez em sua Yamaha, e prometeu vir-me apanhar no dia seguinte para levar-me ao casamento.

Assim, no dia seguinte, apanhei uma maleta tipo executivo e me dirigi a Samanabad elegantemente acompanhada por meu querido sobrinho.

O casamento, conforme eu havia predito, foi um desastre do começo ao fim. Alguns dos meus parentes mais velhos consideraram minha presença uma ofensa direta, e deram-me as costas todas as vezes em que cheguei perto deles. Outros, em quem o senso de Jihad era forte, provocavam discussões,

de modo que mal tive oportunidade de conversar com minha irmã Samina, ou com Anis, a quem eu não via há mais de um ano.

A investida principal do ataque era: "Por que você acredita em Jesus como o Filho de Deus?"

Minha Bíblia encontrava-se em minha maleta, mas não necessitei consultá-la — as palavras de que precisava vieram-me aos lábios espontaneamente e com poder. Percebi que provavelmente não teria outra oportunidade como aquela, e por isso falei aos que mostraram algum interesse. As discussões aumentaram e quase não me sobrava tempo para comer ou beber. Meus principais adversários, meus irmãos, eu não vi. O Xá Safdar resolveu ficar em casa quando soube que eu estaria lá, e o Xá Alim permaneceu com os convidados do sexo masculino, fora do meu alcance.

Aos poucos, meus adversários se foram, um a um, com comentários como: "Oh, ela é louca, deixe-a em paz", e "Ela não é parente nossa; não fale com ela."

De repente, lembrei-me da hora. Eram 11 horas da noite. Ouvi uma voz dizendo: "Você vai testemunhar em Murree amanhã, e ainda está aqui." Sentindo uma leve sensação de pânico, apressei-me até o quarto de minha irmã e perguntei se alguém podia deixar-me em Badami Bagh. Mas o carro de Samina estava conduzindo outros convidados às suas casas, Anis estava ocupada com a família do marido, e alguns dos outros visitantes recusaram-se categoricamente a levar-me. Ouvi alguém dizer:

— Não queremos poluir nosso carro. Peça ao seu Jesus que a leve.

Samina adiantou-se e tomou-me a mão:

— Gulshan, sinto muito não poder ajudá-la. Por que não fica conosco esta noite? Amanhã podemos levá-la à estação rodoviária.

Teria sido sensato, pois havia perigo nas ruas para uma mulher sozinha a essa hora da noite. Mas fui invadida por uma sensação de urgência. Eu havia recebido ordens, e tinha de cumpri-las a todo custo. Sem me despedir, deslizei silenciosamente para fora da casa iluminada, com todo o seu

conforto e segurança, e parei ao lado da estrada. Nuvens velavam a lua. As casas e as árvores produziam sombras fugidias no escuro. Os galhos de uma grande amoreira farfalhavam acima de minha cabeça. Saí nervosamente de baixo de sua sombra.

"Senhor, tornaste-me santa. Cuida de mim e ajuda-me a chegar à rodoviária em tempo. Estou totalmente em tuas mãos", orei.

Lágrimas deslizavam dos meus olhos quando terminei a oração. Mesmo estando ali no escuro senti-me segura, pois Deus estava poderosamente presente ao meu redor.

Pouco tempo depois ouvi à distância, e chegando cada vez mais perto, o ronronar suave do motor de uma motocicleta, e quase imediatamente vi o farolete tecendo padrões luminosos no negro véu noturno à medida que o veículo trepidava na minha direção ao longo do asfalto. Era um riquixá coberto. Estaria talvez trazendo alguém atrasado ao casamento ou estaria levando seu motorista para casa após um dia de trabalho? Orando para que o homem parasse para me apanhar, acenei e o riquixá encostou ao meu lado.

— Pode levar-me a Badami Bagh o mais depressa que conseguir? Tenho de tomar um ônibus que sai para Rawalpindi assim que for possível.

Eu não conseguia ver o rosto do motociclista, pois ele usava um capuz, mas ele assentiu com a cabeça e subi, sem me permitir questionar se ele seria um bandido que se aproveitaria de minha situação. Fomos em frente, acordando os ecos. Com que rapidez parecemos passar por aquelas ruas! Quando entramos em Badami Bagh pareceu-me, por meu relógio, que havíamos coberto os vinte e quatro quilômetros em cinco minutos. O homem do riquixá, sem dizer uma palavra, apanhou minha maleta e a levou à linha de ônibus Transporte Watan, para Rawalpindi. Quando ele se voltou pude ver que tinha boa compleição e estava vestido com um estranho manto comprido, marrom fosco.

Ele colocou minha bagagem debaixo de um banco e estava prestes a afastar-se, sem esperar o pagamento, quando o detive para perguntar:

— Quanto lhe devo?

Ao ouvir isso, ele voltou-se para mim e disse:

— Deus me enviou para ajudá-la. Vá em paz.

Então ergueu a manga do manto, e em seu braço musculoso vi uma palavra escrita em letras brilhantes: Patrus (Pedro). Tentei ver seu rosto, mas vislumbrei apenas seus olhos brilhantes.

Meus olhos se encheram de lágrimas e tive de enxugá-las. Quando olhei de novo, ele havia desaparecido sem levar nenhum dinheiro. Perguntando-me se aquilo era sonho ou realidade, olhei à volta da rodoviária, muito movimentada àquela hora da noite, pois as pessoas evitavam viajar ao calor do dia, e vi os passageiros dos ônibus estirando as pernas em antecipação de uma longa viagem.

Tomei meu lugar no banco acolchoado, a única mulher viajando sozinha no ônibus e não usando um burka, e paguei ao cobrador quando ele pediu a passagem.

Paramos para um descanso de meia hora em Jhelum, situada na metade do caminho, e fizemos outra breve parada em Gujarkahn. À medida que subíamos o sopé do Himalaia, ficava mais frio. Chegamos a Rawalpindi em torno das 4:45 da manhã, e forçamos passagem através de uma multidão de gente, vacas e cabras magricelas, carros, riquixás, caminhões, bicicletas e carrinhos, até um ponto de ônibus no mercado Raja. O sol começava a pintar o céu oriental com os raios de ouro da aurora.

O ônibus de Murree era menor, e a viagem foi lenta e perigosa sobre sinuosa estrada montanhesa, com espaço suficiente para apenas dois veículos. Era uma estrada muito usada nessa época do ano, quando as planícies crestavam-se sob o calor ardente. Sentávamo-nos de lado, e eu estava de costas para o muro formado pela montanha, de forma a não ter de olhar sobre a orla da perigosa encosta.

Às 11 horas da manhã nos aproximamos de Murree. Desci no ponto de ônibus próximo ao correio, na parte baixa da cidade. Entreguei a maleta a um moço que me guiou numa breve caminhada ao acampamento Mubarik.

Perto do acampamento, o choukedar nos viu chegando e adiantou-se para cumprimentar-me e apanhar a maleta.

Esse acampamento resultou em uma semana extraordinária para mim. Havia trinta mulheres de Peshawar, Sialkot, Karachi, Faisalabad (antiga Lyallpur) e Hyderabad. Com sua mão terapêutica, Deus tocou as vidas das mulheres nos lugares em que elas estavam feridas.

Dormi num prédio de dois andares, partilhando um quarto com Ruth, de Abbotabad. Realizamos reuniões matutinas e vespertinas, intercaladas pelo horário das refeições, e o resto do dia livre. Todavia, mantive-me muito ocupada durante boa parte do tempo, conversando com mulheres acerca de seus fardos. Uma professora do governo em Lahore disse-me que tinha dificuldade em testemunhar perante os muçulmanos ali. Oramos juntas e conversamos a respeito do medo que pode amarrar a pessoa numa situação dessas, e lembrei-lhe a promessa de Cristo: "Não te deixarei nem te abandonarei." Quando nos despedimos, ela disse jubilosamente:

— Você fez com que nascessem em mim nova esperança e coragem para enfrentar todo tipo de problema.

Quando as mulheres se foram, chegou um grupo de jovens de Peshawar, e o reverendo Sayed, dirigente do acampamento, pediu-me que ficasse e lhes falasse. Um jovem advogado confessou que trabalhava entre muçulmanos, mas tinha vergonha de testemunhar. Falei-lhe acerca de Mateus 10:31-33 e orei com ele. No quarto dia ele voltou e disse que agora adquirira coragem. Meu medo se foi. E se foi mesmo. Ele me visitou quando deixei o acampamento e passei a residir em Rawalpindi com o Irmão e a Irmã Younis.

A Irmã Younis estivera em Mubarik, e fortes laços de amizade haviam sido estabelecidos entre nós.

— Venha morar conosco quando sair daqui — disse-me ela. E foi o que fiz.

Meu ministério começou realmente para valer a partir daqueles acampamentos. Comecei a viajar com frequência para testemunhar das maravilhas que Deus havia realizado em minha vida. Fui convidada a voltar

a Mubarik, naquele primeiro ano, no comecinho de junho, onde me vi na mesma plataforma de uma convenção local com homens bem conhecidos na comunidade cristã. Eles me aceitaram como alguém a quem Deus havia dado um ministério. Toda vez que eu falava, os convites jorravam de lugares perto e longe. As pessoas queriam ouvir o que eu tinha a dizer — disseram-me que isso as encorajava, e que meu testemunho era uma mensagem necessária para a nossa época.

As oportunidades para um ministério mais amplo estavam prestes a surgir, mas eu me segurava cada vez mais aos pés de Jesus, pois sabia por experiência que quando vinham muitas bênçãos, era inevitável que viessem muitos ataques também. Mesmo assim, eu estava preparada para o lado do qual vieram.

CREATED BY JUTOH - PLEASE REGISTER TO REMOVE THIS LINE

CAPÍTULO QUINZE

CONCLUSÃO

De Rawalpindi, viajei por todo o Paquistão, dando conferências nas igrejas e aconselhando pessoas necessitadas, tanto física quanto espiritualmente. Em outubro de 1977 fui a Lahore em resposta ao pedido de um casal de irmãos da igreja metodista do Parque Canal, que tinha um filho doente. "Por favor, venha orar por ele", escreveu o irmão James. Fui, e orei durante toda a viagem.

Quando cheguei lá, o rapaz já havia sido trazido do Hospital Cristão Unido para casa, estava em recuperação, mas ainda sentia-se fraco. O irmão e a irmã James convidaram-me para morar com eles. Tinham cinco filhas e cinco filhos, e queriam que eu os ajudasse a educá-los nas coisas do Senhor. Combinamos que eu ficaria com eles, mas estaria livre para viajar pelo Paquistão quando houvesse alguma reunião a que precisasse comparecer.

Durante todos esses anos eu vivia pela fé, e assim vivo até hoje, com o Senhor a suprir-me as necessidades. As pessoas sempre me perguntam se há alguma missão estrangeira me sustentando. Eu lhes explico que as riquezas do céu estão à nossa disposição quando nos dispomos a confiar totalmente em Deus. Dei tudo a Deus — família, casa, terras, dinheiro, reputação — e confio que ele me suprirá em todo o necessário.

Quando ainda me encontrava em Rawalpindi, minha irmã Anis Bibi faleceu. Mesmo pressionada pela oposição da família, ela permanecia uma crente secreta. Morreu em 14 de março de 1977. Estive ao seu lado e confortei-a até seu último minuto de vida. Agora a visão que Deus lhe dera durante sua primeira experiência com a morte finalmente se cumprira. Sei que ela pôs a mão na mão do homem com a coroa, no topo da escada, e permitiu que ele a levasse à presença de Deus.

As duas filhas de Anis Bibi, de 15 e 16 anos, foram morar com um tio depois disso, pois seu pai não quis ficar com elas. Alguns meses mais tarde recebi uma carta das meninas perguntando se podiam vir morar comigo, pois não eram felizes. Assim, em outubro, assumi a guarda de minhas duas sobrinhas, e elas passaram a morar comigo na casa do irmão James. Porém, havia um número demasiadamente grande de meninas debaixo de um mesmo teto, e foi então que comecei a orar por uma casa onde eu pudesse viver minha própria vida, sem dever nada a ninguém, exceto a Deus.

Coloquei as duas meninas na escola de um convento por ser difícil deixá-las na casa de alguém quando eu viajava. A escola era mantida por umas irmãs bondosas, e a atmosfera era boa para as meninas.

Deus colocou no coração de amigos em Karachi o propósito de fazer algo a respeito de minha condição de desabrigada. Concluíram que estava na hora de eu ter minha própria casa e não ser forçada a morar o tempo todo com outras pessoas. Por isso levantaram um pouco de dinheiro que, acrescentado ao pouco que eu havia economizado, foi suficiente para comprar uma casinha. Que conforto para mim poder voltar ao próprio lar depois de uma série exaustiva de reuniões evangelísticas em algum lugar distante!

Quando mudei-me para minha própria casa no verão de 1978, trouxe minhas sobrinhas comigo. Mas nem tudo deu certo. Fui processada perante um tribunal com base em acusações falsas.

Contei ao magistrado que havia sido paralítica, mas Jesus me curara. Ele perguntou se alguém de minha própria família podia testemunhar quanto a isso. Em benefício da justiça, um membro de minha família compareceu ao tribunal, confirmou a história de minha cura e falou em favor do meu bom caráter. O processo contra mim foi rejeitado.

Minhas sobrinhas me haviam deixado, mas Deus foi muito bom para mim, dando-me duas encantadoras filhas adotivas, um filho e seu avô, de modo que eu não ficasse sozinha no mundo.

Dois meses depois disso, em julho de 1981, eu me encontrava em Karachi, passando uns dias com uma amiga na Colônia Akhtar, perto da igreja

metodista, quando Patrícia, uma jovem enfermeira, pediu-me que visitasse sua irmã, Freda, também enfermeira no Hospital Jinnah. Ela temia que a irmã estivesse possuída por um espírito maligno. Disse ela:

— Minha irmã está doente. Ela chora, e quando o espírito toma posse dela, começa a berrar e a bater nas pessoas.

Concordei em ir com Patrícia e tomamos um riquixá até o hospital. Era uma tarde muito quente, e devido a estarmos próximos do oceano havia muita humidade no ar. No quarto da jovem enfermeira no hospital, senti a atmosfera pegajosa e opressiva — mas não apenas devido ao calor. Freda estava lá, jovem, tímida, a cabeça abaixada. Trajava o *shalwar kameeze* e *dopatta* que não faziam parte do uniforme. Volta e meia ela erguia a cabeça e lançava sobre mim um olhar fixo totalmente destituído de expressão.

Patrícia falou suavemente com a irmã:

— Ba-ji, esta é a Irmã Gulshan. Ela veio orar por você.

Não houve resposta por parte da jovem enfermeira. Ela ficou imóvel por algum tempo, depois subitamente pediu licença e saiu do quarto para ir ao banheiro que ficava mais adiante no corredor. Após terem-se passado quinze minutos desde que ela se havia ausentado, minha amiga falou:

— Está demorando muito. Vou buscá-la.

Patrícia voltou, arrastando a relutante moça mais jovem pelo braço. Freda sentou-se sobre um pedaço de tapete, e eu, sentada numa poltrona, puxei-a para sentar-se ao meu lado no chão. Então coloquei a mão sobre sua cabeça, abri minha Bíblia no Salmo 91, e li-o em voz alta:

"Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará.

Direi do Senhor: Ele é o meu refúgio e a minha fortaleza, o meu Deus, em quem confio.

Certamente ele te livrará do laço do passarinheiro, e da peste perniciosa.

Ele te cobrirá com as suas penas,

e debaixo das suas asas estarás seguro;

a sua fidelidade será teu escudo e broquel."

Nesse ponto, a moça fechou os olhos. Ainda mantendo a mão sobre sua cabeça, falei:

— Ordeno-te em nome do Senhor Jesus que saias dela. Ao ouvir isso, a moça começou a balançar o corpo violentamente, berrando enquanto dizia:

— Deixe-me ir. Estou queimando.

Falei:

— É melhor que você se queime sob o poder da Palavra de Deus, e que não seja o diabo que a queime.

Então o diabo falou, e a voz era diferente da voz delicada da moça:

— Estou indo. Por favor, deixe-me ir. Não voltarei.

A moça caiu no chão quando o demônio a deixou, e ficou ali imóvel, o corpo descontraído. Dez minutos depois, Patrícia ajudou-a a erguer-se. Ela abriu os olhos e pediu água. Em seguida convidei-a a sentar-se ao meu lado novamente. Desta vez, ela descansou a cabeça sobre meu joelho e disse:

— Por favor, ore mais por mim. Sinto-me tão leve agora!

Pedi-lhe que repetisse esta oração: "Obrigada, Deus, por eu ter sido libertada. Agora dedicarei minha vida a ti. Toma-a e usa-a para o teu propósito, e dá-me forças para seguir-te e permanecer fiel."

Sentamo-nos ali até as sete horas da noite, quando outras enfermeiras começaram a entrar no quarto. Elas ficaram sabendo o que havia acontecido e começaram a trazer-me seus problemas, pedindo-me que orasse por elas. Uma tremia de medo diante de um exame que teria de fazer. Outra sentia

dores de cabeça quando entrava na enfermaria. Uma terceira estava com os pais doentes em casa. Orei por todas elas.

Deixei de contar que em toda essa longa tarde e noite almoçamos e tomamos chá naquele quarto. Foi um dia muito intenso, e cada lembrança parecia realçá-lo — até mesmo o sabor dos nabos, bistecas de carne de vaca, bolinhos e banana que comemos.

Quando chegou a hora de partir, Patrícia e eu tomamos um riquixá de volta à Colônia Akhtar, onde eu estava hospedando-me com outra amiga. Tenho uma linda foto de lembrança daquelas duas irmãs. Elas realmente são lindas moças, e agora testemunham de Jesus no hospital.

O Senhor me usou para resolver situações de desentendimento entre as pessoas. Por eu ter sido tão mal compreendida por meus parentes, sei por experiência que uma palavra áspera, um pensamento maldoso pode atear um fogo inextinguível.

Como eu não tenho uma igreja que me sustente, dependo diretamente do Senhor para suprir todas as minhas necessidades. Já acordamos algumas vezes sem ter comida alguma dentro de casa, e ficamos esperando para ver como Deus satisfaria nossa necessidade. E ele sempre tem agido poderosamente. Mas há dias em que todos nós resolvemos ficar em jejum durante aquele dia. Nessas ocasiões chegamo-nos mais perto de Deus. Ele é nosso Pai. Sabe o que é melhor para nós e não falha, apenas nos prova por uns tempos.

Mesmo em minha pobreza, os pobres têm-se aproximado de mim. Muitos andam quilômetros e quilômetros, sem passagem de ônibus para voltar ao lar — e vemo-nos dando de nossos escassos recursos. Vêm em busca de ajuda espiritual, mas como podemos deixá-los partir sem satisfazer igualmente suas necessidades físicas? "De graça recebeste, de graça dai."

Fui chamada ao leito de um homem que chegara da Inglaterra e sofria de desinteria amebiana e um cisto. Isso foi em janeiro de 1981. Orei por ele, impus-lhe as mãos e ele se recuperou. O resultado disso foi que acabei indo

parar na Inglaterra e no Canadá, e lá preguei a grupos de asiáticos e ingleses.

O grande temor na mente de minha tia logo que testemunhei a respeito de minha cura por Jesus era de que eu tivesse de ir à Inglaterra. Bem, aqui estou, voltando os olhos por todo o caminho pelo qual meu Pai celestial me tem conduzido desde que comecei a confiar nele.

Hoje posso constatar que a viagem na qual meu pai embarcou comigo foi o início da busca incessante de minh'alma por um conhecimento mais profundo de Deus. Essa peregrinação fez surgir esperanças que, embora decepcionadas em Meca, levaram-me, especialmente depois da morte de meu pai, a buscar a Deus de uma forma urgente e desesperada. Estendi minha mão para o Jesus que cura — sem saber nada a respeito dele, exceto o pouco que havia lido no Alcorão — e fui restaurada.

Hoje, através do meu testemunho do poder de Deus, tento alcançar pessoas que estão aprisionadas atrás do véu do islamismo. Esse véu pode ser rasgado, arrancado, de modo que elas possam ver a Jesus Cristo, aceitá-lo como Salvador, ouvi-lo e amá-lo.

Já não necessito dos Cinco Pilares do Islã para sustentar a minha fé. Sou uma testemunha viva do Jesus crucificado, morto e sepultado, e depois ressurreto e vitorioso sobre a morte, e agora vivendo em cada um dos que a aceitaram e o servem. Minha *namaz* (oração) não é dirigida a um Deus impossível de ser conhecido, mas a um cuja história é encontrada em sua própria Palavra, a Bíblia Sagrada, meu mais precioso tesouro, escrita nas tábuas do meu coração e mente, da mesma forma que o Alcorão já esteve lá. Meu *zakat* (ou dízimo) já não é uma porcentagem, mas toda a minha renda, pois tudo que tenho pertence a Deus. Minha riqueza está entesourada nos céus. Meu jejum não é feito no Ramadã, para aplacar a Deus, de forma que eu possa estar certa de ir ao Paraíso, mas é feito com alegria, para eu poder conhecê-lo melhor. Minha *Hajj* (peregrinação) é a minha jornada através da vida. Cada dia me leva mais perto do meu alvo — estar com Jesus, meu Rei celeste, para sempre.

O sangue de touros, carneiros ou bodes jamais pode purificar o pecado, mas nós podemos entrar no santo dos santos com perfeita aceitação, através de um caminho novo e vivo — Jesus Cristo, isto é, através de seu sacrifício. Esse homem (Jesus), porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus (Hebreus 10:12).

Assim é Jesus, Cordeiro de Deus, profeta e sacerdote, Rei dos Reis, meu Senhor e meu Deus.